

Gabriel Sanches Teixeira

As formas verbais regulares e simples do
português brasileiro: uma proposta à luz da morfologia distribuída

Florianópolis, 2012.

Gabriel Sanches Teixeira

As formas verbais regulares e simples do
português brasileiro: uma proposta à luz da
morfologia distribuída

Tese submetida para a obtenção do título de doutor pelo curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora
Prof.a Emérita Leonor Scliar Cabral

Florianópolis, 2012.

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

T266f Teixeira, Gabriel Sanches

As formas verbais regulares e simples do português brasileiro [tese] : uma proposta à luz da morfologia distribuída / Gabriel Sanches Teixeira ; orientadora, Leonor Scliar Cabral. - Florianópolis, SC, 2012.
135 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Língua portuguesa - Brasil - Morfologia.
3. Língua portuguesa - Brasil - Verbos. I. Cabral, Leonor Scliar. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

Gabriel Sanches Teixeira

As formas verbais regulares e simples do português brasileiro: uma proposta à luz da morfologia distribuída

Tese submetida para a obtenção do título de doutor pelo curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina aprovada em 05 de dezembro de 2011 pela seguinte banca examinadora:

Prof.a Emérita Leonor Scliar-Cabral (Orientadora)

Prof.a Emérita Miriam Lemle – UFRJ

Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros – UFRJ

Prof.a Dr.a Sandra Quarezemim – UFSC

Prof.a Dr.a Izete Lehmkuhl Coelho – UFSC

Prof. Dr. Renato Miguel Basso – UFSC

Agradeço aos Professores
Leonor Scliar-Cabral, Miriam Lemle,
Alessandro Boechat de Medeiros e
à amiga Iara Simoni Pereira
pela disponibilidade.

Resumo

Este trabalho trata as formas verbais regulares simples do sistema verbal do português brasileiro sob uma perspectiva formalista: a da morfologia distribuída. O ponto de partida é a ideia de Oltra Massuet (1999) de que não só os radicais são estendidos por índices temáticos, mas que os morfemas modo-temporais também o são. Essa condição de boa formação é atingida através da aplicação de uma regra sobre todos os núcleos sintático-funcionais na morfologia, que gera nós adjacentes àqueles, ideias que também foram discutidas e aprofundadas nos trabalhos de Arregi (2000) e Pominio (2008). No entanto, em alguns casos a satisfação dessa regra leva a problemas de adjacência entre nós, de modo que não há como aplicar outras regras, como a de fusão, devido à interveniência desses novos nós. Isso levou à adaptação da proposta de Oltra Massuet em um ponto decisivo: somente os radicais podem ser estendidos por índices temáticos. A partir dessa mudança, todo o aparato foi reconstruído a fim de possibilitar a geração das formas regulares, por meio de três listas de vocabulário principais: uma para os índices temáticos, uma para as propriedades de tempo, modo e aspecto e outra para as de concordância. Durante o processo do estabelecimento dessas listas, o futuro do presente e o futuro do pretérito do modo indicativo foram excluídos do escopo de abrangência deste trabalho, pois foram considerados tempos compostos, mesmo que, aparentemente, possam não parecer. Outro aspecto, que destoa bastante em relação às análises tradicionais do sistema verbal do português, diz respeito ao presente do modo subjuntivo. Sincronicamente, os segmentos -e- e -a-, que tradicionalmente são analisados como morfemas modo-temporais, foram tratados como alomorfes morfologicamente condicionados dos índices temáticos da primeira, segunda e terceira conjugações, respectivamente. Essa análise é fundamentada nas propriedades acentuais do sistema verbal, que privilegia duas posições: o índice temático e a vogal imediatamente anterior a ele. Assim, a análise aqui apresentada difere, primeiro, daqueles trabalhos citados, por não postular um índice temático para os expoentes das propriedades modo-aspecto-temporais e, depois, da análise tradicional dada ao presente do subjuntivo, por postular um índice temático em aberto, condicionado morfologicamente, nesses contextos. Configurado dessa maneira, o sistema é, pois, capaz de gerar os vocábulos esperados para as formas simples e regulares dos verbos portugueses.

Palavras-chave: Sistema verbal do português. Morfologia Distribuída

Abstract

This work deals with simple regular verb forms in the verbal system of Brazilian Portuguese under a formalistic perspective: that of Distributed Morphology. The starting point is the idea from Oltra Massuet (1999) that not only are stems extended by thematic indices, but mood-temporal morphemes are too. This condition of well-formedness is achieved by the application of a rule , applied to all syntactic functional heads at the morphology level, which generates nodes adjacent to them. These ideas have also been discussed and studied in depth by Arregi (2000) and Pomino (2008). However, in some cases the satisfaction of this rule leads to adjacency problems between nodes, so that other rules, such as fusion, cannot be applied due to the intervention of these new nodes. This led to the adaptation of Oltra Massuet's proposal on a decisive point: only stems can be extended by thematic indices. After this change, the whole apparatus was rebuilt to enable the generation of regular forms through three main vocabulary lists: one for the thematic exponents, one for the properties of time, mood and aspect and another for agreement. During the process of establishing these lists, the simple future and the conditional were excluded from the scope of this work and were considered compound tenses, even if they do not apparently seem to be. Another point, that is quite different from the traditional analysis of the Portuguese verbal system, concerns the present of the subjunctive. Synchronically, the segments -e- and -a-, traditionally analyzed as morphemes of tense and mood, were treated as morphologically conditioned allomorphs of thematic exponents of the first, second and third conjugations, respectively. This analysis is based on the accentual properties of the verbal system, which favor two positions: the thematic exponent and the vowel immediately preceding it. Thus, the analysis presented here differs, first, from those works cited for not postulating a theme to the exponent of the properties of tense, mood and aspect, and, then, from the traditional analysis of the present subjunctive for postulating an overtly thematic exponent, conditioned morphologically in these contexts. Configured in this way, the system is consequently able to generate the expected vocabulary items for simple and regular forms of Portuguese verbs.

Keywords: Brazilian verbal system. Distributed Morphology.

Sumário

1	Introdução.....	11
2	Morfologia Distribuída: a base teórica.....	19
2.1	A estrutura interna dos vocábulos verbais I.....	23
2.1.1	Manipulação morfológica de nós e traços.....	52
2.2	A estrutura interna dos vocábulos verbais II.....	58
2.2.1	Manipulação morfológica de nós e traços.....	59
2.2.2	Regras de reajustamento fonológico.....	61
2.2.3	A linearização.....	63
3	O sistema verbal do português brasileiro.....	67
3.1	A composição dos diferentes vocábulos verbais.....	67
3.2	O modo indicativo.....	67
3.2.1	Pretérito imperfeito.....	68
3.2.2	Pretérito-mais-que-perfeito.....	76
3.2.3	Presente.....	80
3.2.4	Pretérito perfeito.....	94
3.3	O modo subjuntivo.....	100
3.3.1	Pretérito imperfeito.....	100
3.3.2	Futuro.....	104
3.3.3	Presente.....	110
4	O padrão acentual dos vocábulos verbais.....	117
5	Considerações finais.....	129
6	Referências Bibliográficas.....	135

1 Introdução

O trabalho aqui apresentado propõe uma abordagem formalista para as formas simples dos verbos regulares do sistema verbal do português brasileiro. No que diz respeito à inovação das ideias, o trabalho de Oltra Massuet¹ é o que dá início a uma nova proposta para a análise das formas simples dos sistemas verbais das línguas românicas. A análise é feita para o catalão e a abordagem teórica que lhe dá suporte é a da morfologia distribuída. O objetivo desse trabalho é o de provar que os índices temáticos são, no contexto verbal, exigências morfológicas sobre núcleos sintático-funcionais, mais especificamente, sobre os nós $\sqrt{\text{ (lê-se raiz)}}$ e T/M/A (lê-se tempo, modo e aspecto). “Isto é, como as vogais temáticas são marcadores ou classificadores de categoria, [a] análise fornece um forte argumento para uma abordagem sintática da formação do vocábulo, em que as categorias morfológicas são determinadas pela configuração sintática”². Eis aí o ponto de partida para a análise de Oltra Massuet: índices temáticos como marcadores categoriais ou classificadores. Na verdade, essa é uma visão adaptada de Aronoff, para quem o índice temático é “[...] um marcador da categoria verbo [...] [que] [...] vem após o morfê que designa a categoria verbal, independente de esse morfê ser uma raiz ou um afixo”³. Em outras palavras, o que Oltra Massuet quer é questionar a abordagem tradicional, representada pela definição de Aronoff, e propor uma nova análise para os índices temáticos do tema verbal, estendendo seu alcance também para aquilo que se costuma denominar morfemas modo-temporais. Isso equivale a dizer que, além do radical, os morfemas cumulativos em português de tempo, modo e aspecto teriam também um tema.

Algumas evidências, que justificam tal proposição inclusive para o português, são elencadas. A primeira delas diz respeito exatamente àquela definição tradicional de índice temático, qual seja, a de que o índice temático seleciona os morfemas que realizarão as propriedades aspecto-modo-temporais dos vocábulos verbais. Nesse sentido, por exemplo, o índice temático -a- selecionaria o morfema -va- para a primeira conjugação, no pretérito imperfeito do indicativo, e os índices temáticos

1 1999.

2 “That is, since theme vowel are category markers or classifiers, th[e] analysis provides a strong argument for a syntactic approach to word formation in which morphological categories are determined by syntactic configuration.” (OLTRA MASSUET, 1999, p. 31, tradução nossa).

3 “[...] a marker of the category verb [...] [that] [...] appears after the morph that carries the category verb, regardless of whether that morph is a root or an affix.” (ARONOFF, 1994, p. 46, tradução nossa).

-i- e -e- selecionariam o morfema -ia-, para o mesmo tempo. Continua-se o exame das diferentes seleções, no modo indicativo, e percebe-se que o contraste desaparece: os demais morfemas aspecto-modo-temporais são idênticos para todos os índices temáticos: -ra-, para o pretérito-mais-que-perfeito; -ra-, para o futuro do presente e -ria- para o futuro do pretérito. O pretérito perfeito e o presente do indicativo não dispõem de morfema segmentável para essas propriedades, com exceção da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito, em que aparece -ra-, para todas as conjugações. Se é assim, por que os índices temáticos não selecionam pelo menos dois diferentes morfemas, mantendo-se a dicotomia estabelecida entre -a- *versus* -e- e -i- no pretérito imperfeito, nesses outros tempos? Aparentemente não há explicações, pois a tendência diacrônica é o desaparecimento das diferenças entre as conjugações e no caso do pretérito imperfeito o movimento inverso foi trilhado, uma vez que no latim o morfema -ba- era o mesmo para as quatro conjugações. Além disso, o pretérito-mais-que-perfeito só é distinguível, com exceção das primeiras pessoas, tanto do plural quanto do singular, do futuro do presente pela prosódia. Assim, as supostas propriedades seletivas dos índices temáticos se baseiam, no caso do indicativo, apenas em evidências observadas no pretérito imperfeito.

A partir apenas dessa evidência, seria possível se pensar que há em português só duas conjugações: uma em -a- e outra em -e- e -i-. Por que uma conjugação em -e- e -i-? Porque na formação de alguns temas, há uma neutralização patente entre ambas; mas em outros, quando o acento tônico recai sobre o índice temático, isso não ocorre. Além disso, há, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, o fenômeno chamado de harmonia vocálica em verbos cuja última vogal do radical no infinitivo for [-alta] e [-baixa] (p. ex.: levo, corro e repito). Esses seriam os principais motivos para a manutenção das três conjugações em português e, por serem em alguns momentos decisivas as informações intrínsecas das raízes, também se mantém o sistema temático tripartite neste trabalho.

E o modo subjuntivo? Para o presente do subjuntivo, Mattoso Camara⁴ assume que há também uma seleção diferenciada dos morfemas aspecto-modo-temporais via vogal temática: -e-, para a primeira conjugação e -a- para a segunda e terceira. Essa abordagem se justifica diacronicamente: se se atentar para as formas latinas, percebe-se que em algumas delas há a coocorrência do índice temático e do sufixo modo temporal (p. ex., um verbo da segunda conjugação na segunda pessoa do

4 MATTOSO CAMARA JR., 1970.

singular do presente do subjuntivo latino: *del/e/a/s*, segmentável da seguinte forma: radical/índice temático/morfema aspecto-modo-temporal/desinência de número); mas não em todas (p. ex. um verbo da terceira conjugação na segunda pessoa do singular do presente do subjuntivo: *leg-a-s*, que tem seu índice temático realizado por um morfema zero), de modo que essa segunda marca segmentável faria a oposição entre os presentes do indicativo e do subjuntivo; mesmo que seja uma marca redundante, pois o contexto sintático já a assinala. Em português, não haveria, portanto, segmentalmente, segundo essa proposta, a presença de um índice temático no presente do subjuntivo; mas será que sincronicamente isso é assim?

O método mais empregado nas análises estruturalistas é o de item-e-arranjo, que “consiste em primeiro segmentar os morfemes pela comutação num marco e depois agrupar em classes os alomorfes que estão em distribuição complementar ou variação livre, numa mesma classe de morfema”⁵. Esse procedimento é feito de acordo com os privilégios de ocorrência em análise “absolutamente sincrônica”⁶, uma vez que é “ilusório partir de uma forma primeira, considerada, relativamente de origem”⁷. Então, para a apreensão dos morfemas compostos dos vocábulos verbais, é preciso, primeiro, que se segmentem os morfemes pela comutação num marco. Esses marcos já são bastante conhecidos e têm como primeiro critério para seu estabelecimento a recorrência de um traço semântico constante. Se forem tomados os vocábulos das primeiras pessoas do singular de todos os tempos verbais do indicativo e do subjuntivo, será possível constatar que, sincronicamente, os expoentes segmentáveis *-e-* e *-a-* cumulam em si, funcionalmente, a distinção entre primeira *versus* segunda e terceiras conjugações e as noções conjugadas pelo presente do subjuntivo (cf. (1.1) abaixo).

Outros critérios são a “distribuição e identidade em relação com os padrões gramaticais [...] e [...] a ordem que formas linguísticas podem ocupar na sucessão do enunciado”⁸. Segundo esses últimos, os referidos expoentes não poderiam ser tratados como índices temáticos, uma vez que se costuma adotar no quadro teórico do estruturalismo a formação prisciânica dos verbos, *i. e.*, a formação de temas via derivação, sendo o presente do subjuntivo derivado da primeira pessoa do presente do indicativo. Nesse caso, o tema do presente do indicativo, do qual seriam derivadas as formas do presente do subjuntivo, seria, por exemplo, “cant”.

5 SCLIAR-CABRAL, 1973, p. 105.

6 SCLIAR-CABRAL, 1973, p. 105; cf. também MATTOSO CAMARA JR., 1977, p. 57.

7 MATTOSO CAMARA JR., 1977, p. 58.

8 SCLIAR-CABRAL, 1973, p. 108.

Como esse tema não “tem” índice temático em aberto, as formas dele derivadas também não o deveriam ter. Soma-se a isso a ideia de que geralmente as formas derivadas têm um morfema em aberto para as propriedades de modo, aspecto e tempo e o -e- e o -a- das formas do subjuntivo, só podem ser encarados como morfemas modo-aspecto-temporais.

O imperativo é também derivado do tema da primeira pessoa do singular do indicativo, menos nas segundas pessoas do imperativo afirmativo, homólogas às do presente do indicativo menos /S/ e, por isso, o índice temático, em todas as conjugações, não seria suprimido. Nas outras pessoas, fora, obviamente, a primeira, o imperativo se comportaria como o presente do subjuntivo: o índice temático selecionaria o morfema modo-temporal e seria posteriormente apagado. O condicionamento gramatical, no caso das segundas pessoas do imperativo, contudo, não parece ser um empecilho para a abordagem estruturalista.

Não há como negar que há, sim, semelhanças sistemáticas entre as formas desses tempos, quando comparadas às de outros, de verbos irregulares, por exemplo, ou mesmo os regulares sujeitos às chamadas regras de metafonía. Todavia, o postulado de formas primitivas é incompatível com a proposta formalista aqui intentada, mesmo que “o conceito de 'forma primitiva' [seja] sincrónico, de sorte que a forma primitiva não é a gênese diacrónica das formas que dela se tiram, necessariamente”⁹. Isso faz com que essas regularidades sejam recuperadas por outro meio: regras morfológicas e/ou fonológicas, como se verá quando do tratamento da primeira pessoa do singular do indicativo e o fenômeno de harmonia vocálica.

Por esse tipo de axioma não ser levado em consideração no desenvolvimento do texto, será ignorado aqui também, de modo a privilegiar outros aspectos de distribuição e identidade em relação com os padrões gramaticais e a ordem que formas linguísticas podem ocupar. Nesse sentido, aqueles expoentes do presente do subjuntivo, a saber: -a- e -e-, poderiam ser tratados como índices temáticos, uma vez que, em todos os outros conjuntos de vocábulos, há sempre, depois do radical, um índice temático, isto é: o morfema que pode ser zero é o de tempo, modo e aspecto e esse nunca é realizado por uma vogal única, como é o caso daquele.

9 MATTOSO CAMARA JR., 1986, p. 121.

(1.1)	Pres. Ind.	cant			o
	Pret. Perf. Ind.	cant	e		i
	Pret. Imp. Ind.	cant	a	va	
	Pret. m. q. Perf. Ind.	cant	a	ra	
	Fut. Pres. Ind.	cant	a	re	i
	Fut. Pret. Ind.	cant	a	ría	
	Pres. Subj.	cant		e?	
	Pret. Imp. Subj.	cant	a	sse	
	Fut. Subj.	cant	a	r	

Em (1.1) há ainda outro ponto a ser observado: a intensidade mais forte incidindo na raiz em oposição à intensidade da vogal temática ou do morfema aspecto-modo-temporal. O partilhamento dessa mesma propriedade é, também, elencada como indicativo da derivação do presente do subjuntivo em relação à primeira pessoa do presente do indicativo. Como se verá, há, primeiro, uma regra geral, aplicável a todos os vocábulos verbais: o nó *v* sempre será estendido por um índice temático. Assim, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, há a inserção de *-a-*, na primeira conjugação, com o posterior apagamento desse item de vocabulário; mas no presente do subjuntivo o item de vocabulário a ser inserido para o nó *It*, ou do Índice temático, para essa mesma conjugação, é */e/*, uma forma supletiva da vogal temática. Como é também sabido, vogais temáticas não têm significado, mas funcionalmente veiculam, nesse caso, além do pertencimento a um determinado conjunto de verbos, as informações de tempo, modo e aspecto. Da mesma forma que é uma alomorfia: “uma forma linguística não idêntica a si mesma em todos os contextos em que figura”¹⁰. Como a alomorfia pode ser “livre ou condicionada pelo contexto em que a forma se acha”¹¹, Oltra Massuet¹² assume, para o catalão, e Arregi¹³ e Pomino¹⁴, para o espanhol, línguas em que fenômeno parecido ocorre, sincronicamente, que esse segmento seja o índice temático, condicionado pelo contexto morfológico. Mas mesmo que essa seja a abordagem a ser dada àqueles segmentos, ela não se mostra de todo satisfatória porque os argumentos poderiam ser elencados de forma idêntica para o postulado de um morfema aspecto-modo-temporal. A mais significativa diferença seria a necessidade de inclusão de uma regra que apague a vogal temática. Se esse for o ca-

10 MATTOSO CAMARA JR., 1977, p. 56.

11 MATTOSO CAMARA JR., 1977, p. 57.

12 1999.

13 2000.

14 2008.

so, a primeira solução fica em vantagem por tratar o fenômeno com um número menor de símbolos: ambas as propostas apresentadas postulam tanto a inserção de um índice temático, quanto de um morfema aspecto-modo-temporal – no primeiro caso ele é zero; além disso, a segunda postula o apagamento da vogal temática, o que pesa negativamente na comparação entre as duas.

De todo modo, a decisão, entre quais propriedades seriam recobertas pelos itens -a- e -e- do presente do subjuntivo, poderia ser mais elucidativa se sincronicamente fossem encontrados verbos que mantivessem nesse tempo o índice temático e houvesse a coocorrência do expoente, equivalente, nesse caso, ao morfema de modo, aspecto e tempo – da mesma forma que no exemplo latino de *delēre*.

Há, de fato, pelo menos um grupo de verbos que atende a essa descrição e destoa dos demais, pertencentes ao padrão geral: *atrair, cair, contrair, decair, descair, descontrair, desvair, detrair, distrair, embair, esvair, extrair, mair, protrair, recair, ressaír, retraír, retrotraír, saír, subtraír, sobressaír, traír*. Nesses casos, além da manutenção do suposto índice temático no presente do subjuntivo (*atra-i-a, ca-i-a, contra-i-a*, etc), ele se mantém também nas formas da primeira pessoa do singular do presente do indicativo: *atra-i-o, ca-i-o, contra-i-o*, etc. O que não se deve esquecer aí é que esse é um grupo fechado de verbos e, sendo assim, independente da abordagem a ser seguida, serão necessárias regras extras que expliquem o comportamento desse grupo, de modo que a existência de um grupo de verbos com funcionamento semelhante àquele do latim pouco ajuda na decisão acerca dos dados sincrônicos.

Mesmo que, pelo exposto até agora, seja possível os expoentes -e- e -a- serem tratados como expoentes das categorias de modo, tempo, e aspecto, esses segmentos são passíveis de serem tratados como expoentes das propriedades temáticas das raízes, uma vez que essa abordagem pode contribuir para uma nova compreensão acerca do sistema verbal do português, principalmente, porque, como se verá no capítulo quatro, essa decisão desempenha um papel decisivo na definição do algoritmo que gera os padrões de acentuação das formas simples e regulares. É essa última, pois, que será intentada nas próximas páginas e se é assim, o pretérito imperfeito do indicativo seria a única possibilidade de se argumentar em favor da seleção de morfemas pelos índices temáticos, uma vez que em nenhum dos tempos do subjuntivo ocorre seleção diferenciada: -sse-, para o imperfeito, e -r-, para o futuro. Esse é também o caso das formas nominais.

Além desses indicadores da não seleção de morfemas pelo índi-

ce temático a partir da segmentação de verbos, podem-se elencar as propriedades dos índices temáticos dos nomes. Que os nomes são passíveis de classificação, segundo índices temáticos, é amplamente aceito – o sistema nominal português já foi inclusive tratado sob a ótica da morfologia distribuída¹⁵. Os nomes têm índice temático e esses índices temáticos não têm quaisquer propriedades seletivas. Caso se queira, então, manter as propriedades seletivas dos índices temáticos verbais, é preciso se fazer uma distinção entre índices temáticos verbais e índices temáticos nominais. Mesmo assim, se o índice temático do tema verbal tiver propriedades seletivas, nada impede que os sufixos modo-temporais-aspectuais formem temas com índices temáticos desprovidos desse tipo de propriedade.

Mattoso Camara Jr. escreve que “no índice temático não há significação e sim, apenas, distribuição mórfica”¹⁶. Por distribuição mórfica entende a característica comum de um conjunto de vocábulos da mesma espécie. No contexto verbal, isso significa que os diferentes radicais devem conter informações idiossincráticas, associando-os em grupos, que, por sua vez, são identificados através de índices temáticos específicos. Se o índice temático for apenas a contraparte fonológica dessas propriedades, seria possível supor, por extensão, que a diferença estabelecida entre primeira, segunda e terceiras conjugações no pretérito imperfeito do indicativo e no presente do subjuntivo se baseia também nessas informações. Isso é plausível na medida em que é simples dizer apenas que o radical /kât/ forma um tema em -a- e que esse último seleciona as morfemas que podem ou não figurar no contexto modo-temporal-aspectual. Nessa afirmação não fica claro, todavia, em momento algum, como o radical *sabe* que formará um tema em -a-.

Para o argumento final retomo outra vez as ideias de Mattoso Camara Jr., que define o tema como a “parte do vocábulo flexional em que o radical se amplia com um segmento fônico, chamado índice temático”¹⁷. É nessa extensão do radical por um segmento fônico, sem significado, que se vê, nesse trabalho, a expressão daquela propriedade que *diz* que o radical /kât/ forma uma tema em -a- e não em -e-. O fato de ser -a- e não -e- a expressar tal propriedade é arbitrário. Se for assim, então, as propriedades intrínsecas das raízes são expressas no pertencimento a um determinado grupo, refletido no índice temático, de modo que os índices temáticos não selecionam quaisquer morfemas, não sendo essa

15 ALCÂNTARA, 2002.

16 1986, p. 231.

17 1986, p. 321.

propriedade a impedir o postulado de índices temáticos para os morfemas modo-temporais.

Além disso, há um indício menor para a proposta de morfemas modo-temporais-aspectuais temáticos: as vogais presentes nos morfemas modo-temporais são as mesmas que expressam os índices temáticos dos verbos, isto é, -a-, -e- e -i-, instigando a busca por correlações.

Essas questões são interessantes, merecem atenção e justificam o trabalho ora apresentado para as formas simples do português do Brasil, pois, como apontou Oltra Massuet, “não seremos capazes de compreender completamente o sistema verbal [das línguas romances] sem que primeiro corrijamos e desenvolvamos nossa compreensão da noção de vogal temática”¹⁸. Por isso, o texto está dividido em dois blocos principais: no primeiro, a proposta de Oltra Massuet¹⁹, que trata também as vogais dos morfemas modo-temporais como índices temáticos, será discutida; como ela será refutada, o segundo bloco trata da adaptação da proposta e sua aplicação às formas simples dos verbos regulares do português brasileiro.

O texto, entretanto, não está disposto em apenas dois capítulos. No próximo capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos que dão suporte ao trabalho e é nesse capítulo também que a proposta de Oltra Massuet é apresentada, discutida, refutada e reformulada. No terceiro, baseado na última parte do segundo capítulo, o modo de interação das regras sintáticas, morfológicas e fonológicas é aplicado às formas verbais de três verbos (amar, bater e partir) em todos os tempos dos modos indicativo e subjuntivo, entendidos como formas de fato não-perifrásticas. O imperativo e as formas nominais não figuram por não conterem quaisquer expressões das propriedades de tempo. O quarto capítulo apresenta um algoritmo para o padrão de acentuação desses mesmos vocábulos, que serviu como principal argumento para o novo tratamento dos segmentos -e- e -a-, do presente do subjuntivo (como em *am-e*, *bat-a* e *part-a*), isto é, tratá-los como alomorfes do índice temático. Serviu, também, para a inserção do -ra- na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito: sem o impedimento da regra de fusão, haveria mais um sincretismo entre presente e pretérito perfeito do indicativo. Algumas considerações finais fecham o trabalho, no quinto capítulo.

18 “We will not be able to achieve a full account of the internal organization of the verbal system of [Romance languages] unless we first correct and improve our understanding of the notion of the theme vowel.” (OLTRA MASSUET, 1999, p. 10, tradução nossa).

19 1999.

2 Morfologia Distribuída: a base teórica

A abordagem adotada neste trabalho é a de cunho gerativo e aí as discussões no que diz respeito à morfologia foram polarizadas por duas propostas: ou a sintaxe opera com vocábulos prontos, ou eles são construídos na sintaxe. Prós, contras e respectivas consequências para os modelos de gramática propostos não cabem aqui; o que se quer é chamar a atenção para a principal parte do problema tratado nesses embates, qual seja, a da inter-relação entre propriedades morfossintáticas, semânticas e morfofonológicas, no nível do vocábulo e no da sentença.

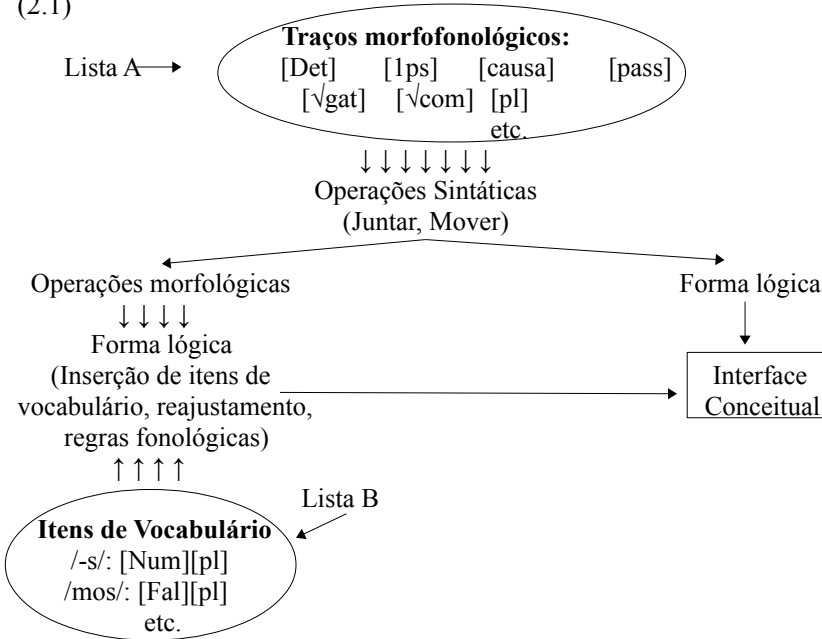
No texto que aqui se apresenta, será utilizada a morfologia distribuída, doravante MD, como subsídio teórico. A morfologia distribuída, como tal, nasce, propriamente, no artigo de Halle e Marantz¹ e é assim nomeada por não concentrar em um único componente ou módulo da gramática a maquinaria do que tradicionalmente chamamos de morfologia, mas a distribui no decorrer da derivação (cf. (2.1)). Ao assumir características de diferentes abordagens, a MD se revela, no conjunto final, uma variante diversa das demais, principalmente, por possibilitar uma visão separacionista radical das propriedades daquela entidade comumente denominada morfema, havendo, nesse caso, de um lado, traços de natureza morfossintática e, de outro, morfofonológica. Apresentar o modo adotado aqui de conciliar uma versão dessa proposta, e os seus corolários, com a correspondente distribuição ao longo do processamento, é tarefa do presente capítulo.

A proposta sugere um primeiro componente de operações sintáticas, sujeitas a princípios ditados pela gramática universal (GU) e a parâmetros das correspondentes línguas, que manipulam raízes e traços, oriundos de uma lista inicial de entradas, a lista A. Nesse primeiro momento, são definidas as posições e as composições dos nós terminais. Essas estruturas constituem, por sua vez, os dados a serem entregues ao componente denominado morfologia. Aí os nós podem ser submetidos a um segundo conjunto de operações, sujeitas àqueles mesmos princípios, e sofrer alterações de ordem, número, composição e posicionamento hierárquico, podendo ser alterados substancialmente os dados de entrada do componente fonológico. Por se submeterem ambos os componentes aos mesmos princípios, diz-se que o que há é uma estrutura sintática uma hierarquicamente organizada, não havendo mais espaço para a separação estanque entre morfologia e sintaxe, isto é, fazer morfologia é fazer sin-

1 1993.

taxe.

(2.1)



Os dados de saída do componente sintático e, conseqüentemente do morfológico, não possuem, nessa acepção rígida, forma fonológica, que ainda precisa ser inserida. Essa propriedade desempenha um papel fundamental na aplicabilidade de operações antes da inserção da contraparte fonológica. Nesse momento da derivação, como se pode depreender de (2.1), operações morfológicas podem ocorrer. Uma das operações que podem aí ocorrer é a de fusão, apresentada em (2.2).

(2.2) Operação de fusão: através dela dois nós terminais irmãos, sob um único nó categorial, são fundidos em um único nó.

Como efeito da regra, no contexto em que aplica, de dois nós adjacentes, resta apenas um, de modo que apenas um item de vocabulário pode ser inserido para esse nó resultante. Suponha-se uma estrutura como (2.3 a), abaixo.

(2.3)



O efeito da regra de atuação numa configuração como a de (2.3 a) que afetasse os nós X_3 e X_4 poderia ser o esquema representado em (2.3 b). Dentro do arcabouço teórico aqui proposto, os nós X_3 e X_4 , depois da atuação da regra, não estão mais disponíveis para a inserção de item de vocabulário individualmente: o resultado é que o nó fusionado passa agora a competir por itens de vocabulário.

As *peças* de material fonológico são denominadas expoentes, que quando especificadas por traços pareáveis com os dos nós finais são chamadas de itens de vocabulário². Essa posição separacionista radical de inserção tardia de itens de vocabulário, discutida sistematicamente em Marantz³, não será adotada aqui. Assume-se, no entanto, junto com Embick⁴, uma versão não radical dessa relação: “os itens de vocabulário de classes abertas (lexicais), tratados como *raízes*, não são apenas a realização de feixes de traços. Eles consistem em representações fonológicas, que têm significados enciclopédicos (*i. e.*, não só baseado em traços)”⁵. Assim, pelo menos, as raízes são dotadas de traços fonológicos e semânticos já na lista inicial de entradas, ou lista A (Cf. (2.1)).

Todas as outras formas fonológicas, que não aquelas das raízes, são, então, nessa versão não tão rígida, alocadas em um segunda lista, a lista B. É através dessa lista que os nós sintáticos, que não dispõem de forma fonológica ainda, alcançam sua forma final pela inserção da contraparte fonológica. Isso é feito através do pareamento de traços especificados em duas instâncias: nos nós terminais da derivação sintática e nos itens de vocabulário, que realizarão fonologicamente aqueles nós. Para a exemplificação do mecanismo será empregada parte do conjunto de traços de concordância verbal. Suponha-se que o nó sintático final φ

2 Cf. EMBICK, 2000.

3 1995.

4 2000.

5 “The open-class (lexical) vocabulary items, referred to as *Roots*, are not simply the realizations of features bundles. They consist of phonological representations, which have encyclopedic (*i. e.*, not purely featural) meanings.” (EMBICK, 2000, p. 187., tradução nossa).

deva conter traços ou feixes de traços de traços como [Falante], [Destinatário] e [Grupo]. Tome-se, por exemplo, uma lista (não definitiva para o português) de itens de vocabulário especificados como em (2.4).

- (2.4) Concordância
- | | | | |
|----|-------|---|------------------------|
| a. | /moS/ | ↔ | $\varphi_{[fal, gru]}$ |
| b. | /iS/ | ↔ | $\varphi_{[des, gru]}$ |
| c. | /S/ | ↔ | $\varphi_{[des]}$ |

No vocábulo propriamente dito, /iS/ sofre, devido ao esforço maior para os gestos articulatórios quando da prolação de duas vogais contíguas, particularmente quando a segunda não for acentuada, a perda do traço [+silábico], passando à correspondente semivogal: /jS/. A grafia, entretanto, se mantém como “i”. Por conterem mais traços, (2.4 a) e (2.4 b) estão sendo encarados como os itens mais especificados e por isso em posição mais alta. (2.4 a) encabeça a lista por conter o traço [falante], considerado o mais especificado.

Feito essa ressalva, os itens de vocabulário especificados conforme (2.4) sempre serão inseridos pelo sistema quando tiverem seus traços pareados com os de nós sintáticos finais. Isso não significa, entretanto, que todos os traços precisam ser pareados para que determinado item seja inserido: os itens de vocabulário podem ser subespecificados. Não é difícil imaginar um contexto em que isso pudesse ocorrer, dadas as especificações de (2.4): se, por exemplo, um nó qualquer de concordância contiver apenas o traço [fal], nenhum dos itens de (2.4) poderia ser totalmente pareado com a especificação do nó. Além disso, os itens (b) e (c) seriam especificados por traços que não figuram sob o nó. Essas aparentes dificuldades são abordadas na MD pelo princípio do subconjunto⁶ ou da subespecificação: se os traços sob o nó são tais que contenham [φ [fal]], é preciso que todos os itens sejam “testados” para que se possa estar certo de que há ou não compatibilidade entre eles e o nó, *i. e.*, todos os itens de vocabulário competem pela inserção até serem eliminados por incompatibilidade com os traços do nó. Subespecificação significa, então, que nem todos os traços precisam ser pareados; porém, se o item de vocabulário contiver algum traço que não esteja presente sob o nó sintático final, ele obrigatoriamente não poderá ser inserido. No caso em discussão, há apenas um item de vocabulário compatível com os traços do nó: (2.4 a), uma vez que a presença do traço [gru] no item

6 HALLE, 1997, p. 428.

de vocabulário não impede a sua inserção. Esse princípio de funcionamento aplica para todos os itens de vocabulário e será decisivo no postulado de um morfema zero especificado. Mesmo que seja possível o postulado de um morfema zero especificado, assume-se, junto com Halle e Marantz, “a posição radical de que a gramática universal insere um zero fonológico como a realização fonológica *default* para um morfema não marcado.”⁷

Também nos casos de sincretismos seriam perdidas interessantes possibilidades de generalização, na eventualidade de se propor uma lista B com itens totalmente especificados. Esses casos são mais harmoniosamente tratados, aceitando-se a subespecificação dos itens de vocabulário, isto é, se um item de vocabulário contiver um traço que não faça parte do nó, não pode ser inserido; mas se o nó contiver um traço para o qual o item não é especificado, nada impede de, na ausência de um mais especificado, ser ele o inserido⁸.

Assim, a MD é caracterizada por três propriedades principais⁹: estrutura sintática hierárquica una, inserção fonológica tardia e subespecificação de itens, de acordo com a forma de gramática apresentada em (2.1).

2.1 A estrutura interna dos vocábulos verbais I

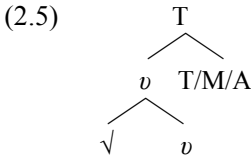
Como esta é uma abordagem sintática formalista da formação de vocábulos, há certos princípios que sua formação deve obedecer. O primeiro deles é que a raiz esteja inserida em um contexto verbal. Isso ocorre quando é adjungida a um núcleo verbalizador *v*; mas um verbo não é formado apenas pelo núcleo sintático-funcional *v*: um verbo tem os núcleos sintático-funcionais *v*, tempo, modo e aspecto c-comandando a raiz. Assim, uma raiz faz parte de um vocábulo verbal quando está adjunta e é c-comandada por *v*, T, M e A, conforme (2.5).

Os traços de T, M e A podem ser fundidos em um único nó, como no português, ou não, variando de acordo com a língua e/ou contexto. Na sintaxe propriamente dita, apenas essas informações, além das do nó *v*, são legíveis. Esses nós representam as primeiras peças de que são compostos os vocábulos verbais.

7 “The radical view, that Universal Grammar provides a zero spell-out as the default phonological realization of a morpheme in the unmarked case.” (HALLE; MARANTZ, 1993, p. 143, tradução nossa).

8 HALLE, 1997.

9 HALLE; MARANTZ, 1994.



Uma informação intrínseca das raízes que parece ser indispensável para qualquer proposta de maquinaria que queira dar conta da gênese dos vocábulos, verbais ou não, são as informações sobre a formação de conjuntos específicos de raízes. Isso se deve ao fato de não haver como negar semelhanças abstraídas de certos grupos de vocábulos, de modo que é preciso que as raízes contenham, também, informações que as identifiquem em grupos que compartilham algumas propriedades.

Nos verbos, isso toma forma no que chamamos de conjugações. Como saber, sem qualquer indicação, que as raízes $\sqrt{k\hat{a}t/}$, de *cantar*, e $\sqrt{fal/}$, de *falar*, ocorrem em vocábulos que compartilham algumas propriedades, não compartilhadas, por exemplo, por vocábulos em que as raízes $\sqrt{sub/}$, de *subir*, e $\sqrt{kom/}$, de *comer*, figuram?

A aceitação desse tipo de informação nas raízes é patente, mesmo que para alguns supostos contra-exemplos isso não seja verdade. Esse é o caso do par *negre/ennegrir* do catalão. A raiz $\sqrt{negr/}$ “negro” não seria propriamente dotada de qualquer marcação conjugacional. O que acontece, segundo Oltra Massuet¹⁰, é a adjunção posterior a um morfema, resultado de condições de localidade estrita, que provê à raiz essa informação. Por ora esses casos serão ignorados.

Para o português, pode-se formalizar a marcação conjugacional, segundo o esquema de Oltra Massuet¹¹, da seguinte maneira:

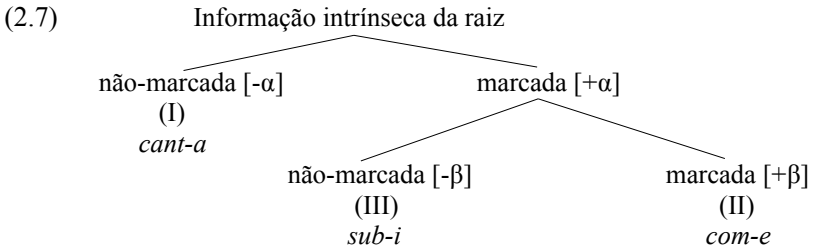
- (2.6) a. Raízes sem especificação de conjugação:
 $\sqrt{k\hat{a}t/}$
- b. Raízes com especificação de conjugação:
 $\sqrt{kom/_{[+\beta]}}$ $\sqrt{sub/_{[+\alpha]}}$

O que se vê aí é o resultado de uma hierarquia de marcações, (2.7), baseada, primeiro, na produtividade de ocorrência das diferentes raízes em vocábulos verbais. Como as raízes do tipo $\sqrt{k\hat{a}t/}$ compõem o

10 1999.

11 1999, p. 21-22.

conjunto com o maior número de integrantes, a tradição que se estabeleceu nos estudos linguísticos as torna o caso geral e, por isso, não demandam qualquer marcação. Essas raízes não-marcadas se opõem às marcadas, que, por sua vez, são também subdivididas em marcadas e não-marcadas. A segunda conjugação assume a posição marcada, nessa segunda subdivisão, porque as neutralizações, que ocorrem entre segunda e terceira conjugações, são sempre no sentido de -e- para -i-. Se for assim, as neutralizações são mais facilmente recuperadas e dão conta da oposição entre primeira versus segunda e terceira conjugações.



Dada a hierarquia de (2.7), as conjugações seriam formadas pela combinação binária dos traços primitivos $[\pm\alpha]$ e $[\pm\beta]$, conforme (2.8), e são sempre minimamente especificadas para esses traços, *i. e.*, representadas somente através de traços positivos, como em (2.6).

- (2.8)
- | | | |
|----|---------------|-----------------------|
| a. | 1ª conjugação | $[-\alpha]$ |
| b. | 2ª conjugação | $[\pm\alpha, +\beta]$ |
| c. | 3ª conjugação | $[\pm\alpha, -\beta]$ |

A diferença entre (2.6) e (2.8) se deve às regras de redundância (2.9). Como pode ser facilmente observado, se uma raiz contiver o traço $[\pm\beta]$, conterà, também, e automaticamente, o traço $[\pm\alpha,]$ (cf. também (2.7)) e se contiver somente o traço $[\pm\alpha]$, corresponderá, automaticamente, às raízes $[-\beta]$.

- (2.9)
- | | | | |
|----|---------------|---|----------------|
| a. | $[\quad]$ | → | $[-\alpha]$ |
| b. | $[\pm\beta]$ | → | $[\pm\alpha,]$ |
| c. | $[\pm\alpha]$ | → | $[-\beta]$ |

Assim, as raízes são ou não especificadas idiossincraticamente, de modo que podem pertencer, no contexto verbal, a três diferentes conjuntos. Como isso se reflete no vocábulo verbal propriamente dito, faz parte do jogo de inter-relações entre as diferentes peças. Entre elas a que congrega os diferentes conjuntos de traços relativos ao modo, aspecto e tempo. Oltra Massuet¹² assumiu os seguintes valores e traços para o sistema verbal do catalão:

(2.10) Presente Ind.	[finito, -passado, -subjuntivo]
Presente Subj.	[finito, -passado, +subjuntivo]
Imperfeito Ind.	[finito, +passado, -subjuntivo, -perfeito]
Imperfeito Subj.	[finito, +passado, +subjuntivo]
Passado	[finito, +passado, +perfeito]
Futuro	[finito, -passado, +futuro]
Condicional	[finito, +passado, +futuro]

Essa classificação se baseia em considerações sintáticas padrão¹³. Quais seriam e como chegou a essas considerações não são mencionados no texto. Isso, todavia, se torna relevante ao se atentar para o fato de que se apenas as propriedades marcadas positivamente forem levadas em consideração, é possível se distinguirem todos os tempos, isto é, se quaisquer traços não marcados positivamente forem encarados, automaticamente, como negativos, resultando em (2.11).

(2.11) Presente	[finito]
Presente Subjuntivo	[finito, +subjuntivo]
Imperfeito	[finito, +passado]
Imperfeito Subj.	[finito, +passado, +subjuntivo]
Passado	[finito, +passado, +perfeito]
Futuro	[finito, +futuro]
Condicional	[finito, +passado, +futuro]

A questão aí ocultada é a necessidade e/ou relevância da presença ou não de traços negativos nas especificações. Noyer¹⁴ argumenta que em alguns casos há, sim, a necessidade da presença de traços negativos, mas no trabalho de Oltra Massuet sua relevância não é clara. Independentemente, se os traços de (2.11) forem tomados como válidos e se, a

12 1999.

13 OLTRA MASSUET, 1999, p. 31.

14 1992.

partir deles, se intentar uma classificação dos tempos verbais do português, em que há para todos os conjuntos do catalão um equivalente, mas não só (há além deles o pretérito-mais-que-perfeito e o futuro do subjuntivo), não se chegará a resultados satisfatórios. Seria possível propor algo como (2.12), abaixo, para o português, assumindo que qualquer traço não positivo é automaticamente negativo, ou não marcado, por falta de indicação explícita na proposta de Oltra Massuet, e assim não figurando nas especificações.

(2.12) Presente	[finito]
Presente do Subjuntivo	[finito, +subjuntivo]
Imperfeito	[finito, +passado]
Imperfeito do Subjuntivo	[finito, +passado, +subj.]
Pretérito Perfeito	[finito, +passado, +perfeito]
Pretérito-mais-que-perfeito	[finito, +passado, +perfeito]
Futuro	[finito, +futuro]
Futuro do Pretérito	[finito, +passado, +futuro]
Futuro do Subjuntivo	[finito, +subjuntivo, +futuro]

O futuro do subjuntivo é facilmente incorporado ao esquema devido à presença do traço [+subjuntivo], mas o pretérito-mais-que-perfeito não o é. Isso se deve às limitações das denominações propostas e sua impossibilidade de recuperação do ponto de referência, ou seja, um passado que se refere a um outro tempo passado, em oposição aos outros pretéritos. Aqui poderia argumentar-se em favor da exclusão dessas formas simples, uma vez que esse tempo verbal há muito está em desuso. Todavia é preciso não esquecer que mesmo que as formas simples não sejam mais empregadas, a noção que veiculavam ainda se faz presente na língua. Assim, essas formas também serão levadas em consideração, de modo que seria preciso algum outro traço que desambiguasse o pretérito perfeito e o pretérito-mais-que-perfeito.

Uma possibilidade seria a de se adotar a ou uma versão da Proposta de Giorgi e Pianesi¹⁵, que propuseram uma abordagem baseada no sistema reichembaniano com a seguinte configuração semântica-morfossintática¹⁶:

15 1997.

16 *Ibid.*, p. 27 *et seq.*

(2.13)	T1:	S_R	futuro	T2:	E_R	perfeito
		R_S	passado		R_E	prospectivo
		(S,R)	presente		(E,R)	neutro

Aos traços morfossintáticos (futuro, passado, presente e etc.) corresponde uma leitura semântica nos termos da proposta de Reichenbach (S_R, R_S, S,R e etc). Pomino¹⁷ trás, em todo o seu texto, por exemplo, não a codificação dos traços morfossintáticos, mas a codificação equivalente à interpretação semântica propriamente dita, pois embora não mencione, parece aceitar a relação isomórfica entre traço morfossintático e interpretação semântica, independente do contexto em que o traço ou feixe de traços figura.

Essa é, pois, uma questão das inter-relações das propriedades temporais dentro do sistema. A informação temporal foi atribuída, por Reichenbach¹⁸, à inter-relação de três propriedades: o momento de fala, (MF), o de referência, (MR), e o do evento, (ME). O primeiro e o último fixam, respectivamente, o momento em que se fala e o do evento descrito, constituindo medidas extra-linguísticas. Para precisar a referência, interna à língua, entre essas duas propriedades, o momento de referência é decisivo. Esse é entendido como “o sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva de tempo que o falante/escritor transmite ao ouvinte/leitor para a contemplação do ME”¹⁹. Assim, a escolha de qualquer forma verbal depende das relações estabelecidas entre os três.

Um outro problema se põe aqui em relação à diferença entre comunicação oral (falada e ouvida) e comunicação escrita (escrita e lida). A primeira ocorre prototipicamente, *in praesentia*: o emissor e o receptor compartilham o mesmo espaço e o mesmo tempo; mas na segunda, *in absentia*, há a ruptura espaço-temporal. Nessa, o tempo da emissão não é o mesmo da recepção, dificultando a organização e exposição do que segue já que a literatura emprega termos como “momento de fala”, uma vez que a natureza dessa comunicação é escrita. Por isso, a denominação “momento de fala” amplamente usada na literatura deverá ser tratada como equivalente ao “momento de leitura”. Mesmo que o “momento de leitura” deva ser entendido como o “momento de fala”, a última denominação será mantida para fins de homogeneização.

17 2008.

18 1947.

19 CORÓIA, 1985, p. 13.

É só em Vikner²⁰ e Hornstein²¹ que o momento de referência passa a servir de intermédio entre o momento de fala e o do evento: primeiro, um evento é posicionado em relação ao momento de referência como anterior, posterior ou presente/atual, depois, esse resultado é relacionado ao momento de fala, por intermédio, também, do momento de referência. É nessa última proposta que se baseia aquela de Giorgi e Pianesi²², estendida por Remberger²³, segundo postulados minimalistas, servindo de base para o trabalho de Pomino²⁴ e assumida também em Arregi²⁵, resultando numa formalização para a questão, diferente da proposta por Oltra Massuet.

Em Pomino, a relação entre o momento da fala e o momento de referência é representada na categoria funcional T, enquanto a relação estabelecida entre o momento do evento e o de referência é codificada em *v*. Assim, o MF e o ME não se relacionam diretamente em *v*, tampouco em T; mas via MR. A codificação desses traços em T e *v* corresponde, na verdade, aos núcleos T1 e T2 de Giorgi e Pianesi²⁶ e não significa, necessariamente, que eles se manifestem aí independentemente. Para Remberger²⁷, o momento de fala se dá só com a adjunção a C⁰ (como interface para a alocação no discurso).

De acordo com as três relações fundamentais, as possibilidades combinacionais são apresentadas no Quadro 1, em que a *vírgula* representa simultaneidade e o *subscrito*, anterioridade (cf. Remberger²⁸).

T	<i>v</i>
[F,R] momento de fala é igual ao momento de referência	[R,E] momento do evento é igual ao momento de referência
[F_R] momento de fala é anterior ao momento de referência	[E_R] momento do evento é anterior ao momento de referência
[R_F] momento de fala é posterior ao momento de referência	[R_E] momento do evento é posterior ao momento de referência

Quadro I: Relações possíveis entre os MF e MR e ME e MR.

20 1985.

21 1990.

22 1997.

23 2003.

24 2008.

25 2000.

26 1997, p 37 *et seq.*

27 2006, p. 115-116.

28 2006, p. 116.

Se o modo de inter-relação entre os MF, ME e MR aqui adotado for o proposto por Corôa²⁹, para quem, no presente todos os momentos confluem ([R,E] [F,R]), como no exemplo (2.14), (20) de Corôa³⁰, a questão da isomorfia na relação estabelecida entre traços e respectiva interpretação pode ser melhor tratada:

(2.14) Carlinhos trabalha no IBC.

Nesse exemplo não há uma referência temporal (na forma de uma locução adverbial, por exemplo) explicitada textualmente, como pode ser encontrado em outros exemplos mais à frente, e quando não há essa referência explícita, o momento de fala a ser atribuído ao dado exemplo é o momento em que a sentença (2.14), ou outra qualquer que contenha um exemplo nestes moldes, é lida e/ou enunciada por você leitor desta página. Assim, se o exemplo (2.14) desta página for lido por um leitor José no dia primeiro de abril de 2012, o momento de fala/leitura será primeiro de abril de 2012. Se é assim, o momento de fala torna-se também o momento da referência³¹, isto é, no caso de um leitor ler esta página no dia primeiro de abril de 2012, a referência será, também, dia primeiro de abril de 2012. Esse tipo de análise está em consonância com o proposto em Comrie³², que estabelece como centro dêitico o momento de fala, a partir do qual três tempos básicos podem ser estruturados: presente, pretérito e futuro. Esses são os tempos denominados absolutos, em oposição aos relativos, que têm como referência algum outro ponto contextualmente atribuído. De acordo com esse pressuposto, a análise dada para as propriedades temporais do verbo da sentença (2.14) são as seguintes:

(2.14) Carlinhos trabalha no IBC.

Evento: *trabalhar*
 Referência: *momento em que o exemplo (2.14) é lido*
 Fala: *momento em que o exemplo (2.14) é lido*

(2.14) é verdadeira para todo o tempo em que Carlinhos conste da folha de funcionários do IBC, independente da atividade que esteja desempenhando no exato e restrito momento da enunciação. Se, por

29 1985.

30 1985, p. 46.

31 FREITAG, 2005, p. 392.

32 1985.

exemplo, a sentença (2.14) for lida e enunciada no dia primeiro de abril de 2012, os momentos de fala, referência e evento serão, então, simultâneos, uma vez que nesse dia Carlinhos ainda/também trabalha no IBC. Essa interpretação só é possível devido ao locativo “no IBC”. Mas há, evidentemente, outras possibilidades de emprego do presente do indicativo, em que o momento do evento não é simultâneo aos outros dois, como em (2.15).

(2.15) Carlinhos trabalha amanhã.

Evento: *trabalhar*

Referência: *momento em que o exemplo (2.15) é lido*

Fala: *momento em que o exemplo (2.15) é lido*

O que ocorre em (2.15) é a especificação do momento do evento por um advérbio dêitico – a partir do momento da fala – e, portanto, a representação das inter-relações das propriedades temporais deixariam de ser $([R,E] \bullet [F,R])$, como para (2.14), e passariam a $([R_E] \bullet [F,R])$. Essa última configuração é a mesma que a do futuro do presente do indicativo. De fato, se se confrontam sentenças como (2.15) e (2.16), o significado não é muito distinto:

(2.16) Carlinhos trabalhará amanhã.

Segundo o esquema de (2.13) a primeira opção conteria uma leitura neutra a partir do presente, condicionada pelo advérbio, e a segunda uma perspectiva também a partir do presente, reforçada pelo advérbio, o que de fato ocorre. Mas se isso é assim, como garantir que a forma fonológica correspondente a um tempo e não a outro deva figurar? Por ser a presença do advérbio o indutor da alteração da relação entre momento do evento e da referência, o que se vai postular, então, é que, devido à neutralidade da relação (E,R), essa operação ocorre na interface conceptual, devido à coarticulação com o advérbio, de modo que para a lista B não há dúvidas quanto a que item de vocabulário inserir, uma vez que não deve haver dúvidas quanto à relação estabelecida entre traços morfossintáticos e itens de vocabulário.

Assim, a simultaneidade dos três momentos pode ser tratada apenas como o que se denominará de “virtual”, uma vez que pode ser afetada no componente semântico por outros fatores. Uma configuração do tipo MF,ME,MR não é, portanto, a mais adequada para a representa-

ção exclusiva do presente do indicativo, ou pelo menos, não para todos contextos em que pode figurar. Se apenas forem codificados, então, os traços sintáticos, é possível se garantir a correta inserção de itens de vocabulário e relegar a interpretação ao componente interpretacional, que pode atentar para outros elementos na composição da adequada leitura semântica. Como esse é o caso também de outros tempos verbais, e o objetivo aqui não é dar conta de todas essas possibilidades de uso e sim do estabelecimento de um sistema mínimo para, a partir dele, pensar essas outras possibilidades, a configuração virtual será mantida para o presente do indicativo e para os outros tempos também.

Segundo Corôa³³, há para os passados quatro possibilidades lógicas:

- (2.17) a. ME_MR-MR_MF
 b. ME_MR-MF_MR
 c. ME_MR-MR,MF
 d. ME,MR-MR_MF

A primeira possibilidade, pode ser reconhecida como a representação de um exemplo como (2.18), (29) de Corôa³⁴:

- (2.18) Eu tinha escrito a carta quando ele me telefonou.
 Evento: *escrever*
 Referência: *momento do evento de telefonar*
 Fala: *momento em que o exemplo (2.18) é lido*

Em (2.18) há dois eventos. O evento “telefonar” ocorre antes do momento da fala. No caso hipotético, esse momento é o dia primeiro de abril de 2012. Esse dia é também o momento de referência e, por isso, no exemplo, o “telefonar” aparece flexionado no pretérito perfeito do indicativo: ação acabada no passado. O evento de “escrever a carta” precede não só o MF como o evento de “telefonar”, que passa a ser o seu momento de referência. Essa é a principal característica do mais-que-perfeito: “nele o MR é claramente estabelecido e com frequência se *materializa na própria oração*”³⁵.

A representação em (2.17 b) parece não ter “equivalente lingüís-

33 1985, p. 49.

34 1985, p. 50.

35 CORÔA, 1985, p. 50.

tico no sistema do português³⁶. As outras duas configurações devem, então, ser de algum modo associadas aos pretéritos perfeito e imperfeito. A seguir, os exemplos (35) e (36) de Corôa³⁷:

- (2.19) a. Choveu quando Carlinhos casava.
 Evento: *chover*
 Referência: *casamento de Carlinhos*
 Fala: *momento em que o exemplo (2.19 a) é lido*
- b. Chovia quando Carlinhos casou.
 Evento: *chover*
 Referência: *casamento de Carlinhos*
 Fala: *momento em que o exemplo (2.19 b) é lido*

A primeira constatação de Corôa é a de que o presente e o pretérito imperfeito têm em comum a não expressão dos limites do evento. Em (2.19 a) *chover* ocorreu em algum momento do tempo durante o qual Carlinhos casava. O evento *chover* é limitado em relação ao segundo que o excede; mas não tem seus limites expressos propriamente. O contrário se dá em (2.19 b): o evento limitado é *casar*, ocorrendo em algum momento do tempo durante o qual ocorre o primeiro, que nesse caso também não é limitado, segundo a autora. O que o falante transmite ao ouvinte com o uso do imperfeito seria uma ótica do evento a partir do próprio momento do evento e não de seu fim, resultados ou conseqüências: o falante se coloca, e, conseqüentemente, coloca o ouvinte, no momento do evento.³⁸ O ME e o MR são, portanto, simultâneos e o imperfeito equivale à representação em (2.17 d).

Compara-se (2.20 a) a (2.20 b) e fica evidente que a segunda é uma sentença em retrospectiva: expressa um fato já ocorrido visto a partir do momento da enunciação, tendo-se como referência algo atual. O resultado é, no perfeito, muitas vezes mais importante que o próprio evento.

36 CORÔA, 1985, p. 51.

37 1985, p. 52.

38 CORÔA, 1985.

- 2.20) a. Carlinhos trabalhava no IBC.
 Evento: *trabalhar*
 Referência: *momento em que o exemplo (2.20 a) é lido*
 Fala: *momento em que o exemplo (2.20 a) é lido*
- b. Carlinhos trabalhou no IBC.
 Evento: *trabalhar*
 Referência: *momento em que o exemplo (2.20 b) é lido*
 Fala: *momento em que o exemplo (2.20 b) é lido*

No perfeito, a ideia de limite do evento é completa: (2.20 b) apresenta um fato consumado em oposição a um mero relato não comprometido com o resultado do evento de (2.20 a). O resultado, como parte da significação do perfeito, faz deste *tempus* um passado visto a partir do momento atual. Como a referência temporal transmitida do escritor para o leitor está ligada ao momento da escrita, (2.17 c) é a representação para o pretérito perfeito em português³⁹.

Utilizando o esquema proposto, é possível estabelecer a distinção entre todos os tempos passados do português recorrendo-se apenas às propriedades temporais. Isso não é possível em outros trabalhos (como os de Giorgi e Pianesi⁴⁰; Remberger⁴¹ e Pomino⁴²), em que a principal característica dos passados é a alocação do momento de fala depois do momento de referência ([R_F]). Para o espanhol, Pomino, por exemplo, precisa recorrer ao traço não dêitico de aspecto para distinguir a forma *canté*, [R_S]•[R,E]•[+perfeito], de *cantaba*, [R_S]•[R,E]•[-perfeito].

Corôa reconhece também a maior saliência da diferença aspectual entre perfeito e imperfeito, como assinalada no antepenúltimo parágrafo. Mesmo assim, afirma não se poder negar a existência de uma distinção também de natureza temporal⁴³, que muito útil se mostra na desambiguação dos traços característicos dos tempos em português.

39 CORÔA, 1985.

40 1997.

41 2006.

42 2008.

43 CORÔA, 1985, p. 54.

Já o equivalente em espanhol ao pretérito-mais-que perfeito, citado por Pomino⁴⁴ como *condicional II*, não é passível de representação segundo as especificações das relações temporais lá propostas, da mesma forma que não pode ser abarcado pelo esquema de Oltra Massuet⁴⁵ (cf. já mencionado à página 26). Esse problema no sistema se deve, para Pomino⁴⁶, à dependência a um outro tempo, ou seja, esses vocábulos não formam uma estrutura temporal independente, dependendo sempre das relações temporais da sentença matriz ou do contexto: *consecutio temporum*. Se isso for verdade para o pretérito-mais-que-perfeito, deverá ser também para todas as formas do subjuntivo, uma vez que esse modo é também dependente de informações contextuais. Mas o subjuntivo, não é um problema para a análise de Pomino, que inclui o traço [subjuntivo] sob o nó T.

Se no passado as relações imbricadas são as de tempo e aspecto, no futuro são as de modo e tempo que se destacam. Corôa não nega a modalidade que sentenças no futuro podem ter. Mattoso Camara Jr.⁴⁷ já apontava que a categoria de tempo repousa essencialmente na dicotomia passado/presente, pois os fatos vindouros sem traços modais podem ser expressos pelo presente. Mas mesmo Mattoso Camara Jr. admite que em sentenças como as de (2.21 a) o evento se coloca à direita do momento de fala no eixo temporal.

- (2.21) a. O garoto virá mais cedo.
 Evento: *vir*
 Referência: *momento em que o exemplo (2.21 a) é lido*
 Fala: *momento em que o exemplo (2.21 a) é lido*
- b. O garoto viria mais cedo.
 Evento: *vir*
 Referência: *momento anterior à leitura do exemplo (2.21 b)*
 Fala: *momento em que o exemplo (2.21 b) é lido*

44 2008, p. 34.

45 1999.

46 2008, p. 34.

47 1973.

Como o propósito do trabalho de Corôa não é o emprego dos *tempora* de futuro, mas a caracterização do que é temporal em sentenças como as de (2.21), as possibilidades para os tempos futuros em português são:

- (2.22) a. MF,MR-MR_ME
 b. MR_MF-MR_ME
 c. MF_MR-ME_MR
 d. MF_MR-ME,MR
 e. MF_MR-MR_ME

Da mesma forma que o perfeito, (2.21 a) expressa um evento que se realiza em um tempo diferente do de fala, mas visto a partir desse momento (MF): há nesse exemplo um evento completamente ainda não começado, cujo ponto de referência é simultâneo ao MF. Assim, a representação de (2.21 a) é (2.22 a).

Comparando (2.21 a) a (2.21 b), verifica-se que o evento que ainda não ocorreu era previsto em um tempo antes do MF. Assim, o MR estaria antes do MF e (2.22 b) representa (2.21 b). (2.22 c) só ocorre em formas analíticas como em

- (2.23) Telefone-me amanhã que já terei lido sua proposta.
 Evento: *ler*
 Referência: *momento do evento telefonar*
 Fala: *momento em que o exemplo (2.23) é lido*

Aí o momento do evento “ler sua proposta” está em uma posição anterior ao do evento “telefonar”, que funciona como ponto de referência para aquele, e ambos são posteriores ao momento em que (2.23) é enunciada. Já (2.22 d) e (2.22 e) não parecem ter correspondente no sistema português⁴⁸.

Corôa⁴⁹ destaca que essas são representações apenas temporais para os dois *tempora* de futuro que integram o sistema do indicativo português e os dados de (2.12) podem ter leituras semânticas como as do Quadro II, em que [Subj] corresponde ao traço [subjuntivo]. Esse traço, diferentemente dos trabalhos até agora citados, é alocado em C e não em T⁵⁰, mas figura no quadro, entre parênteses, para melhor discernimento

48 CORÔA, 1985.

49 1985, p. 60.

50 Agradeço a sugestão do Prof. Alessandro Boechat de Medeiros.

entre um e outro modo.

Presente	[R,E] [F,R]
Presente Subjuntivo	[R,E] [F,R] ([subj])
Imperfeito Indicativo	[R,E] [R F]
Imperfeito Subjuntivo	[R,E] [R F] ([subj])
Pretérito Perfeito	[E R] [F,R]
Pretérito-mais-que-perfeito	[E R] [R F]
Futuro Presente	[R E] [F,R]
Futuro Pretérito	[R E] [R F]
Futuro Subjuntivo	[R,E][F R] ([subj])

Quadro II: Possíveis representações semânticas para o sistema verbal do PB.

A essas possíveis interpretações semânticas virtuais correspondem as seguintes configurações de traços morfossintáticos, conforme o esquema de Giorgi e Pianesi⁵¹ em (2.13), em que [neut] = neutro; [perf] = perfeito; [pros] = prospectivo; [pres] = presente; [pass] = passado e [futu] = futuro.

Presente	[neut] [pres]
Presente Subjuntivo	[neut] [pres] ([subj])
Imperfeito Indicativo	[neut] [pass]
Imperfeito Subjuntivo	[neut] [pass] ([subj])
Pretérito Perfeito	[perf] [pres]
Pretérito-mais-que-perfeito	[perf] [pass]
Futuro Presente	[pros] [pres]
Futuro Pretérito	[pros] [pass]
Futuro Subjuntivo	[neut][futu] ([subj])

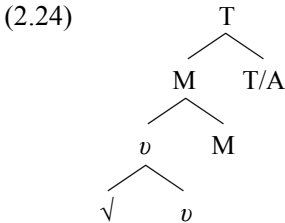
Quadro III: Traços morfossintáticos característicos dos tempos do sistema verbal do PB.

O traço [\pm finito] se torna irrelevante, pois os vocábulos verbais gerados a partir dos dados apresentados no Quadro têm que ser obrigatoriamente finitos. As formas do subjuntivo não são morfofonologicamente mais complexas do que as do indicativo, por isso, não se postula a presença de um núcleo modal (ModP) específico para essas formas. A principal diferença entre as formas do indicativo e do subjuntivo está na

51 1997.

ausência do traço morfossintático [subjuntivo]⁵² em C.

O modo é, como já mencionado, comumente veiculado junto às propriedades de tempo e aspecto e poderia, segundo Oltra Massuet⁵³, e reforçado no trabalho subsequente de Arregi⁵⁴, ser passível de realização sob um nó sintático independente. Nesses trabalhos, a estrutura *default* dos vocábulos verbais é representada por (2.24) e não por (2.5).



O argumento para tal separação é o de que o traço modal, mais especificadamente o de [futuro], não poderia ser combinado com os traços de tempo, “talvez por questões semânticas”⁵⁵. Trata-se, portanto, de contextos marcados, não sendo os traços passíveis de se juntarem nem mesmo no componente morfológico, pois apenas os nós T e Agr seriam passíveis de associação (em contextos não marcados) nesse módulo⁵⁶.

O traço [futuro] é simplesmente usado como modal (inglês: *modal*) e não como temporal, mas nenhuma consideração a mais é feita a esse respeito. Mattoso Camara⁵⁷ ao tratar da gramaticalização – que consiste, para ele, em pautar as formas e significações gramaticais pelo intento puro da representação, despojando-as das intromissões emotivas – discute os modos verbais – que, para ele, assinalam uma atitude psíquica, ou seja, o “modo” de entender o que se comunica (certeza, dúvida, suposição, descrença, repulsa, simpatia, etc.). Depois de discorrer sobre os modos e sua gramaticalização em diferentes línguas, chega à questão do futuro:

é uma faceta desse fenômeno [gramaticalização] a aquisição de um valor puramente temporal para o futu-

52 Cf. também, POMINO, 2008, p. 117.

53 1999.

54 2000.

55 “Perhaps for semantic reasons.” (OLTRA MASSUET, 1999, p. 34, tradução nossa).

56 OLTRA MASSUET, 1999.

57 1973.

ro, que na sua verdadeira realidade é muito mais um modo do que um tempo. Tem em mira especialmente, como frisa Meillet, a expressão de desejos, mais ou menos incertos, que o falante projeta no desconhecido por vir (cf. port. – *vou amanhã*, mas – *será verdade?*).

Eis porque em indo-europeu as formas do futuro foram tardias e mostram estar nesta função temporal em virtude de uma aplicação secundária.

Primitivamente são formas desiderativas (para expressar o desejo de que um fato futuro aconteça), como em grego ou sânscrito os chamados futuros sintagmáticos (isto é, com um sufixo em -s – *lusō* de *luo* “eu solto”, *dāsyami* da raiz √*dā* “dar”); ou são formas subjuntivas, como em latim os do tipo *faciam*; ou, como em germânico, prendem-se a um modo obrigatório ou volitivo (cf. em gótico os futuros perifrásticos com os verbos auxiliares *skulan* “dever” e *munan* “querer”, que perfiguram o futuro inglês com *shall* e *will*).⁵⁸

Se outras línguas forem levadas em consideração, como no ex-certo de Mattoso, outros indícios podem ser elencados. No Chukchee, Muravyova diz que “as formas de posterioridade são comumente tratadas como fazendo parte de tempos futuros do modo indicativo, mesmo assim, elas podem ser tratadas como um modo distinto”⁵⁹. O mesmo acontece em Qafar. Ao discutir formas modais (inglês: *modal forms*) em Qafar, Hayward admite que “a antecipação denota um evento que o falante espera acontecer e pode ser literalmente expresso por um tempo ‘futuro’”⁶⁰. Evidências semelhantes para outras línguas são elencadas por Bybee, que estabelece, primeiro, que, na maioria das línguas, a noção de futuridade é expressa perifrasticamente, e, por consequência, que “a independência das flexões de futuro poderia indicar que o futuro não pertence à mesma categoria gramatical que o presente e o passado”⁶¹. Conclui, entretanto, que “se o futuro se desenvolveu independentemente, seu *status* como membro da categoria de tempo seria ambíguo, o que de fato

58 MATTOSO CAMARA JR., 1973, p. 124-125.

59 “The posteriority forms are usually considered as future tenses of the indicative mood, but they can be also regarded as a separate mood.” (1998, p. 531, tradução nossa).

60 “The anticipatory denotes an event that the speaker expects to happen, and can readily be translated by a ‘future’ tense.” (1998, p. 639, tradução nossa).

61 “The independence of future inflections might indicate that the future does not belong in the same grammatical category as the present and past.” (1985, p. 157, tradução nossa).

é”⁶².

É a essa mesma conclusão que chega Corôa⁶³, ao destacar a complexidade de noções modais ligadas às formas verbais de futuro: nas formas do português há um componente modal e um temporal. O futuro do pretérito, inclusive, já foi tratado como “modo” no sistema verbal do português⁶⁴: foi a Nomenclatura Gramatical Brasileira que eliminou a denominação de *modo condicional*⁶⁵.

Independentemente de se tratar o traço [futuro] como modal, e mesmo que o futuro do presente e o futuro do pretérito tenham funcionamentos sintáticos distintos, o ponto mais importante a ser tratado é a motivação para a sua possível realização separada dos traços de tempo e aspecto. Talvez a idéia de Bybee de que esses conjuntos de vocábulos não sejam da mesma natureza das do presente e passado seja um indício.

Arregi⁶⁶, ao propor uma categoria FuT para o espanhol, diz que a separação é semântica e sintaticamente motivada. Para isso, elenca, entre outros, o argumento de que, quando se comparam construções semelhantes em outras línguas, observa-se que as estruturas equivalentes são construídas com o auxílio de formas tanto no presente, quanto no passado, como em inglês e basco, línguas em que essa formação seria “transparente”⁶⁷.

Essas ideias foram assumidas também por Pomino⁶⁸, que buscou em vestígios de ordem diacrônica maior suporte para demonstrar por que as formas do futuro e do condicional têm as atuais configurações morfossintáticas.

O latim é o ponto de partida. Nessa língua, uma construção perifrástica – composta por *habēre* + infinitivo passivo, restrita às orações subordinadas, expressando “predestinação de um objeto a seguir certo curso de eventos”⁶⁹, passou a ser empregada. Com o passar do tempo e seu uso consolidado, estendeu seus domínios: primeiro, deixou o contexto de subordinação e passou a figurar em orações principais; depois, admitiu a combinação de *habēre* com infinitivos de verbos deponentes e

62 “If futures develop independently, then their status as members of the tense category would be ambiguous, which it is.” (BYBEE, 1985, p. 159, tradução nossa).

63 1985.

64 Cf. definições em FERNANDES, 1955.

65 CUNHA; CINTRA, 2008, p. 478.

66 2000.

67 ARREGI, 2000, p. 8.

68 2008, p. 141.

69 “[...] predestination of the object to follow a certain course of events.” (BENVENISTE, 1968, p. 90, tradução nossa).

intransitivos; e, por fim, *habēre* pôde ser associado ao infinitivo de qualquer verbo.

O desenvolvimento do futuro e do condicional em espanhol se deveu originalmente a essas mudanças, culminando com a redução superficial a um sufixo, processo formal atestado também para o português⁷⁰. Num interessante estágio do longo processo de mutação do espanhol, atesta-se a possibilidade de inclusão de clíticos entre o infinitivo e as formas reduzidas do auxiliar, originadas de *habēre*, como em (2.25), (4-77) de Pomino⁷¹:

- (2.25) a. espanhol antigo dezir lo hedes al rey?
 b. espanhol moderno ¿Se lo dirás al rey?

Com a amálgama no fim do século 16⁷², essa possibilidade deixou de existir no espanhol; mas não em português. De fato, a *tmese*, como sucede em português com a mesóclise, está em franco desuso no português brasileiro, mas os contextos de sua ocorrência são exatamente os que envolvem o futuro do presente e o futuro do pretérito, sendo mencionada em gramáticas quando do tratamento da colocação dos pronomes átonos, como por exemplo na de Cunha e Cintra⁷³:

- (2.26) a. Calar-me-ei.
 b. Calar-me-ia.

Esse parece ser um forte indício de que as formas do futuro e do futuro do pretérito têm, pelo menos, uma estrutura interna diferente das demais. Assim, os vocábulos verbais do português deveriam manter, a princípio, uma configuração algo semelhante à de (2.24). É uma posição parecida que sugere Pomino para o espanhol, com a proposição de um FutP, deixando as propriedades modais completamente subliminares, da mesma maneira que procedeu Corôa. Nesse sentido, a denominação dos tempos em português é extremamente feliz: o futuro é a posterioridade no presente (futuro do presente) e o futuro do pretérito, o futuro na anterioridade. Essas propriedades estariam ainda relacionadas àquelas das formas perifrásticas do latim: no caso do futuro do presente, o suposto auxiliar está sempre no presente e no do futuro do pretérito, no passado

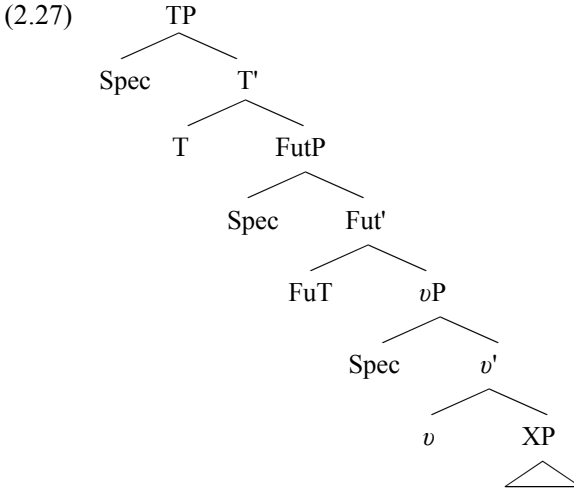
70 WILLIAMS, 2001, p. 211-212.

71 2008, p. 145.

72 PENNY, 1991.

73 2008, p. 323 e seguintes.

(pretérito imperfeito). A representação em (2.27) poderia ser sugerida para as formas do futuro:



Tome-se o seguinte exemplo:

- (2.28) João ditará o prefácio.
 Evento: *ditar*
 Referência: *momento em que o exemplo (2.28) é lido*
 Fala: *momento em que o exemplo (2.28) é lido*

Como já visto, para a formação da posterioridade em relação ao presente, o momento de evento deve ser posterior ao momento de fala, sendo essa relação intermediada pelo momento de referência. Em (2.28), os momentos de referência e fala do evento “ditar” são simultâneos e estão ancorados no presente, *i. e.*, no exato momento em que (2.28) é enunciado/lido, já o momento de evento é posterior a eles. Essa posterioridade é estabelecida em relação ao momento de enunciação/leitura, de modo que “ditará” só pode se referir ao futuro em relação ao presente.

O futuro do pretérito teria uma estrutura interna idêntica à de (2.27): adapta-se (2.28) e tem-se (2.29):

(2.29) João ditaria o prefácio.

Evento: *ditar*

Referência: *momento anterior à leitura de (2.29)*

Fala: *momento em que o exemplo (2.29) é lido*

A retomada do assunto no futuro do pretérito põe em evidência a possibilidade de João ditar o prefácio, que não se realizou e, assim, num dado momento do passado, “João ditaria o prefácio”. Nesse caso, o momento de fala de (2.29) é posterior ao o momento de referência e o de evento de “ditar” é também posterior/hipotético ao momento de referência; mas tem que ser obrigatoriamente anterior ao momento de fala.

Mesmo que essa abordagem das formas do futuro do presente e do pretérito seja factível, a necessidade de mais um nó na estrutura interna dos vocábulos está ligada mais às generalizações visadas acerca das propriedades acentuais da proposta de Pomino⁷⁴ e de Arregi⁷⁵, guardadas as devidas diferenças: por postularem que não só o radical é estendido por um índice temático, é preciso que postulem que ambas as vogais em -ria-, por exemplo, sejam índices temáticos de algum nó. Isso só é possível se se postular um outro nó entre *v* e *T*. Independente disso, de alguma forma, esses tempos diferem dos demais e há, além de tudo, a questão da *tmese* a resolver: como um pronome pode ir parar “dentro” de um vocábulo?

O que se vai intentar aqui é mostrar que as formas do futuro do presente e do pretérito não são formas simples. O objetivo é mostrar que a idéia de Bybee⁷⁶, de que esses conjuntos de vocábulos não são da mesma natureza da do presente e passado, é verdadeira para o português.

Para as línguas romances, os aspectos diacrônicos tratados alguns parágrafo atrás são de extrema importância para a compreensão das formas do futuro do presente e do futuro do pretérito atuais. A análise diacrônica serve para mostrar que a estrutura se preservou e ocorre sincronicamente. Aliás, o próprio futuro “simples” latino já havia sido formado a partir de uma perífrase, como por exemplo: *lauda* (tema do *infec-tum*) + *bo* (modal).

No latim clássico, o verbo *habere* era um verbo transitivo pleno, com sentido possessivo⁷⁷, que selecionava um DP como complemento e a ele atribuía papel temático. Esse significado possessivo pode ser ob-

74 2008.

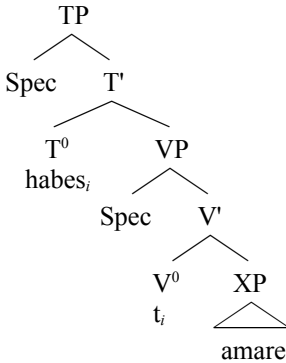
75 2000.

76 1985.

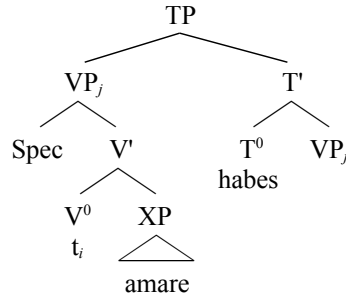
77 ROBERTS; ROUSSOU, 2003.

servado em exemplos como *dē rē publicā nihil habeō ad te scribere*⁷⁸. A essa construção latina, Roberts e Roussou⁷⁹ atribuem uma estrutura biclausal, composta por dois TPs (em (2.30) representados por TP e XP), que têm, cada um, um VP como complemento. O verbo lexical *habere* tem que, no decorrer da derivação, ser elevado de V⁰ para T⁰ – nessa proposta para que receba um traço F*, relevante para PHON. Para dar conta da ordem privilegiada pelo latim, o VP que ficou *in situ* é movido para [Spec, TP], gerando a sequência *amare habes*. É preciso que todo o VP seja movido, mesmo que dele já tenha sido extraído material (inglês: *remnant movement*), pois todo o material restante no VP é movido para [Spec, TP], como, por exemplo, em *magis suscipi habebat*⁸⁰ vs. **suscipi habebat magis*.

(2.30) a.



b.



Com o uso mais frequente dessa estrutura, o verbo pleno adquiriu um caráter auxiliativo modal, com o significado de “ter que”, como em *venire (h)abes*⁸¹. Como a interpretação possessiva deixa de ser possível, o verbo *habere* passa a ter uma estrutura argumental defectiva e “d’ahi á ideia do futuro mal ha um passo do que temos prova material nas linguas teutonicas (Cp. inglez *I shall, will hear*)”⁸². Essa reanálise de *ha-*

78 “Sobre a coisa pública nada tenho para escrever-te.” (ROBERTS; ROUSSOU, 2003, p. 50, tradução nossa).

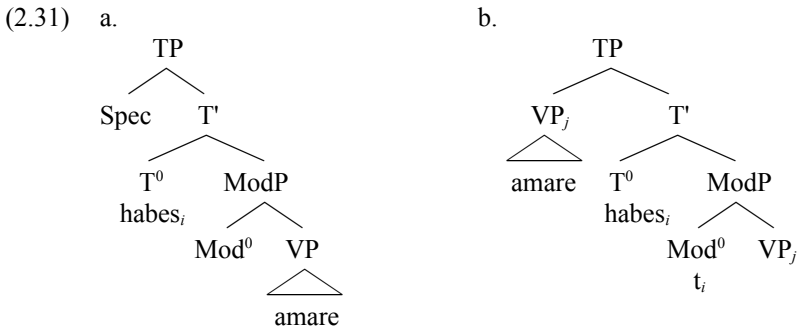
79 2003.

80 “A maioria era para ser aceita.” (BENVENISTE, 1968, p. 90; ROBERTS; ROUSSOU, 2003, p. 51, tradução nossa).

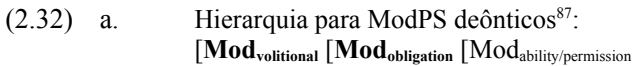
81 “Tens que vir.” (BENVENISTE, 1968, p. 91, tradução nossa).

82 COELHO, 1870, p. 116.

bere deu origem a uma divisão lexical (inglês: *lexical split*)⁸³, isto é, nos contextos em que *habere* não estava adjacente a um infinitivo, a noção de posseção permaneceu. Essa nova função do verbo “tinha um interpretação modal (deôntica), que envolvia essencialmente a noção de futu- ridade”⁸⁴. A partir do momento em que o verbo lexical passou a defectivo e dessemantizado, não pôde mais ser gerado no VP lexical, ganhando um caráter funcional e tendo que, por isso, passar a ser gerado sob uma categoria funcional. Além de propriedades temporais, o auxiliar expressa também “obrigação”, de modo que, no sentido de Cinque⁸⁵ pode ser pos- tulado aqui um sintagma modal, onde ele seria gerado:



O elemento gramaticalizado *habes* é gerado em Mod⁰ e, como a categoria de tempo necessita de um vocábulo ao qual possa ser adjungi- da, é ele que se move para T. Essa passagem de núcleo lexical para nú- cleo funcional, no contexto da gramática gerativa, é denominada grama- ticalização⁸⁶. Assim, se o futuro tem sua gênese a partir do uso modal, então, no processo de gramaticalização, “subiu” na hierarquia de catego- rias funcionais:



83 ROBERTS; ROUSSOU, 2003, p. 51.

84 “[...] has a (deontic) modal interpretation that essentially involves the notion of futurity.” (ROBERTS; ROUSSOU, 2003, p. 51, tradução nossa).

85 1999.

86 ROBERTS; ROUSSOU, 2003.

87 CINQUE, 1999, p. 81.

- b. Hierarquia de categorias funcionais e advérbios⁸⁸:
 [*frankly* Mood_{speech act}] [*fortunately* Mood_{evaluative}] [*allegedly* Mood_{evidential}] [*probably* Mood_{epistemic}] [*once* T(Past)] [*then* T(Future)] [*perhaps* Mood_{irrealis}] [*necessarily* Mod_{necessity}] [*possibility* Mod_{possibility}] [*usually* Asp_{habitual}] [*again* Asp_{repetitive(I)}] [*often* Asp_{frequentative(I)}] [*intentionally* Mod_{volitional}] [*quickly* Asp_{celerative(I)}] [*already* T(Anterior)] [*no longer* Asp_{terminative}] [*still* Asp_{continuative}] [*always* Asp_{perfect(?)}] [*just* Asp_{retrospective}] [*soon* Asp_{proximative}] [*briefly* Asp_{durative}] [*characteristically(?)* Asp_{generic/progressive}] [*almost* Asp_{prospective}] [*completely* Asp_{SgCompletive(I)}] [*tutto* Asp_{PICompletive}] [*well* Voice] [*fast/early* Asp_{celerative(II)}] [*again* Asp_{repetitive(II)}] [*often* Asp_{frequentative(II)}] [*completely* Asp_{SgCompletive(II)}]

Na Hierarquia de Cinque, para categorias funcionais e advérbios, o sintagma modal Mod_{obligation} está abaixo de Mod_{volitional} (Cf. (2.32 a), que, por sua vez, está abaixo de T(Future) (Cf. (2.32 b). O auxiliar deôntico *habere* sobe na hierarquia e passa a expressar, quando em presença na mesma sentença/enunciado de um infinitivo, futuridade. Mesmo que se postule um FutP, como fazem Arregi⁸⁹ e Pomino⁹⁰, esse não deve ter como complemento um VP, uma vez que as propriedades morfossintáticas que facultariam ao verbo essa possibilidade perderam-se no processo de gramaticalização. Além do mais, a noção de futuridade não está expressa no verbo auxiliar em si, mas, sim, na inter-relação entre auxiliar e infinitivo.

O processo de gramaticalização pode se refletir na função e no significado do elemento afetado. Mas não só. Via de regra, um elemento gramatical dispõe de menos material fonológico e pode, como próximo passo no processo de gramaticalização, se tornar um clítico ou ser reduzido a um afixo (redução fonológica, *i. e.*, erosão). Assim, toda a significação lexical do item pode ser perdida, o novo elemento gramatical pode não dispor das antigas propriedades morfossintáticas e pode também ter comportamento sintático diverso do elemento original. No presente do indicativo, o verbo latino *habere* tinha as seguintes formas: *habeo*, *habes*, *habet*, *habemos*, *habetis*, *habent*, mas, de acordo com Roberts e Roussou⁹¹, passou a ser realizado nesse contexto, posposto ao infinitivo

88 CINQUE, 1999, p. 106.

89 2000.

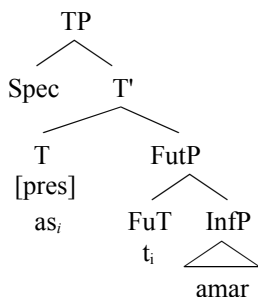
90 2008.

91 2003, p. 52.

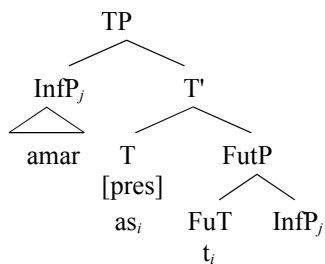
pelas sequências *a(i)o*, *as*, *a(t)*, *(av)emo(s)*, *(av)ete(s)* e *an(t)*. Nesse caso fica nítida a perda não só da parte semântica, mas também da parte que a exprime lexicalmente no vocábulo verbal. Esse processo também ocorreu com o imperfeito e a forma que tem sido tratada como a primeira do futuro românico “sintético” é a da sentença: *Iustinianus dicebat: 'Daras'* (Fredegario, século sétimo)⁹². Mesmo assim, suas partes componentes são facilmente identificadas.

O modo exato, como todas essas mudanças especificamente ocorreram e exemplos diacrônicos reais, além dos citados, não serão aqui elencados. O que se quer defender é que o verbo latino *habere* sofreu um processo de gramaticalização tal que não só deu origem a duas entradas para esse mesmo verbo, como também, em uma delas, o processo foi tão severo que houve uma perda lexical, principalmente da parte que carregava essa informação, isto é, da raiz. Se o infinitivo perder o -e- final, chega-se ao resultado esperado em romance:

(2.33) a.



b.



Em PHON ocorre uma ressilabação e o que é efetivamente produzido é “amarás”. A estrutura interna, porém, permanece a mesma. É essa mesma análise *mutatis mutandis* que se vai postular para o português. A ver ainda se o que se move nessa nova configuração é o VP inteiro ou apenas parte dele. No caso de um DP complemento de InfP ser não-clítico, permanecerá *in situ*, se for clítico, todo o VP sobe para [Spec, TP], como era de se esperar:

- (2.34) a. Cantarás o hino.
 b. Canta-lo-ás.
 c. (?) Cantar o hino hás.

92 “Justiniano disse: darás.” (ROBERTS, ROUSSOU, 2003, p. 52, tradução nossa).

O juízo sobre a gramaticalidade de (2.34 c) é discutível, e seriam necessárias outras fontes que pudessem comprovar sua existência. No que concerne à estrutura, a aceitabilidade ou não de (2.34 c) traz apenas evidências do movimento inteiro ou não do InfP. De fato, se essa análise se mantiver, então ela representa um primeiro indício de que nem todos os núcleos sintático-funcionais podem ser estendidos por índices temáticos. Pense-se nas formas do imperfeito (*corria, corrias, corria, corríamos, corrieis e corriam*): se elas forem analisadas segundo a proposta baseada no texto de Oltra Massuet⁹³, -i- deverá ser o índice temático que estende *v* e -a-, o que estende T, sendo o próprio T representado por um morfema zero. Para Oltra Massuet, Arregi⁹⁴ e Pomino⁹⁵ a segunda e terceira conjugações neutralizariam, em favor da terceira conjugação. Já na análise do futuro do pretérito, -i- estenderia o nó ModP ou FutP, segundo a abordagem escolhida, e -a-, o nó T. Em outras palavras: o futuro do pretérito seria o resultado da gramaticalização do auxiliar junto ao infinitivo: antes do processo, o item de vocabulário /i/ seria selecionado por um nó, depois, por outro. Essa análise poderia ser atribuída ao processo de gramaticalização, resultado da amálgama total entre infinitivo e auxiliar erodido, como se quer para o italiano, o francês e o espanhol, línguas em que nenhum elemento pode intervir entre “infinitivo” e “suífixo”. Como visto, num momento do processo isso era pelo menos possível em espanhol (Cf. (2.25)). Trata-se, na verdade, de línguas diferentes, que, portanto, podem estar sujeitas a processos e “velocidades” distintos. Mesmo assim, nada impede que a estrutura interna dos vocábulos seja diferente daquela que aparentemente é e, nesse caso, a análise da vogal -i- como índice temático de *v* se manteria em ambos os casos (pretérito imperfeito e futuro do pretérito). Assim, no quadro de vocábulos verbais das línguas romances, a mesóclise parece indicar que a análise dessas formas tem que ser realmente outra, pois, como querem aqueles autores, analisando as vogais como índices temáticos, como seria possível “cortar” a estrutura e inserir material entre um núcleo sintático-funcional e seu índice temático?

Independente da forma como se convencionou grafar esses vocábulos, o futuro do presente e o do pretérito do português não chegaram a um ponto de gramaticalização que impeça totalmente a inserção de material entre eles, mesmo que só de clíticos (Cf. 2.34), da mesma

93 1999.

94 2000.

95 2008.

forma como apontam Roberts e Rossou⁹⁶ para variantes do português europeu. Outro argumento para a análise aqui proposta é a independência fonológica de /-aS/ em (2.34 b), quando da presença do clítico (Cf. também (2.35)).

(2.35) Cant[¹a]-lo-[¹a]s.

Outra vez fica evidente que a forma empregada na grafia não recupera a separação entre vocábulo sintático-morfológico e fonológico. A essa conclusão chegou também Vigário⁹⁷, quer dizer, pelo menos em parte. Vigário propõe uma análise dupla para as formas dos futuros (o mesmo é observado na análise de Mattoso Camara Jr. quando o verbete “mesóclise”, de seu Dicionário de Linguística⁹⁸, é comparado ao resto de sua obra): por um lado, uma estrutura amalgamada e, por outro, quando há presença do clítico, uma em que infinitivo e auxiliar não se fundiram. Essa análise não se mostra muito interessante, uma vez que quer abordar o problema com soluções diferentes e mais custosas. O que se quer propor aqui não são estruturas diferentes, mas, sim, restrições quanto aos movimentos e ao que é movido.

Dentre as línguas romances, o português, entretanto, não é uma exceção: as possibilidades de posicionamento do auxiliar em romeno são bastante interessantes. Nessa língua, em geral, o auxiliar vem anteposto à forma não-finita (Cf. 2.36):

(2.36) Am văzut.
 tinha visto
 Eu tinha visto.

Mas em algumas variantes, é também possível a posposição:

(2.37) Văzut-am.
 visto-tinha
 Eu tinha visto.

Monachesi⁹⁹ propõe para essa variante o que chama de domínio

96 2003, p. 49.

97 1999.

98 1986.

99 2005.

verbal, em que há um complexo verbal formado por auxiliar e forma não-finita, possibilitando, por princípios de linearização, a posposição ou anteposição do auxiliar. Esses mesmos princípios determinariam os casos em que tal flexibilidade não é permitida, como, por exemplo, a posposição do auxiliar em construções passivas.

(2.38 a) é um caso especial: no condicional o auxiliar só fica posposto se houver um clítico entre ele e a forma nominal (Cf. (2.38 b)).

- (2.38) a. Mira-m-aş
saber-cl.acc-iria
Sabê-lo-ia.
- b. *Mínca aş
comer iria

Monachesi¹⁰⁰ argumenta que o auxiliar seria um hospedeiro para clíticos, isto é, os clíticos objeto são adjungidos ao auxiliar como resultado de *clitic climbing*. Sob essa perspectiva, o exemplo (2.38 a) seria um caso em que a combinação clítico-auxiliar é sujeita à inversão, determinada pelos ditos princípios de linearização. Mas como esses princípios são, no caso da posposição, não-obrigatórios, uma vez que operam só em algumas variantes, pode o auxiliar preceder o verbo não finito mesmo quando acompanhado de um clítico, como em (2.39).

- (2.39) M-aş mira.
Cl.acc-iria saber
Sabê-lo-ia.

Mas mesmo que clíticos não estejam presentes, há uma possibilidade de em romeno sempre se pospôr o auxiliar: contextos em que o “infinitivo longo” é empregado (2.40). Na verdade, esse tipo de infinitivo só pode ocorrer na ausência de clíticos e é assim denominado por causa da sua semelhança com aquelas formas que foram posteriormente substituídas pelos “infinitivos curtos” e, também, pela semelhança com as formas latinas que a elas deram origem.

- (2.40) Mîncare-aş.
 comer iria
 Eu comeria.

Diante desse comportamento, a proposta de que há uma restrição sobre o movimento do VP inteiro ou só de parte dele, pode ser facilmente adaptada de modo a compreender também o romeno. O fato de o condicional só permitir a posposição do auxiliar com a presença do clítico pode ser abordado por uma subespecificação da restrição de movimento, por exemplo; mas a explicação de como todas essas restrições funcionariam, demandaria um estudo mais detalhado do fenômeno, tanto em romeno, quanto em português. Os exemplos elencados do romeno, no entanto, podem ser arrolados como suporte para a ideia de que a posposição de verbos auxiliares é possível e ainda encontrada em uma língua viva, geneticamente não distante do português. Os fenômenos abordados no português e romeno evidenciam, a partir da origem comum das línguas românicas, que o processo de gramaticalização atinge níveis diferentes nas diferentes línguas, o que não impede que, mesmo naquelas línguas, como o italiano, o francês e o espanhol, por exemplo, em que nada pode intervir entre forma não-finita e auxiliar, as formas do futuro e futuro do pretérito sejam analisadas como “peças” separadas no nível sintático-morfológico e como uma só no nível fonológico.

Que possa não haver coincidência absoluta entre o nível sintático-morfológico e o fonológico não é problemático; no caso dos verbos, porém, pode haver maior resistência à sua aceitação, por causa da convenção adotada na escrita, em que não há um espaço em branco separando essas formas, quando entre elas não houver um clítico interveniente. Mesmo assim, por poderem ser tratadas como formas perifrásticas – e serão nesse trabalho, o futuro do presente e o do pretérito deixam de fazer parte do escopo deste trabalho, dedicado à análise da formação e inter-relação de traços sintático-morfológicos e fonológicos das formas simples. Se é assim, as configurações sob *v* e *T*, *ceteris paribus*, passam a ser as seguintes:

Presente	[neut] [pres]
Presente Subjuntivo	[neut] [pres] ([subj])
Imperfeito Indicativo	[neut] [pass]
Imperfeito Subjuntivo	[neut] [pass] ([subj])
Pretérito Perfeito	[perf] [pres]
Pretérito-mais-que-perfeito	[perf] [pass]
Futuro Subjuntivo	[neut] [futu] ([subj])

Quadro IV: Versão definitiva das representações temporais do sistema verbal simples do PB.

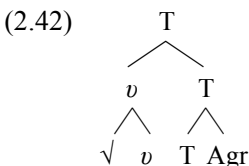
Os vocábulos verbais no entanto dispõem de outras peças. Essas, porém, são inseridas e manipuladas no componente denominado Morfologia. O modo de operação desse componente e seu papel na construção do vocábulo é tema da próxima subseção.

2.1.1 Manipulação morfológica de nós e traços

Todas as formas finitas dos verbos bem formadas em português devem dispor de concordância morfológica com o sujeito, exceto nas orações sem sujeito e nas expressões impessoais. Essa concordância é implementada na morfologia por uma condição de boa-formação, adaptada de Oltra Massuet¹⁰¹, aplicada sobre T: (2.41).

- (2.41) Condição morfológica de boa-formação sobre T: para cada T finito haverá um nó com as propriedades de concordância, Agr.

O vocábulo verbal passa a ter, depois da inclusão dessa condição, a seguinte forma:

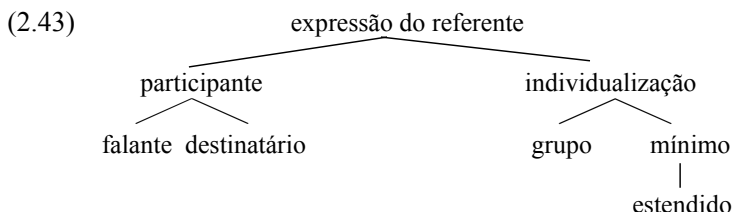


Os traços de Agr, também chamados de φ , não são inerentes ao vocábulo verbal; mas, sim, copiados para ele, através da operação de cópia, a partir do elemento da frase com o qual concorda, para a satisfação

101 1999, p. 13.

da condição de boa-formação (2.41). Na literatura relevante (Harley e Ritter¹⁰², por exemplo), tem-se preferido também representar esses traços geometricamente. Um dos principais argumentos para isso é que alguns deles podem ocorrer juntos, enquanto a combinação de outros não parece possível¹⁰³. A geometria de traços possibilita, segundo Noyer¹⁰⁴, compreender diferentes propriedades, como a formação de classes naturais por ramificação, a possibilidade de sinalização de fatores externos e a possibilidade de contrastividade, contida nas relações de dependência.

A parte da geometria de traços proposta por Harley e Ritter¹⁰⁵, que interessa aqui, é a seguinte:



Todos os traços dependem do nó raiz [expressão do referente]. Só aí ocorre uma subdivisão, em que o nó à esquerda determina se o sujeito da sentença participa ou não do ato de comunicação [participante] e o à direita [individualização], com suas ramificações, auxilia na melhor determinação das propriedades do referente. O nó [participante] é subdividido em [falante] e [destinatário] de acordo com o papel que desempenha na comunicação. A partir dos traços [grupo], [mínimo] e [estendido] do nó [individualização] pode-se especificar se o referente é um grupo de objetos (plural), é um grupo mínimo (constituído por duas unidades, dual), ou um pequeno grupo (de três unidades, trial).

As combinações de traços possíveis para os vocábulos verbais finitos do português são as seguintes (em que [ER] = expressão do referente, [PAR] = participante, [FAL] = falante, [DES] = destinatário, [IND] = individualização e [GRU] = grupo):

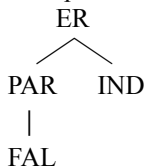
102 2002.

103 HARLEY; RITTER, 2002.

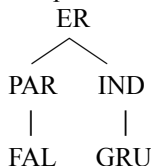
104 1992.

105 2002.

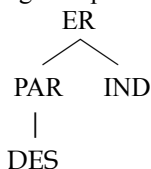
(2.44) a. Primeira pessoa do singular



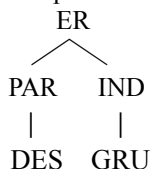
b. Primeira pessoa do plural



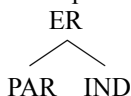
c. Segunda pessoa do singular



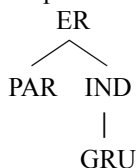
d. Segunda pessoa do plural



e. Terceira pessoa do singular



f. Terceira pessoa do plural



As segundas pessoas do discurso ((2.44) (c.) e (d.)) resultam da ausência do traço [FAL(ante)], enquanto que para as terceiras pessoas, que não segundas pessoas do discurso, *i. e.*, a referência, é decisiva a ausência tanto do traço [FAL(ante)], quanto do traço [DES(tinatário)] (Cf. (2.44 e. e f.)). O que ocorre em relação às propriedades numerais é que quando o traço [GRU(po)] não está presente (2.44 a., c. e e.) a interpretação é de não-plural. A realização desses traços efetivamente no sistema não conterà traços redundantes. Isso significa dizer que quando o traço [FAL] estiver presente, o traço [PAR] não será especificado, por ser uma informação redundante, na medida em que todo falante participa do ato de comunicação. O mesmo se dá para as ocorrências do traço [GRU]. Assim, o nó criado pelo componente morfológico será sempre especificado por no máximo dois traços.

Das peças que formam os vocábulos verbais, percebe-se ainda a falta da vogal temática, caso se pense na fórmula do vocábulo verbal de Mattoso Camara¹⁰⁶. Na verdade, como apontou Oltra Massuet, a chave

106 1970.

para qualquer análise nova dos sistemas verbais romances deverá ser buscada exatamente nos índices temáticos. Como os índices temáticos não têm quaisquer efeitos semânticos e também não são relevantes para a derivação sintática, fazem parte daqueles nós que são inseridos pós-sintaticamente, aqui, também, por uma regra morfológica de boa-formação¹⁰⁷.

Na literatura é patente a admissão da extensão do radical verbal (aqui $\sqrt{+v}$) de línguas como o latim e o português, por exemplo, por um índice temático (doravante It): esse índice é selecionado a partir de propriedades idiossincráticas das raízes, refletindo no que se costumou denominar conjugações. Assim, os vocábulos verbais podem ser segmentados em quatro constituintes como no exemplo português: cant-á-va-mos. Como aí se observa, há também no morfema modo-aspecto-temporal a presença de uma vogal: -a-. Da comparação com outros vocábulos verbais (como cantaria, cantarei, cantara) percebe-se que as vogais presentes nesses morfemas são as mesmas que realizam os índices temáticos que estendem o radical (amar, bater, partir). Segundo essa observação, Oltra Massuet¹⁰⁸ sugeriu que se encarasse o morfema modo-temporal não como -va-; mas como -v- mais -a-, em que o último equivaleria também a um índice temático.

Essa ideia tem sua origem no trabalho de Williams¹⁰⁹, para o latim, em que postula também um índice temático para os morfemas aspecto-modo-temporais. Oltra Massuet analisou o catalão de modo a mostrar que não só o radical pode ser estendido por um índice temático, mas qualquer núcleo sintático funcional. Essa mesma afirmação foi feita para o espanhol¹¹⁰ e desde o trabalho de Oltra Massuet ganhou a forma de uma condição morfológica de boa-formação, como a de (2.45), sobre todos os núcleos sintático-funcionais (F).

(2.45) Condição morfológica de boa-formação sobre F: cada F requer uma posição temática.

Ao contrário do que ocorre com os traços ϕ , um novo nó é disponibilizado sem quaisquer traços e é baseada nessa regra que a autora propõe explicar a alomorfia dos sufixos flexionais. Como o nó Agr é funcional, mas não sintático-funcional, ele não é afetado por essa regra

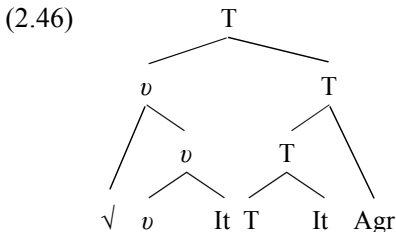
107 Cf. OLTRA MASSUET, 1999; ARREGI, 2000; POMINO, 2008.

108 1999.

109 1981.

110 ARREGI, 2000; POMINO, 2008.

morfológica. Assim, segundo essa nova condição de boa-formação, os vocábulos verbais seriam configurados da seguinte maneira:



Regras morfológicas de boa-formação podem, então, fazer com que a estrutura sintática seja estendida antes da inserção vocabular. Isso se dá sem a deformação da estrutura original, uma vez que os núcleos sintático-funcionais são apenas estendidos por posições adicionais.

A proposta de uma regra de boa-formação que explicitie propriedades intrínsecas das raízes e as separe em grupos pode, assim, ser plausível; mas, se todos os núcleos sintáticos funcionais devem refletir também essas propriedades, é a questão a ser discutida. Há vantagens num tal postulado?

Quando comparados, vocábulos verbais como “amáramos” se mostram mais longos do que outros como “amamos”. Fazer com que esse último se encaixe numa representação como (2.46) demandaria algum esforço, devido, por exemplo, a mais um nó (o It) criado no componente morfológica. Aqueles nós terminais de (2.46) resultam pois de incrementações no componente morfológico, mas ainda nesse componente, esses mesmos nós têm que sofrer outras alterações. Uma delas se deve à operação denominada de “fusão”.

(2.47) Operação de fusão: através dela dois nós terminais irmãos, sob um único nó categorial, são fundidos em um único nó.

Como efeito da regra, no contexto em que aplica, resta só um nó, de modo que apenas um item de vocabulário, total ou subespecificado, pode ser inserido para esse nó resultante. Para que o sistema verbal até agora apresentado consiga dar conta de formas como “amamos”, deve dispor de uma regra geral de fusão (2.48), ou então de itens de vocabulário sem realização fonológica, a serem inseridos nos nós T e seu respectivo It.

- (2.48) O nó sintático final T fusiona com o nó φ , se entre as propriedades codificadas sob T estiver o traço [pres].

Os contextos que contêm o traço [pres] são considerados não-marcados, em oposição aos marcados: [pass] ou [futu]. Se (2.48) quiser aplicar em uma estrutura semelhante a (2.46), como querem Oltra Massuet¹¹¹, Arregi¹¹² e Pomino¹¹³, surgem problemas. O primeiro, e mais importante deles, diz respeito à própria definição de fusão, dada em (2.47). Assim como está, não há como a regra de fusão atuar em (2.46), porque há um nó *It* interveniente: se T e Agr não são adjacentes, não há fusão e os vocábulos gerados não serão os esperados; ou será necessária uma enorme lista de itens de vocabulário sem matriz fonológica, isto é, /Ø/, como já mencionado. Uma possibilidade seria a de propor que a regra de fusão atuasse antes da regra de boa-formação que inclui os índices temáticos. Isso, segundo Oltra Massuet¹¹⁴, levaria a outros dois problemas. Primeiro, seria necessário se assumir que há uma hierarquia na aplicação das diferentes regras no componente morfológico, como faz Noyer¹¹⁵: primeiro, a regra de boa-formação sobre T, para a cópia das informações de concordância, depois, a regra de fusão e, por último, a regra de boa-formação que estende os nós com índices temáticos. Não só haveria três níveis extrínsecos de aplicação de regras, como haveria regras de um mesmo tipo sendo aplicadas em diferentes níveis. Se fosse assim, o núcleo sintático-funcional, T, estaria isento da extensão por um índice temático quando fusionado com um núcleo não sintático-funcional, φ , o que, em outras palavras, sugeriria que ele não estaria sujeito àquela regra.

A solução adotada por aqueles autores foi a de ignorar o nó *It* intermediário, entre T e Agr, pelo fato de não ter quaisquer traços, motivo pelo qual a fusão não seria bloqueada. Mesmo assim, se as três regras aplicarem simultaneamente, o nó *It* é gerado. Se ele for gerado e não apagado de algum modo, independente da fusão, ele deverá “estar” em algum lugar. Como nada a respeito está escrito, deduz-se que ou o nó foi apagado como efeito colateral da regra de fusão, ou foi relegado à uma zona “escura”, onde não pode ser “visto” por qualquer regra e/ou item de inserção vocabular. Sim, porque se estiver visível durante a inserção

111 1999.

112 2000.

113 2008.

114 1999, p. 38.

115 1992.

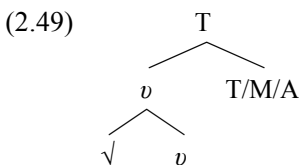
vocabular, deverá, para esse nó, também ser inserido o item mais especificado da respectiva lista de itens, gerando formas não esperadas.

Esse é exatamente o divisor de águas entre este e os trabalhos até agora mencionados. A dada “solução” não será endossada aqui e no que segue serão elencadas evidências para a incompatibilidade da extensão da aplicabilidade da regra de boa-formação a todas as categorias sintático-funcionais. Como essa solução é reflexo das decisões tomadas durante o percurso até aqui apresentado e adaptado ao português, uma reformulação da abordagem até agora proposta será feita na próxima seção, de modo que toda a apresentação e discussão de outras regras do componente morfologia bem como dos próximos passos da derivação serão aqui omitidas e retomadas na sequência lógica da revisão.

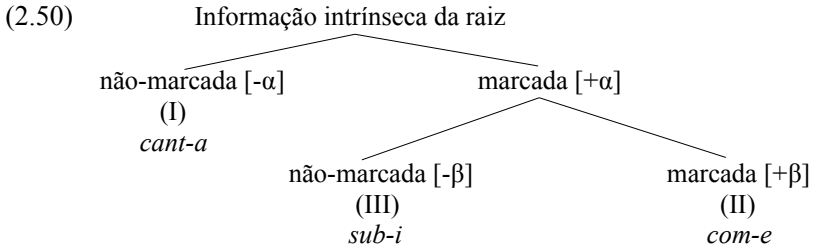
2.2 A estrutura interna dos vocábulos verbais II

A proposta a ser apresentada aqui diferirá em alguns pontos do até agora exposto, principalmente no que diz respeito ao não postulado de índices temáticos para todos os nós sintático-funcionais. Se o sistema verbal romance for assim analisado, generalizações mais abrangentes serão alcançadas, como se verá nessa seção.

A abordagem sintática da formação de vocábulos deve ser mantida. Assim, uma raiz faz parte de um vocábulo verbal quando está adjunta e é c-comandada por $\sqrt{\quad}$, T, M e A, conforme (2.49):



Em português, os traços T, M e A permanecem fundidos. As informações intrínsecas sobre a realização fonológica final e sobre a formação de conjuntos específicos de raízes também será mantida, conforme o esquema de (2.7), repetido aqui como (2.50):



O modo de combinação, especificação e aplicação das regras de redundância permanece o mesmo:

- (2.51) a. 1ª conjugação [- α]
 b. 2ª conjugação [+α, +β]
 c. 3ª conjugação [+α, -β]

- (2.52) a. [] → [+α]
 b. [+β] → [+α]
 c. [+α] → [-β]

Para a análise das propriedades temporais dos vocábulos verbais os traços morfossintáticos elencados na subseção anterior também serão mantidos, bem como a exclusão das formas do futuro e do futuro do presente do quadro das formas simples, mantendo-se as configurações do Quadro IV.

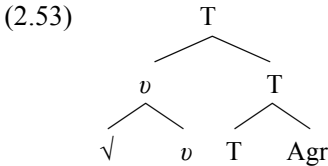
Presente	[neut] [pres]
Presente Subjuntivo	[neut] [pres] ((subj))
Imperfeito Indicativo	[neut] [pass]
Imperfeito Subjuntivo	[neut] [pass] ((subj))
Pretérito Perfeito	[perf] [pres]
Pretérito-mais-que-perfeito	[perf] [pass]
Futuro Subjuntivo	[neut] [futu] ((subj))

Quadro IV: Versão definitiva das representações temporais do sistema verbal simples do PB.

2.2.1 Manipulação morfológica de nós e traços

Em relação à regra de boa-formação sobre T, (2.41), para a inserção das propriedades de concordância, também será mantida a mesma

da seção anterior. A forma do vocábulo verbal simples, após a aplicação dessa regra, é a rerepresentada em (2.53).



As possíveis combinações de traços para o nó Agr, dos vocábulos verbais finitos do português, também serão as mesmas da seção anterior (Cf. 2.44) e o nó criado pelo componente morfológico será sempre especificado por no máximo dois traços.

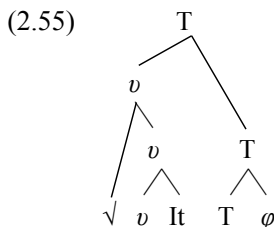
Além de não considerar os futuros do presente e pretérito formas simples, outro ponto de divergência, entre este trabalho e os inspirados na proposta de Oltra Massuet¹¹⁶, é o não-postulado de índices temáticos para todos os núcleos sintático-funcionais. Como é sabido, os índices temáticos não têm quaisquer efeitos semânticos e também não são relevantes para a derivação sintática, por isso, são inseridos pós-sintaticamente, aqui, também, por uma regra morfológica de boa-formação¹¹⁷. O alcance dessa regra, contudo, é bem menor do que naqueles trabalhos: ela se restringe à extensão de *v* por um índice temático (It), refletindo propriedades intrínsecas das raízes. O motivo para a não extensão da própria raiz por um índice temático se deve ao fato de ela poder ser susceptível de outros processos, como a derivação, mas, principalmente, por não ser de natureza funcional.

(2.54) a. Condição morfológica de boa-formação sobre *v*: todo *v* requer uma posição temática.

“Todo *v*” significa efetivamente que “todo *v*” deverá ser estendido por um índice temático e, como ainda se verá, só há um contexto, bastante específico, em que o item de vocabulário inserido para esse nó é e deve ser apagado por uma regra fonológica. Segundo essa condição, os vocábulos verbais assumem a já mencionada configuração:

116 1999.

117 No sentido de Oltra Massuet (1999), Arregi (2000) e Pomino (2008).



Se a regra de boa-formação atuar só sobre v , o problema da já abordada regra de fusão (2.48), repetida aqui em (2.56), desaparece.

(2.56) O nó sintático final T fusiona com o nó φ , se entre as propriedades codificadas sob T estiver o traço [pres].

Se for aceito o que se tem proposto nessa seção, não há que se postular qualquer hierarquia entre as regras do componente morfologia. O principal problema que motivou o abandono da abordagem de índices temáticos sobre todos os núcleos sintático-funcionais foi o fato de essa regra inserir um nó interveniente entre T e φ , impedindo, do ponto de vista rígido assumido aqui, a aplicação da regra de fusão. Como visto, nesse caso, uma solução possível seria a de se propor uma ordenação entre os diferentes tipos de regras. Conseqüentemente outro problema surgiria, porque o próprio nó φ é inserido por uma regra de boa-formação e isso demandaria três diferentes níveis de regras. Ora, se a regra se restringe à v , nenhum nó intervém entre T e φ : por serem adjacentes esses nós podem ser fundidos ao mesmo tempo, *i. e.*, no mesmo nível, em que a regra de boa-formação aplica sobre v . Observe-se que é preciso que a regra de boa-formação sobre T aplique para que a fusão possa ocorrer; mas assim que aplicou, obrigatoriamente, a regra de fusão produz seus efeitos, independente de qualquer outra.

Esses processos morfológicos abordados até agora trataram dos nós. Há, porém, operações a que os traços dos nós estão sujeitos, como a de empobrecimento (inglês: *impoverishment*). Esse tipo de regra, no entanto, não será mencionada porque nenhuma delas atua no sistema verbal do português conforme delineado aqui.

2.2.2 Regras de reajustamento fonológico

Mesmo que se alcancem melhores resultados com a separação

(2.58) Regras fonológicas que podem atuar no sistema verbal do PB

a.	/a/	→	/e/	/_ /i/
	[It]			[T/φ _[fal]]
b.	/a/	→	/e/	/_ /iS/
	[T _[R_F]]			[φ _[des, gru]]
c.	/a/	→	/o/	/_ /u/
	[It]			[φ _[ind]]

Essas não são as únicas regras de reajustamento fonológico que atuam sobre as formas simples do sistema verbal do português; mas dão conta dos processos fonológicos que ocorrem no pretérito perfeito da primeira conjugação. As outras duas conjugações também demandam regras específicas para as primeiras pessoas do singular e serão discutidas mais adiante quando esse tempo for mais detalhadamente analisado. Outro bom exemplo de regra fonológica atuante é a do processo denominado de metafonia¹¹⁸, fenômeno tratado junto aos tempos em que se mostra relevante. Já a questão do acento será tratada em separado, no quarto capítulo.

2.2.3 A linearização

Como o material fonológico não é relevante para a geração da estrutura sintática, a inserção vocabular proposta pela MD não contradiz a condição de inclusividade de Chomsky¹¹⁹, por exemplo. Evidentemente, propriedades aleatórias não podem ser inseridas em PF. No entanto, como visto, é possível a inserção de elementos não relevantes tanto para o componente semântico, quanto para a derivação sintática, como índices temáticos e propriedades fonológicas. Essa disjunção de traços pode ser assim definida:

(2.59) Traços sintático-semânticos só podem ser inseridos até a chegada no componente morfologia.

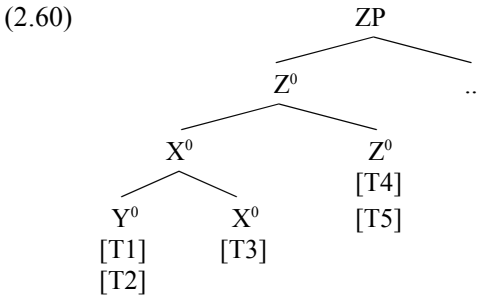
O caso ideal é o em que os motivos para a discrepância entre a estrutura sintático-hierárquica e a forma morfofonológica ficam nas condições de legibilidade, que são exigidas pelas interfaces¹²⁰. É isso que

118 Cf. IMANISHI, 1975; CAFEZEIRO, 1981.

119 1999, p. 313.

120 EMBICK; NOYER, 2007.

ocorre com a linearização: a partir dos chamados elementos iniciais (os da Lista A), a sintaxe gera estruturas hierárquicas. A PF, todavia, não pode, como interface com o sistema articulatório-perceptual (A/P), ter qualquer estrutura hierárquica, pois não há como se articular uma estrutura hierarquicamente sonora. A linearização, que é determinada por fatores externos (exigências dos sistemas A/P), é um processo de mapeamento, que ocorre entre o componente sintático e o fonológico. A estrutura sintática só pode ser linearizada durante (ou depois) da inserção do material fonológico. Por exemplo, as categorias X^0 , Y^0 , Z^0 de (2.60) podem ser linearizadas como prefixo ou sufixo, independentemente de onde elas se encontram na estrutura de adjunção (T equivale em (2.60) a traço):



Embick e Noyer¹²¹ postulam que através do processo de linearização seja inserido um operador (*), que representa a adjacência imediata entre, por exemplo, os elementos X^0 e Y^0 . Eles formulam isso da seguinte maneira:

$$(2.61) \quad \text{Lin} [{}_{x^0} Y^0 X^0] \quad \rightarrow \quad (X^0 * Y^0) \text{ ou } (Y^0 * X^0)$$

A regra de linearização leva em consideração só a adjacência imediata, sem determinar se se trata de adjacência à direita ou à esquerda. Desse modo, X^0 pode estar à esquerda de Y^0 depois da linearização ou, alternativamente, à sua direita. A estrutura um pouco mais complexa [${}_{z^0} [{}_{y^0} X^0 Y^0] Z^0$] significa que se obtém, depois do uso da regra de linearização, primeiro $(X^0 * Y^0)$ ou $(Y^0 * X^0)$; no próximo nível da hierarquia é então estabelecido que Z^0 deva ser adjacente ao complexo inteiro $((X^0 * Y^0) * Z^0)$ ou $(Z^0 * (Y^0 * X^0))$. Sendo possível, assim, se garantir a cor-

reta linearização dos vocábulos.

3 O sistema verbal do português brasileiro

Aqui serão tratadas as formas regulares dos modos indicativo e subjuntivo do sistema verbal e, depois, no próximo capítulo, as propriedades acentuais, uma vez que não são, a princípio, propriedades das raízes, *i. e.*, quaisquer propriedades subjacentes a esse respeito não devem ser levadas em consideração.

As formas verbais, a serem discutidas aqui, são aquelas dos modos indicativo e subjuntivo. As do imperativo e as nominais não figuram por não conterem traços de tempo. Como o que se quer é explicar uma possibilidade de funcionamento do sistema verbal, as diferentes possibilidades de uso dos modos e tempos que não aqueles discutidos no capítulo anterior não são relevantes.

3.1 A composição dos diferentes vocábulos verbais

Como já discutido, os vocábulos verbais são compostos por um conjunto de nós sintáticos finais especificados por traços, aos quais são atribuídas, posteriormente, formas fonológicas. É a demonstração desse processo que se dedica esta seção. Primeiro, então, se verá o modo de organização desses traços. Sob uma visão não forte do princípio lexicalista, os vocábulos verbais são construídos na sintaxe, de modo que sua primeira peça é a raiz.

Para a exemplificação geral de todos os mecanismos serão empregados três verbos, um de cada conjugação: “amar”, “bater” e “partir”. Como o que se busca é a maior generalização possível, as três conjugações serão tratadas simultaneamente. Para melhor compreensão, a discussão será realizada a partir dos diferentes modos e respectivos tempos do português. O objetivo é depreender os padrões gerais.

Todas as regras, morfológicas ou fonológicas, e as listas que forem sendo introduzidas corresponderão à versão aplicável até o momento descrito, sendo atualizadas e/ou revistas no decorrer do texto, caso necessário. As respectivas versões finais serão sempre identificadas como tal.

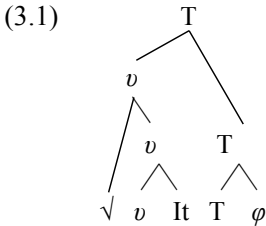
3.2 O modo indicativo

Este modo é composto por quatro diferentes tempos simples: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito-mais-que-per-

feito.

3.2.1 Pretérito imperfeito

(3.1) Como visto, os vocábulos verbais têm a forma apresentada em



No pretérito imperfeito essa configuração não sofre qualquer alteração. Ambas as regras de boa-formação, sobre T, (3.3), e *v*, (3.4), aplicam simultaneamente no módulo morfológica, inclusive as de redundância (3.2), que evidenciam as propriedades intrínsecas das raízes.

- (3.2)
- | | | | |
|----|------|---|------|
| a. | [] | → | [-α] |
| b. | [+β] | → | [+α] |
| c. | [+α] | → | [-β] |

(3.3) Condição morfológica de boa-formação sobre T: para cada T finito haverá um nó, adjacente a ele, com as propriedades de concordância, Agr.

(3.4) Condição morfológica de boa-formação sobre *v*: todo *v* requer uma posição temática, para a expressão de uma propriedade intrínseca da raiz.

Depois que esses nós sofrerem alterações no módulo morfológica, os itens de vocabulário devem ser inseridos no próximo passo da derivação. O zero fonológico é inserido sem custo pelo sistema, porque não especificado, caso se assuma uma lista de itens de vocabulário para esse nó conforme (3.5).

/N/ não equivale ao que Mattoso Camara Jr. chamou de arqui-fonema nasal, mas ao que se chamará de “elemento nasalizante”, a fim de

não se ter que postular duas entradas para o item que realiza o nó It, totalmente especificadas para esse contexto. Isso se deve ao fato de se estar postulando a inserção de uma vogal oral, como item de vocabulário para It, que, após a inserção, copia o traço de nasalidade do elemento nasal inserido para o nó φ : “nasalação meramente mecânica e fonética (sem efeito para distinguir formas da língua)”¹. Um efeito fonético colateral da presença desse elemento nasal, é a ditongação da vogal, agora nasalizada. Esse elemento nasalizante é obrigatoriamente assinalado por “m” na escrita canônica.

(3.5) Lista provisória de itens de vocabulário para o nó φ

- | | | | |
|----|-------|---|------------------------|
| a. | /moS/ | ↔ | $\varphi_{[fal, gru]}$ |
| b. | /iS/ | ↔ | $\varphi_{[des, gru]}$ |
| c. | /S/ | ↔ | $\varphi_{[des]}$ |
| d. | /N/ | ↔ | $\varphi_{[gru]}$ |

A lista de itens de vocabulário para o nó de tempo, modo e aspecto é proposta em (3.6) e para o do índice temático em (3.7).

(3.6) Lista provisória de itens de vocabulário para o nó T

- | | | | | |
|----|------|---|---|-----------------------|
| a. | /a/ | ↔ | T | /It _[+α] _ |
| b. | /va/ | ↔ | T | |

(3.7) Lista provisória de itens de vocabulário para o nó It

- | | | | |
|----|-----|---|--------------------|
| a. | /e/ | ↔ | It _[+β] |
| b. | /i/ | ↔ | It _[+α] |
| c. | /a/ | ↔ | It |

Da lista (3.6) depreende-se que o que se está assumindo aqui como item lexical inserido no nó T é apenas /a/ e não /ia/. Assim, /i/ só pode ser analisado como o item lexical inserido para o nó It para a segunda e terceira conjugações. Caso se queira resolver esse ponto ainda no componente morfológica, a solução que se apresenta é uma regra de empobrecimento que atua nos verbos marcados idiossincriticamente com [+β]. Nesses casos, o traço positivo passa a negativo, [-β], e, pelas regras de redundância (3.2), o item lexical a ser inserido nesses nós é aquele especificado para o traço [+α]: /i/ (Cf. (3.8)), gerando as formas esperadas.

(3.8) [+β] → [-β] /It_□ T_[neut, pass]

1 MATTOSO CAMARA JR., 1970, p. 47.

Outra possibilidade seria a de se resolver esse impasse no componente fonológico e aí há duas possibilidades. A primeira seria através de duas regras: uma de apagamento do índice temático, no caso da segunda conjugação, e outra de crase, no da terceira. Como consequência direta dessa opção, o item lexical a ser postulado para o nó T deveria ser /ia/, em ambas as conjugações, ao invés de /a/. A segunda possibilidade seria a de se postular uma regra única: apagamento do item temático quando esse vier seguido por um item de vocabulário iniciado por outra vogal. Nesse caso, também, /ia/ seria o item lexical para T e nesse momento do trabalho, as três possibilidades solucionam o problema. Contudo, é preciso se decidir por uma delas.

Como se verá no quarto capítulo, é a manutenção da primeira proposta que deve ser privilegiada, pois o item de vocabulário /i/ deverá ser encarado, nessas formas, como tendo sido inserido de acordo com o pareamento dos traços de It (índice temático), tanto para a segunda quanto para a terceira conjugação, uma vez que é o centro silábico mais proeminente desses vocábulos e essa posição ou é ocupada pelo índice temático, ou pela última vogal do radical. Assume-se aqui, então, que é a regra (3.8) que atua no sistema do português, fazendo com que, tanto para a segunda, quanto para a terceira conjugação, a única possibilidade de realização para o nó It seja /i/, nesse modo e tempo verbais.

O item de vocabulário /a/, em (3.6), é, então, o mais marcado e deverá ser inserido, como representação do nó T, sempre que o contexto “It_[+a]” ocorrer. De acordo com a regra (3.8) e de redundância (3.2), esse será sempre o caso dos verbos da segunda e terceira conjugações, uma vez que se opõem aos da primeira, não marcados e representados, devido à atuação das mesmas regras, por [-a], conforme, também, (2.50).

As etapas de todo o mecanismo para a primeira conjugação são aquelas representadas em (3.10) sequencialmente, uma vez que é mais prático representá-las desse modo, sem esquecer que não há uma hierarquia entre regras de um mesmo nível, com exceção de regras de reajustamento fonológico, que pressupõem a existência de condicionamentos para a sua atuação. Esse é o caso da regra de reajustamento que atua sobre a segunda pessoa do plural (Cf. (2.58 b)), copiada aqui como (3.9 a), em que o /-a/ pode ser o próprio item de vocabulário, como na segunda e terceira conjugações no pretérito imperfeito, ou fazer parte dele, como na primeira conjugação também no pretérito imperfeito, na realização dos traços de T.

Além dessa regra fonológica há outras regras fonéticas gerais, que atuam em todo o sistema: a primeira diz respeito à elevação de vo-

gais átonas em sílabas pós tônicas, podendo ser precedidas ou seguidas por consoantes e chegar até a duas sílabas (caso da primeira pessoa do plural do pretérito imperfeito do subjuntivo), e a segunda é a de alteração de valor do traço [+silábico] de certas vogais. Esse é o caso dos itens de vocabulário inseridos para \varnothing , quando são realizados por vogais [+altas] e precedidas por outra vogal. Isso é necessário devido ao fato de a semivogal ser um construto dependente da noção/definição de sílaba. Assim, os itens de vocabulário constam nas respectivas listas como sendo constituídos por vogais plenas, sendo o algoritmo de formação de sílabas, intimamente relacionado ao do acento, responsável pela alteração do valor do traço e consequente transformação em semivogais, a partir dos itens de vocabulário inseridos para aqueles nós. Como as vogais e semivogais diferem somente em relação ao traço [\pm silábico], a regra tem como atuar naqueles contextos específicos: vogais [+altas], dos itens de vocabulário pareados para \varnothing , que são precedidas por outras vogais. Tanto sua formulação, quanto os efeitos dessas regras não serão elencados devido à sua natureza fonética. As regras fonológicas sempre figurarão.

(3.9) Regras de reajustamento fonológico

a. $\begin{array}{ccc} /a/ & \rightarrow & /e/ \quad /_ /iS/ \\ T_{[neut, pass]} & & \varnothing_{[par, gru]} \end{array}$

(3.10) a.

amava

Sintaxe	$\sqrt{am}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[neut, pass]}$		
(3.2)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pass]}$		
(3.3)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pass]}$	$\varnothing_{[fal, ind]}$	
(3.4)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pass]}$	$\varnothing_{[fal, ind]}$
(3.7)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$		a		
(3.6)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$		a	va	
(3.5)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$		a	va	\emptyset

b.

amavas

Sintaxe	$\sqrt{am}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[neut, pass]}$		
(3.2)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pass]}$		
(3.3)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pass]}$	$\varnothing_{[des, ind]}$	
(3.4)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pass]}$	$\varnothing_{[des, ind]}$
(3.7)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$		a		
(3.6)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$		a	va	
(3.5)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$		a	va	S

c. *amava*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.6)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	va	
(3.5)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	va	\emptyset

d. *amávamos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.6)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	va	
(3.5)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	va	moS

e. *amáveis*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.6)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	va	
(3.5)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	va	is
(3.9)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ve	is

f. *amavam*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.6)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	va	
(3.5)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	va	N

Em (3.10 b), por exemplo, percebe-se a atuação do princípio da subespecificação em atuação. Da lista (3.5), o item /S/ é o único que pode ser inserido para o nó, uma vez que possui somente um traço e esse é compatível com um traço do nó. A presença do traço [ind] no nó, como

já visto, não impede a inserção.

A segunda e terceira conjugações também não apresentam maiores dificuldades (Cf. (3.11) e (3.12)). Nesses dois casos, como visto, só há um item de vocabulário a ser inserido para o nó T: /a/. A regra (3.8) atua sobre as raízes marcadas intrinsecamente com [+β] e só um item da lista em (3.7) é próprio para a inserção no nó It em ambas as conjugações: /i/. A regra de (3.9) aplica aqui também.

(3.11) a. *batia*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{fal, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{fal, ind}]}$
(3.8)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	Ø

b. *batias*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{des, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{des, ind}]}$
(3.8)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	S

c. *batia*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{par, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{par, ind}]}$
(3.8)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	Ø

d. *batíamos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
---------	--------------------------------	-----------	---------------------------	--	--

(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.8)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	muS

e.

batieis

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.8)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	is
(3.9)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	e	is

f.

batiam

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.8)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	a	N

(3.12) a.

partia

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	\emptyset

b.

partias

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$		

(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	S

c. *partia*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	\emptyset

d. *partiamos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{fal, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	moS

e. *partieis*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	iS
(3.9)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	e	iS

f. *partiam*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]}$	$\varnothing_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.6)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	

(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	a	N
-------	----------------------------------	--	---	---	---

3.2.2 Pretérito-mais-que-perfeito

Neste tempo, não há, também, qualquer alteração em relação à estrutura do verbo gerada na sintaxe/morfologia, de modo que se mantém a mesma da subseção anterior. As listas de itens de vocabulário para os nós \varnothing e It se mantêm as mesmas, (3.5) e (3.7), respectivamente, mas a lista de itens de vocabulário para o nó T^o , (3.6), tem que ser alterada (Cf. (3.13)).

(3.13) Lista provisória de itens de vocabulário para o nó T

- a. /a/ \leftrightarrow $T_{[\text{neut, pass}]} / It_{[+\alpha]} _$
 b. /va/ \leftrightarrow $T_{[\text{neut, pass}]}$
 c. /ra/ \leftrightarrow T

Em (3.13) foi preciso especificar mais os itens de vocabulário /a/ e /va/ para que sejam corretamente inseridos nos contextos esperados. Observe-se que a diferença entre os modos indicativo e subjuntivo é assinalada em C, de modo que não há confusão quanto à escolha dos itens de vocabulário a serem inseridos. /ra/, do modo como especificado em (3.13 c), garante a correta inserção nas formas do pretérito-mais-que-perfeito, para todas as conjugações, pois passou a ser o item lexical menos especificado da lista. Assim, para qualquer nó T que não contiver as especificações de (3.13 a) e (3.13 b), deverá ser inserido o item de vocabulário /ra/. A opção pela menor especificação para /ra/ se deve ao fato de esse item de vocabulário figurar em outro contexto: a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito. Como se verá mais adiante, por ser o item de vocabulário menos especificado, o fato de ser essa forma a aparecer naquele contexto também é facilmente explicado com base no princípio da subespecificação dos itens de vocabulário, isto é, não há, na lista, qualquer outra opção compatível com aquele contexto além de /ra/.

A regra fonológica de reajustamento (3.9) atuam nesse tempo também.

(3.14) a.

amara

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]} \mid \varnothing_{[\text{fal, ind}]}$

(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.13)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	\emptyset

b. *amaras*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.13)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	S

c. *amara*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.13)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	\emptyset

d. *amáramos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.13)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	moS

e. *amáreis*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pass}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.13)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	iS
(3.9)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	re	iS

f. *amaram*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.13)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	N

(3.15) a.

batera

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.13)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	\emptyset

b.

bateras

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.13)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	S

c.

batera

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.13)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	\emptyset

d.

batêramos

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$

(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.13)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	moS

e. *batêreis*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.13)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	iS
(3.9)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	re	iS

f. *bateram*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.13)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra	N

(3.16) a.

partira

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.13)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	\emptyset

b.

partiras

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.13)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	S

c. *partira*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.13)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	\emptyset

d. *partiramos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.13)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	muS

e. *partireis*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.13)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	iS
(3.9)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	re	iS

f. *partiram*

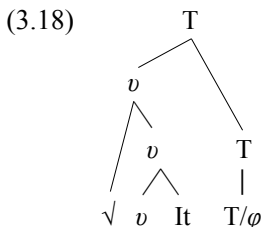
Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pass}]}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.13)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	
(3.5)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	N

3.2.3 Presente

O presente, por suas configurações temporais, é um contexto que dispara a regra (2.56), repetida aqui como (3.17):

(3.17) O nó sintático final T fusiona com o nó φ , se entre as propriedades codificadas sob T estiver o traço [pres].

(3.1) passa, então, a (3.18) nesses vocábulos.



Esse tempo é bastante peculiar no que diz respeito à forma da primeira pessoa do singular. Em (3.19) têm-se as formas esperadas para três diferentes verbos, um de cada conjugação, nesse tempo.

(3.19)	levo	devo	firo
	levas	deves	feres
	leva	deve	feré
	levamos	devemos	ferimos
	levais	deveis	feris
	levam	devem	ferem

Desse conjunto de vocábulos pode-se depreender que, fora a primeira pessoa do singular de todas as conjugações e a terceira pessoa do plural da terceira conjugação, o item de vocabulário inserido para os nós It são os esperados, isto é, os que constam da lista (3.7). Está se assumindo aqui que na segunda e terceira pessoas do singular da terceira conjugação é a norma escrita que destoa dessa inserção, obrigando a grafia daquele item a ser -e- e não -i-. Se for assim, e se se atenta, primeiro, somente às formas da primeira pessoa do singular, a questão que se coloca é se há a inserção da vogal temática *default* para esse contexto também, ou não, uma vez que há um princípio geral que diz que todas as formas devem ter um índice temático.

No caso de não haver a inserção, a lista de (3.7) deveria ser alterada conforme (3.20), em que o item de vocabulário /o/ seria inserido para o nó It sempre que fosse seguido por um nó fusionado (T/ φ) e esse nó contivesse os traços [neut, pres] e [fal, ind]. Por ser o item mais especificado da lista, ocuparia a sua primeira posição e ganharia, por isso, a com-

petição pela inserção vocálica. Essa solução é totalmente compatível com os princípios de acentuação, discutidos no capítulo quatro: ou a posição de intensidade é a vogal temática ou a última vogal do radical. No entanto é totalmente contra-intuitiva, uma vez que não há em qualquer contexto outro índice temático realizado por um item de vocabulário igual a /o/. Esse expoente só pode ser mesmo um expoente das propriedades de Agr.

(3.20) Lista provisória de itens de vocabulário para o nó It

a.	/o/	↔	It	/_T/φ _{[[neut, press][fal, ind]]}
b.	/e/	↔	It _[+β]	
c.	/i/	↔	It _[+α]	
d.	/a/	↔	It	

Se /o/ é expoente de Agr, há duas possibilidades de se resolver a questão. A primeira seria a de se inserir, nesse contexto, também, a vogal temática *default*, como já é feito para as outras pessoas, e, depois, apagá-la através de uma regra fonológica. Essa opção é tradicionalmente aceita nos livros que tratam do sistema verbal do português, muito por causa de um conjunto de verbos, como os de (3.19), em que um processo, chamado de metafoia aplica. Esse processo consistiria na “mudança de timbre da vogal de uma raiz ou de um sufixo lexical por assimilação à vogal do sufixo flexional”². A primeira constatação a ser feita nessa definição é o problema por ela mesma posto: assimilação à vogal do sufixo flexional. Na verdade, quando da implementação desse processo aos vocábulos verbais, o que se vai sugerir é que a cópia é feita, na primeira pessoa do singular, por exemplo, das propriedades do índice temático; mas esses índices não fazem parte do sufixo flexional. O processo que ocorreria aí, então, é o que é denominado de harmonia vocálica. Harmonia, segundo o mesmo autor³, é a “mudança do timbre de uma vogal pretônica para harmonizar-se com o da vogal tônica”. Essa definição implica duas coisas: primeiro, que há a inserção do índice temático e esse índice temático tem que ser obrigatoriamente o de maior intensidade, para que se possam dele copiar os traços, isso é, quando a última vogal do radical for [- alta] e [-baixa] ela passa a [+ baixa], se for um verbo da primeira conjugação; a [-baixa] e [-alta] se for um verbo da segunda, ou seja, permanece inalterada, e a [+alta] se for um verbo da terceira; de-

2 MATTOSO CAMARA JR., 1986, p.165.

3 1986, p. 134-135.

pois, que o índice temático seja apagado e o acento seja deslocado para a esquerda, fazendo com que as formas da primeira pessoa do singular passem a ser rizotônicas, isto é, o acento recaia na última sílaba do radical. Todos esses processos são, dentro da abordagem aqui proposta, também factíveis. O resultado difere, contudo, da opção anterior pela alocação do expoente /o/ em uma outra lista: a dos itens de vocabulário que realizam o nó φ (Cf. (3.21) e (3.22)). Quanto às propriedades do algoritmo de acentuação, nesse caso em específico, devido à atuação da regra fonológica e das marcações de fronteira na grade métrica, as formas esperadas também seriam geradas.

(3.21) Lista provisória de itens de vocabulário para o nó T

- | | | | |
|----|------|-------------------|--|
| a. | /a/ | \leftrightarrow | $T_{[\text{neut, pass}]} / It_{[+a]} _$ |
| b. | /va/ | \leftrightarrow | $T_{[\text{neut, pass}]}$ |
| c. | /ra/ | \leftrightarrow | T |

(3.22) Lista provisória de itens de vocabulário para o nó φ

- | | | | |
|----|-------|-------------------|-------------------------------|
| a. | /moS/ | \leftrightarrow | $\varphi_{[\text{fal, gru}]}$ |
| b. | /o/ | \leftrightarrow | $\varphi_{[\text{fal, ind}]}$ |
| c. | /iS/ | \leftrightarrow | $\varphi_{[\text{des, gru}]}$ |
| d. | /S/ | \leftrightarrow | $\varphi_{[\text{des}]}$ |
| e. | /N/ | \leftrightarrow | $\varphi_{[\text{gru}]}$ |

A regra fonológica de apagamento do índice temático, poderia ser semelhante àquela já proposta por Mattoso Camara Jr., “de que o acréscimo de um novo constituinte que começa ou se resume numa vogal leva à superação da vogal átona final”⁴. Mattoso Camara Jr. a trata como “lei fonológica geral”, mas veja-se que se esse for o caso, essa mesma regra aplicaria nas formas do pretérito imperfeito do indicativo na segunda e terceira conjugações, tanto no caso de se propor que o morfema modo-temporal-aspectual seja /ia/, quanto no de se propor que seja /a/. No primeiro caso, o índice temático, tanto da segunda quanto da terceira conjugações, seria corretamente apagado, mas o acento recairia sobre o expoente das propriedades modo-temporais-aspectuais, o que não pode ser, como se verá no quarto capítulo. No segundo caso, o índice temático comum -i- seria apagado, pela inserção de -a-, o que não é o esperado, uma vez que há um -i- em aberto em todas as formas. Como a segunda opção foi privilegiada naquele contexto, devido às propriedades

4 1970, p. 106.

acentuais, a regra de apagamento, formalizada por Imanishi⁵ como regra de truncamento, precisa ser contextualmente restringida (Cf. (3.23)). Com essas restrições, quaisquer vogais que venham a ser inseridas para o nó It serão apagadas quando seguidas por outras vogais, que foram inseridas como expoente do nó fusionado T/φ.

$$(3.23) \quad \begin{array}{ccc} v & \rightarrow & \emptyset \\ \text{[It]} & & \end{array} \quad \begin{array}{c} / _ + v \\ \text{[T/}\phi\text{]} \end{array}$$

$$(3.24) \quad \begin{array}{ccc} v & \rightarrow & \emptyset \\ & & \end{array} \quad \begin{array}{c} / _ + /o/ \end{array}$$

A especificação do contexto seguinte (nó fusionado), em (3.23) faria com que no pretérito imperfeito a regra não fosse disparada, de modo que as formas esperadas seriam geradas, não sendo necessário alterar a solução adotada na subseção 3.2.1 para a segunda e terceira conjugações. Solucionado um problema e logo aparece outro: essa regra atuaria também em contextos não esperados. Esse seria o caso da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito. Por ser uma regra fonológica, há como fazer com que ela atue apenas na primeira pessoa do singular do indicativo, sem ter que se recorrer aos traços, condicionando-a apenas ao item de vocabulário inserido para o nó fusionado, deixando qualquer outro contexto fora de seu âmbito de aplicação (Cf. (3.24)). Mas a questão principal aí é de se é mesmo necessário o índice temático para a aplicação da regra de harmonia vocálica. De (3.19) se pode depreender que há três padrões em atuação naqueles vocábulos: 1) primeira pessoa do singular; 2) segunda e terceira pessoas do singular e terceira pessoa do plural; 3) primeira e segunda pessoas do plural. Esses três padrões são englobados pelo processo denominado metafofia; mas em cada um deles os condicionadores são diferentes, ou não, como no caso do último grupo, que mesmo englobado pela regra de harmonia vocálica, não sofre qualquer alteração⁶. Por que só nas primeiras pessoas a regra de harmonia vocálica atua? Essa pergunta é relevante, pois em todos os outros vocábulos os índices temáticos também estão presentes e o efeito não é o mesmo. Desse fato fica claro que deve haver um condicionamento pelo menos gramatical, isto é, associado à primeira pessoa do singular. Mas se é uma regra fonológica, a de harmonia vocálica, como garantir a sua

5 1975, p. 72.

6 IMANISHI, 1975.

correta atuação? Imanishi⁷ propõe que haja uma hierarquia de regras: uma regra morfológica atuaria nas segundas e terceiras pessoas do singular e terceiras pessoas do plural. Os contextos relacionados com a primeira pessoa do singular estariam sujeitos à regra de harmonia vocálica, reproduzida em (3.25), em que “c” equivale à consoante e “v” à vogal, podendo ser opcional, sendo a opção assinalada por parênteses.

(3.25) Regra de Harmonia Vocálica⁸

$$\left(\begin{array}{c} \text{V} \\ - \text{alta} \\ + \text{acento} \end{array} \right) \rightarrow \left(\begin{array}{c} \text{V} \\ [+ \text{baixa}] \\ \text{V} \\ [- \text{alta} \\ - \text{baixa}] \\ \text{V} \\ [+ \text{alta}] \end{array} \right) / _ (\text{V}) \text{C} _ \text{i} + \left(\begin{array}{c} \text{a} \\ \text{e} \\ \text{i} \end{array} \right)_{\text{VT}}$$

Alguns pontos devem ser destacados aí. O primeiro deles diz respeito ao fato de cada parte da regra atuar em um conjunto diferente de verbos, portanto, marcados de algum modo intrinsecamente. Se não for assim, como cada radical saberá a que processo estará sujeito? Sim, essa propriedade é recoberta pelo índice temático subjacente postulado e presente na regra. Mas poderia ser, também, recuperada pela informação intrínseca da raiz, isto é, somente os verbos marcados intrinsecamente, por exemplo, por [+α] estariam sujeitos à elevação da última vogal do radical, quando na primeira pessoa do singular do indicativo. Outro ponto decisivo é a condição *sine qua non* para a ocorrência da harmonia vocálica: a intensidade. A regra de harmonia vocálica “deverá ser aplicada depois de uma regra geral da língua a Regra de Acentuação”⁹. Aí ocorre o primeiro problema para a proposta de itens temáticos subjacentes: como se verá no quarto capítulo, o acento só poderia ser deslocado para a última vogal do radical, como efeito colateral do apagamento do índice temático. Mas se o índice temático foi apagado, como copiar os traços dele? Na verdade, essa propriedade evidencia uma falha naquelas propostas que tratam dessas questões isoladamente. O algoritmo de acento é de extrema importância para os vocábulos verbais e não deveria ser pos-

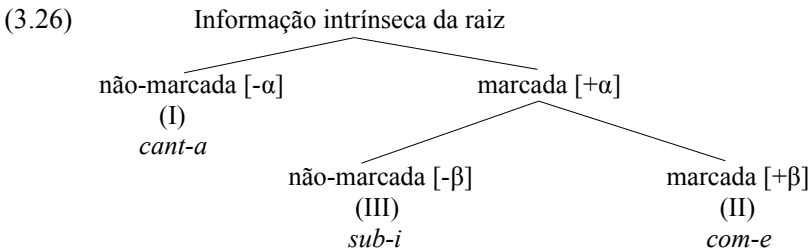
7 1975.

8 IMANISHI, 1975, p. 61.

9 IMANISHI, 1975, p. 33.

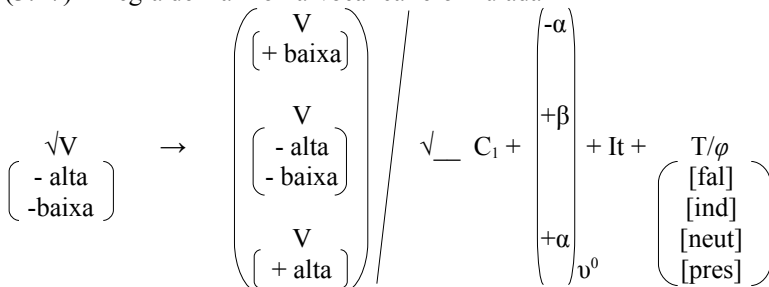
tulado *a priori* sem que suas consequências fossem levadas em consideração. Além disso, a regra deve ser restringida, de modo que não atue quando as consoantes imediatamente seguintes à vogal alvo sejam [+palatais] ou [+nasais] (Como, por exemplo, em eu des[e]jo *vs.* eu *des[ɛ]jo, eu eng[o]mo *vs.* eu *eng[ɔ]mo, etc.). Como esse fenômeno atua em um grupo de verbos, parece não ser o melhor argumento para a manutenção de um índice temático subjacente, uma vez que não fica patente a necessidade de sua presença para que sejam dele copiados os traços, pois há contextos em que a regra não atua, aliando-se a isso a questão do acento.

Muito mais plausível seria se resolverem os casos das primeiras pessoas do singular através da inter-relação entre as propriedades intrínsecas das raízes e os traços copiados de Agr para o vocábulo verbal. Vejamos: para os casos de alternância nas vogais dos radicais, então, as informações de (2.50), repetidas aqui como (3.26), são imprescindíveis.



Todas as raízes dispõem dessas informações, e se não o fazem, as regras de redundância de (3.2) se encarregam de as inserir, como já visto. Depois, é necessário que a regra tenha acesso às informações contextuais do nó φ . A regra (3.25) poderia ser assim reformulada:

(3.27) Regra de Harmonia Vocálica reformulada



Nessa regra a última vogal do radical sofre as alterações indicadas de acordo com o grupo a que pertence, especificado pelos traços codificados em *v*, pois são idênticos aos do radical, servindo de contexto, da mesma forma que os traços do nó fusionado, uma vez que as propriedades do nó, advindas de T, condicionam a aplicação da regra no presente do indicativo e do subjuntivo. A aplicação nesse segundo tempo é garantida pela presença dos traços [neut] e [pres], sem qualquer restrição ao traço [subj] do C. Por fim, a regra deveria conter os contextos restritivos, não inseridos por questão de praticidade.

O acesso a todas as informações constantes na regra (3.27) não é contraditório para a abordagem da MD, uma vez que no ponto em que aplica essa regra, todas essas informações já estão disponíveis. Desse modo, o item de vocabulário, ou índice temático subjacente inserido, não é importante para as formas finais dos vocábulos na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, mesmo que os radicais sofram alterações condicionadas pelo contexto. *Mutatis mutandis* esse resultado também poderia ser obtido para o segundo padrão de (3.19).

Por motivos diferentes, mas nesse mesmo espírito, Pomino¹⁰ postula uma regra de empobrecimento para esse contexto, em que [S,R] equivale ao feixe de traços ([neut][pers]):

(3.28) Regra de empobrecimento da posição temática¹¹

$$It \rightarrow \emptyset / v^0 \text{ __ } [T^0/\varphi_{[S,R],[+Fal]}]$$

Para Pomino, regras como as de (3.28) são totalmente especificadas, por isso essa regra não atuaria na primeira pessoa do plural, uma vez que esse contexto dispõe do traço [gru]. Para restringir o alcance da regra, segundo o aqui proposto, seria preciso apenas se inserir o traço que se tem atribuído também à primeira pessoa do singular: [ind]. Portanto:

(3.29) Regra de empobrecimento da posição temática

$$It \rightarrow \emptyset / v^0 \text{ __ } [T^0/\varphi_{[neut,pres],[fal,ind]}]$$

“Enquanto todas as outras formas no presente dispõem de uma posição temática, essa não está mais disponível, depois do empobreci-

10 2008, p. 131 e seguintes.

11 Cf. POMINO, 2008, p. 133.

mento, na primeira pessoa do singular”¹² e isso valeria para as três conjugações. O problema desse postulado é o de que esse contexto fica livre do parâmetro de inserção de índices temáticos para os vocábulos verbais, o que também não é ideal.

A posição que se vai endossar aqui é a que postula a inserção dos itens de vocabulário, satisfazendo o parâmetro geral, e o posterior apagamento do item de vocabulário, no nível fonológico, através da atuação da regra (3.24). Essa regra atua exclusivamente nesse contexto, isto é, primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Como visto, a alternância das vogais do radical pode ser tratada através de outra regra, que é independente dos traços fonológicos dos itens de vocabulário inseridos para It, e, como se verá, exatamente pelo apagamento do índice temático, não há outra possibilidade para o acento que não a de ser deslocado para a esquerda. As regras fonológicas atuantes no sistema passam então a ser duas agora:

(3.30) Regras de reajustamento fonológico

- | | | | | |
|----|---------------------------|---|-----|-------------------------|
| a. | /a/ | → | /e/ | / _ /iS/ |
| | T _[neut, pass] | | | φ _[par, gru] |
| b. | v | → | Ø | / _ +/o/ |

Além dessas alterações, a lista de itens de vocabulário (3.22), repetida e atualizada aqui como (3.31), precisa ser modificada, especialmente, no que diz respeito ao zero fonológico, em (3.31 f). Se esse item não for incluído na lista, o item que realiza a terceira pessoa do singular não será um zero fonológico, inserido via *default* pelo sistema, como argumentado até agora. Como os nós T e φ estão fundidos, tanto os itens de vocabulário da lista (3.21), quanto os da lista (3.22), competiriam pela inserção, sendo que o mais especificado ganharia a disputa. Desse modo, se o nó fusionado contivesse “T/φ_[ind]”, o sistema selecionaria o item /ra/, da lista (3.21), como o mais especificado para esse nó, pelo simples fato de esse item estar contido na lista, uma vez que não há um item mais especificado e nem presente em (3.22) que garanta uma inserção diferente, justificando sua reconfiguração como em (3.31).

Se houvesse um item na lista (3.22) especificado apenas por φ, do mesmo modo como /ra/ é só especificado por T, na lista (3.21), a es-

12 “Während also alle anderen Formen im Präsens eine Th-Position aufweisen, ist diese nach *Impoverishment* bei der ersten Person Singular nicht mehr vorhanden”. (POMINO, 2008, p. 133, tradução nossa).

colha entre eles seria impossível, pois, nesse caso hipotético, ambos os itens seriam igualmente especificados para o nó, sem que restassem possibilidades de seleção. A necessidade de o sistema inserir automaticamente sem qualquer custo um zero fonológico só é possível para aqueles nós que não dispuserem de qualquer possibilidade de alocação de um item especificado para os seus traços e, como já comentado, essa inserção automática feita pelo sistema não é incompatível com o postulado de um item de vocabulário /Ø/, em uma lista, especificado para um determinado traço ou combinação de traços. Por isso, a inclusão do item /Ø/, especificado por [ind], se faz necessária, bloqueando, assim, a inserção do item não esperado naquele nó, /ra/, e dispensando a intervenção automática do sistema (Cf. discussão do capítulo anterior).

(3.31) Lista provisória de itens de vocabulário para o nó φ

- | | | | |
|----|-------|---|------------------------|
| a. | /moS/ | ↔ | $\varphi_{[fal, gru]}$ |
| b. | /o/ | ↔ | $\varphi_{[fal, ind]}$ |
| c. | /iS/ | ↔ | $\varphi_{[des, gru]}$ |
| d. | /S/ | ↔ | $\varphi_{[des]}$ |
| e. | /N/ | ↔ | $\varphi_{[gru]}$ |
| f. | /Ø/ | ↔ | $\varphi_{[ind]}$ |

Em (3.32 c), (3.33 c) e (3.36 c) o sistema insere, então, um zero fonológico, não mais devido à falta de um item de vocabulário compatível com os traços disponíveis no nó, mas devido à especificação do nó. Se é assim, mesmo que as configurações temporais permaneçam sob o nó fundido, elas não interferem na inserção lexical porque a subespecificação garante a inserção do item de vocabulário mais especificado para cada nó, de modo que os itens da lista (3.31) ganham a disputa pela inserção.

Quanto à lista de itens para It, valem, então, os itens da lista (3.7). Já (3.9), como era de se esperar, não atua nesse tempo, pois os nós T e φ estão fundidos, sendo gerada a forma esperada em (3.32 e).

(3.32) a.

amo

(3.2) Sintaxe	$\sqrt{am}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[neut, pres]}$	
(3.3)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pres]}$	
(3.4)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	It _[-α]	$T_{[neut, pres]} \varphi_{[fal, ind]}$
(3.17)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	It _[-α]	$T/\varphi_{[neut, pres, fal, ind]}$
(3.7)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$		a	

(3.31)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	o
(3.30)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		\emptyset	o

b. *amas*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$ $\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	
(3.31)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	S

c. *ama*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$ $\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	
(3.31)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	\emptyset

d. *amamos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$ $\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	
(3.31)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	moS

e. *amais*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$ $\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	
(3.31)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	\emptyset
(3.9)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	iS

f. *amam*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{ind, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$\varphi_{[\text{ind, gru}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, ind, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	
(3.31)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	N

(3.33) a.

bato

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	
(3.31)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	o
(3.30)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		\emptyset	o

b.

bates

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	
(3.31)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	S

c.

bate

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	
(3.31)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	\emptyset

d.

batemos

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$

(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{neut, pres, fal, gru}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.31)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	moS	

e. *bateis*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[\quad]}$		$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{neut, pres, des, gru}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.31)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	iS	

f. *batem*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[\quad]}$		$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{neut, pres, par, gru}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.31)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	N	

Em (3.36) abaixo, assume-se que nas formas (b) e (c) são inseridos os itens temáticos *default* para verbos com propriedades intrínsecas $[+\alpha]$, *i. e.*, $/i/$. O fato de essas formas serem grafadas com -e- assume-se ser uma questão de convenção, como já mencionado. Na segunda pessoa do plural da terceira conjugação ocorre um processo de elisão (Cf. (3.34 c)). Já em (3.36 f), é preciso que haja uma regra de enriquecimento do traço intrínseco das raízes desse grupo, nesse contexto específico (Cf. (3.35)), para que ocorra a correta inserção vocabular.

(3.34) Regras provisórias de reajustamento fonológico

- a. $/a/ \rightarrow /e/ \quad / _ /iS/$
 $\text{T}_{[\text{neut, pass}]}$ $\varphi_{[\text{par, gru}]}$
- b. $v \rightarrow \emptyset \quad / _ +/o/$
- c. $/i/ \rightarrow \emptyset \quad / /i/ _$

(3.35) $[+\alpha] \rightarrow [+\beta] \quad / \text{It}_{[\quad]} \text{T}/\varphi_{[\text{neut, pres, par, gru}]}$

(3.36) a.

parto

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$It_{[+a]}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$It_{[+a]}$	$T/\emptyset_{[\text{neut, pres, fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	
(3.31)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	o
(3.34)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		\emptyset	o

b.

partes

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$It_{[+a]}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$It_{[+a]}$	$T/\emptyset_{[\text{neut, pres, des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	
(3.31)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	S

c.

parte

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$It_{[+a]}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$It_{[+a]}$	$T/\emptyset_{[\text{neut, pres, par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	
(3.31)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	\emptyset

d.

partimos

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$It_{[+a]}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$It_{[+a]}$	$T/\emptyset_{[\text{neut, pres, fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	
(3.31)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	muS

e.

partis

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$

(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{neut, pres, des, gru}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.31)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	iS	
(3.34)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	S	

f. *partem*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.17)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{neut, pres, par, gru}]}$	
(3.35)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{neut, pres, par, gru}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		e		
(3.31)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		e	N	

3.2.4 Pretérito perfeito

No pretérito perfeito do indicativo a regra de fusão (3.17) também atua, de modo que apenas um item de vocabulário pode ser inserido para o nó conjunto T/φ . A terceira pessoa do plural, no entanto, apresenta uma forma totalmente destoante desse padrão: há um /ra/ nessa forma. Há duas posições possíveis de análise: 1) trata-se de um alomorfe do item de vocabulário inserido para Agr; 2) a regra de fusão não atua nesse contexto específico. Pomino¹³ admite um item de vocabulário /ron/ para o espanhol nesse tempo. Em português, todavia, o sincretismo com a terceira pessoa do plural do pretérito-mais-que-perfeito é patente, de modo que não seria uma decisão muito coerente optar-se aqui por uma alomorfia. Assim, nesse contexto específico, a regra de fusão deve ser impedida de atuar, deixando os nós separados (Cf. (3.37)).

(3.37) O nó sintático final T funde-se com o nó φ , se entre as propriedades codificadas sob T estiver o traço [pres]. O nó $[\text{T}_{[\text{perf, pres}]}]$ seguido pelo nó $[\varphi_{[\text{par, gru}]}]$ bloqueia a atuação da regra.

Se é assim, a lista (3.21) deve dispor de um item de vocabulário a ser inserido para o nó T na terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, uma vez que contém itens especificados para esse nó. Como o item menos especificado dessa lista é /ra/, e sua especificação

¹³ 2008, p. 165 e seguintes.

não está em conflito com a do nó, o sistema o insere automaticamente no contexto, gerando a forma esperada (Cf. (3.41 f), (3.42 f) e (3.43 f)).

Já a lista de itens de vocabulário (3.31) precisa ser expandida, conforme (3.38).

(3.38) Lista provisória de itens de vocabulário para o nó φ

a.	/i/	↔	T/ φ _[perf, pres, fal, ind]
b.	/SteS/	↔	T/ φ _[perf, pres, des, gru]
c.	/Ste/	↔	T/ φ _[perf, pres, des]
d.	/u/	↔	T/ φ _[perf, pres, ind]
e.	/moS/	↔	φ _[fal, gru]
f.	/o/	↔	φ _[fal, ind]
g.	/iS/	↔	φ _[des, gru]
h.	/S/	↔	φ _[des]
i.	/N/	↔	φ _[gru]
j.	/Ø/	↔	φ _[ind]

Nas primeiras pessoas do singular das diferentes conjugações ocorrem diferentes processos fonológicos. No pretérito perfeito a regra (3.34 a) não tem como aplicar, mas uma variante bastante parecida com ela, (3.39 b), entra em ação.

(3.39) Regras provisórias de reajustamento fonológico

a.	/a/	→	/e/	/_ /iS/
	T _[neut, pass]			φ _[par, gru]
b.	/a/	→	/e/	/_ /i/
	It			T/ φ _[perf, pres, fal, ind]
c.	/a/	→	/o/	/_ /u/
d.	v	→	Ø	/_ /o/
e.	/i/	→	Ø	/ /i/_

Na primeira pessoa do singular da segunda conjugação, o que ocorre é um sincretismo entre índices temáticos (Cf. a regra de empobrecimento (3.40)). Pelas regras de redundância (3.2), o nó passa a ter a configuração [+ α], estando, depois da inserção lexical, sujeito à mesma regra que aplica na terceira conjugação (Cf. (3.39 e)).

(3.40) [+ β] → [- β] /It_[_] T/ φ _[perf, pres, fal, ind]

(2.58 c) encontra nesse tempo o seu contexto de aplicação (3.41

c), e é, por isso, repetida aqui como (3.39 c).

Como efeito da aplicação automática do mecanismo de inserção vocabular, em articulação com as listas de itens de vocabulário, os itens de vocabulário inseridos para as primeiras pessoas do plural do pretérito perfeito do indicativo e do presente do indicativo são os mesmos, dando origem a um sincretismo.

(3.41) a. *amei*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$ $\text{It}_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$ $\text{It}_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{perf, pres, fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		i
(3.39)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		i

b. *amaste*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$ $\text{It}_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$ $\text{It}_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{perf, pres, des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a
			Ste

c. *amou*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$ $\text{It}_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$ $\text{It}_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{perf, pres, par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a
			u
(3.39)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		o
			u

d. *amamos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{fal, gru}]}$

(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{perf, pres, fal, gru}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	moS	

e. *amastes*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{perf, pres, des, gru}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	SteS	

f. *amaram*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[\text{E, R}][-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.21)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	ra	N

(3.42) a.

bati

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{perf, pres, fal, ind}]}$	
(3.40)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{perf, pres, fal, ind}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i		
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	i	
(3.39)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		i	\emptyset	

b. *bateste*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$\text{It}_{[+\beta]}$	$\text{T}/\varphi_{[\text{perf, pres, des, ind}]}$	

(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	Ste

c. *bateu*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T/\varphi_{[\text{perf, pres, par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	u

d. *bateamos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T/\varphi_{[\text{perf, pres, fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	moS

e. *batestes*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T/\varphi_{[\text{perf, pres, des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	StiS

e. *bateram*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	
(3.21)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	ra N

(3.43) a.

parti

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varnothing_{[\text{fal, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$ $It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varnothing_{[\text{fal, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$ $It_{[+\alpha]}$	$T/\varnothing_{[\text{perf, pres, fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i
(3.39 b)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		\emptyset

b.

partiste

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varnothing_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$ $It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varnothing_{[\text{des, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$ $It_{[+\alpha]}$	$T/\varnothing_{[\text{perf, pres, des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i
			Ste

c.

partiu

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varnothing_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$ $It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varnothing_{[\text{par, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$ $It_{[+\alpha]}$	$T/\varnothing_{[\text{perf, pres, par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i
			u

d.

partimos

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varnothing_{[\text{fal, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$ $It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varnothing_{[\text{fal, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$ $It_{[+\alpha]}$	$T/\varnothing_{[\text{perf, pres, fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i
			moS

e.

partistes

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$ $\varnothing_{[\text{des, gru}]}$

(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$T / \varphi_{[\text{perf, pres, des, gru}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	SteS	

f. *partiram*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$T_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{perf, pres}]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$		$T_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{perf, pres}]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	ra	N

3.3 O modo subjuntivo

Esse modo é composto por três diferentes tempos simples: o pretérito imperfeito, o futuro e o presente.

3.3.1 Pretérito imperfeito

Nesse tempo, como a regra de fusão não atua, apenas a lista (3.21) precisa ser incrementada de modo a disponibilizar o item lexical a ser inserido para esse nó (Cf. (3.43 b)). Esse item é sensível ao traço [subj] de C.

(3.43) Lista provisória de itens de vocabulário para o nó T

- a. /a/ ↔ $T_{[\text{neut, pass}] / \text{It}_{[+\alpha]} _}$
 b. /se/ ↔ $T_{[\text{neut, pass}][(\text{Subj})]}$
 b. /va/ ↔ $T_{[\text{neut, pass}]}$
 c. /ra/ ↔ T

(3.45) a. *amasse*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$T_{[\text{neut, pass}][(+\text{Subj})]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}][(+\text{Subj})]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$T_{[\text{neut, pass}][(+\text{Subj})]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}][(+\text{Subj})]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.43)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se	
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se	Ø

b. *amasses*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	
(3.43)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se S

c. *amasse*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	
(3.43)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se \emptyset

d. *amássemos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	
(3.43)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se moS

e. *amásseis*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	
(3.43)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se iS

f. *amassem*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}](+Subj)}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$

(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.43)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se	
(3.38)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	se	N

(3.46) a.

batesse

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[_]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.43)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se	
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se	\emptyset

b.

batesses

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[_]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.43)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se	
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se	S

c.

batesse

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[_]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.43)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se	
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se	\emptyset

d.

batêssemos

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[_]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.43)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se	
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se	moS

e. *batêsseis*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	
(3.43)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se iS

f. *batessem*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	
(3.43)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se
(3.38)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	se N

(3.47) a.

partisse

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	
(3.43)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se \emptyset

b.

partisses

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$\emptyset_{[\text{des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	
(3.43)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se S

c.

partisse

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$

(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.43)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se	
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se	Ø

d. *partíssemos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[_]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.43)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se	
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se	moS

e. *partísseis*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[_]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.43)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se	
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se	iS

f. *partíssem*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[_]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pass}]([+Subj])}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.43)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se	
(3.38)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	se	N

3.3.2 Futuro

Nesse tempo, a regra de fusão também não atua, entretanto, é preciso incluir novos itens de vocabulário às listas (3.38) e (3.43), repetidas e ampliadas, respectivamente, em (3.49) e (3.48).

(3.48) Lista final de itens de vocabulário para o nó T

- a. /a/ ↔ $T_{[\text{neut, pass}]} / It_{[+\alpha]} _$
 b. /se/ ↔ $T_{[\text{neut, pass}]([Subj])}$

c.	/va/	↔	$T_{[\text{neut, pass}]}$
d.	/R/	↔	$T_{[\text{futu}]}$
e.	/ra/	↔	T

(3.49) Lista final de itens de vocabulário para o nó φ

a.	/des/	↔	$T_{[\text{perf, pres}][\text{subj}]}$
a.	/i/	↔	$T/\varphi_{[\text{perf, pres, fal, ind}]}$
b.	/SteS/	↔	$T/\varphi_{[\text{perf, pres, des, gru}]}$
c.	/Ste/	↔	$T/\varphi_{[\text{perf, pres, des}]}$
d.	/u/	↔	$T/\varphi_{[\text{perf, pres, ind}]}$
e.	/moS/	↔	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
f.	/o/	↔	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
g.	/iS/	↔	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
h.	/S/	↔	$\varphi_{[\text{des}]}$
i.	/N/	↔	$\varphi_{[\text{gru}]}$
j.	/Ø/	↔	$\varphi_{[\text{ind}]}$

Nesse tempo vai ser assumido, também, que na segunda pessoa do singular e na terceira pessoa do plural há a inserção de uma vogal epentética de modo a possibilitar a articulação, na interface A/P, das respectivas formas. Atente-se para o fato de que seria possível incluir mais um item lexical, /re/, ao invés de só o /R/, à lista (3.48). O problema em se inserir tal item de vocabulário, além do /R/, seria o fato de os contextos, em que /re/ ocorre, não serem em nada compatíveis: assim, seria preciso se recorrer ao que se quer evitar aqui e vai totalmente em desentendimento à ideia principal da morfologia distribuída: a repetição de itens de vocabulário em uma determinada lista com especificações diferentes. Mesmo que se quisesse recorrer à subespecificação, como dito, não seria possível, pois os nós não compartilham qualquer traço. Se a opção for a da especificação do nó, conforme (3.48), acrescida da regra de epêntese (3.50 f), o sistema garante a inserção dos itens lexicais, e a regra fonológica, o reajustamento. Atente-se para o fato de que o item de vocabulário para o nó φ só pode ser inserido depois que a regra de epêntese atuou.

(3.50) Regras de reajustamento fonológico

a.	/a/	→	/e/	/_ /iS/
	$T_{[\text{neut, pass}]}$			$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
b.	/a/	→	/e/	/_ /i/
	It			$T/\varphi_{[\text{perf, pres, fal, ind}]}$
c.	/a/	→	/o/	/_ /u/

d.	v	→	Ø	/_ /o/
e.	/i/	→	Ø	/ /i/ _
f.	Ø	→	/e/	/T _{[futu]_} φ _[des, ind] /T _{[futu]_} φ _[par, gru]

As especificações de φ garantem a correta inserção da vogal epentética e a consequente inserção do item para o próprio nó φ .

(3.51) a. *amar*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+a]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$It_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$		a		
(3.48)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$		a	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$		a	R	Ø

b. *amares*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+a]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([\text{subj}])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([\text{subj}])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([\text{subj}])}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$It_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([\text{subj}])}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$		a		
(3.48)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$		a	R	
(3.50 f)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$		a	R	e
(3.49)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$		a	R	e S

c. *amar*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+a]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$It_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$		a		
(3.48)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$		a	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$		a	R	Ø

d. *amarmos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+a]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-a]}$	$v_{[-a]}$	$It_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]([+Subj])}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$

(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.48)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	R	moS

e. *amardes*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([+\text{Subj}])$	
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([+\text{Subj}])$	
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([+\text{Subj}])$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, futu}]}([+\text{Subj}])$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a		
(3.48)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	R	deS

f. *amarem*

Sintaxe	$\sqrt{\text{am}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$		
(3.2)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$		
(3.3)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a			
(3.48)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	R		
(3.50 f)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	R	e	
(3.49)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		a	R	e	N

(3.52) a.

bater

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e			
(3.48)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R		
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R		\emptyset

b.

bateres

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$		$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]}([\text{subj}])$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e			
(3.48)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R		
(3.50 f)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	e	
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	e	S

c. *bater*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.48)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	\emptyset

d. *batermos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.48)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	moS

e. *baterdes*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.48)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	deS

f. *baterem*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e		
(3.48)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	
(3.50 f)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	e
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		e	R	e N

(3.53) a. *partir*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{fal, ind}]}$	

(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.48)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	\emptyset

b. *partires*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.48)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	
(3.50 f)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	e
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	e S

c. *partir*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.48)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	\emptyset

d. *partirmos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.48)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	moS

e. *partirdes*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$		
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$		
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$	
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$\text{It}_{[+\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, futu}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i		
(3.48)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		i	R	deS

f. *partirem*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[\]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$			
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$			
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$		
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$It_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, futu}]/([\text{subj}])}$	$\emptyset_{[\text{par, gru}]}$	
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i			
(3.48)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	R		
(3.50 f)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	R	e	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$		i	R	e	N

3.3.3 Presente

O presente do subjuntivo é o tempo que, potencialmente, junto com o presente do indicativo, mais discussões enseja. A questão principal é se há ou não a inserção de um índice temático e, em caso positivo, que índice temático seria esse. Mattoso Camara Jr.¹⁴ postula que, sim, há a inserção do índice temático característico de cada conjugação, isto é, -a- para a primeira, -e- para a segunda e -i- para a terceira, e, depois da adjunção do morfema modo-temporal-aspectual, ele seria apagado por uma regra geral, algo como a regra sugerida em (3.23). Essa regra, na verdade, deveria atuar, por extensão, na segunda e terceira conjugações no pretérito imperfeito do indicativo, uma vez que esse mesmo autor indica¹⁵ que o morfema modo-temporal-aspectual para esse tempo, nessas conjugações, é /ia/. Mas nenhuma menção a esse respeito é feita, além da indicação de que a segunda conjugação, no que diz respeito ao índice temático, conflui¹⁶ com a terceira no pretérito imperfeito. Observe-se que a atuação de uma regra como (3.23) nesses contextos seria possível dentro da perspectiva aqui tratada sem maiores problemas, como já visto. Entretanto, como se verá no próximo capítulo, haveria uma complicação extrema na predição da posição do acento dos vocábulos verbais: tanto no pretérito imperfeito do indicativo da segunda e terceira conjugações, quanto na primeira e segunda pessoas do plural do presente do subjuntivo, o centro silábico de maior proeminência seria o do item de vocabulário inserido para o nó T e isso não é possível. O âmbito de aplicação do sistema de acentuação dos vocábulos verbais do português brasileiro se restringe ao índice temático e à vogal imediatamente anterior a ele. Circunscrita a atuação do mecanismo dessa forma, a interação entre

14 1970, p. 106.

15 1970, p. 109.

16 1970, p. 108.

inserção lexical e posição do acento é previsível para todas as formas simples admitidas nesse trabalho, de modo que essa passa a ser a principal evidência para a aceitação da aplicação da regra de fusão (3.37) no presente do subjuntivo, sendo os traços do nó It manipulados por uma regra do componente morfologia, culminando com a inserção de itens de vocabulário do modo como observável em aberto no conjunto de vocábulos que compõem esse tempo. Do mesmo modo, no pretérito imperfeito da segunda e terceira conjugações, como visto, /i/ é o item de vocabulário inserido para o nó It e /a/ para o nó T, contextos que devido à especificação da regra (3.24) não estão sujeitos à sua aplicação.

Se é assim, as listas de itens de vocabulário (3.48) e (3.49) não precisam ser incrementadas em nenhum ponto. A atuação das regras morfológicas de (3.54), condicionadas pelas informações intrínsecas das raízes, é suficiente para a obtenção das formas do presente do subjuntivo.

$$(3.54) \quad \begin{array}{ll} \text{a.} & [-\alpha] \rightarrow [+ \beta] \quad /It_{[-]} T_{[neut, pres]([subj])} \\ \text{b.} & [+ \alpha] \rightarrow [-\alpha] \quad /It_{[-]} T_{[neut, pres]([subj])} \end{array}$$

As regras de redundância (3.2) são, mais uma vez, empregadas na correta interpretação das regras de (3.54) (Cf. sua aplicação prática em (3.55), (3.56) e (3.57) demonstra).

(3.55) a. *ame*

Sintaxe	$\sqrt{am}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[neut, pres]([subj])}$
(3.2)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pres]([subj])}$
(3.3)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pres]([subj])} \varphi_{[fal, ind]}$
(3.4)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]} T_{[neut, pres]([subj])} \varphi_{[fal, ind]}$
(3.54)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[+\beta]} T_{[neut, pres]([subj])} \varphi_{[fal, ind]}$
(3.37)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[neut, pres, fal, ind]([subj])}$
(3.7)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$		e
(3.49)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$		e
			\emptyset

b. *ames*

Sintaxe	$\sqrt{am}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[neut, pres]([subj])}$
(3.2)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pres]([subj])}$
(3.3)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pres]([subj])} \varphi_{[des, ind]}$
(3.4)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]} T_{[neut, pres]([subj])} \varphi_{[des, ind]}$
(3.54)	$\sqrt{am}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[+\beta]} T_{[neut, pres]([subj])} \varphi_{[des, ind]}$

(3.7)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		e	
(3.49)	$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$		e	N

(3.56) a.

bata

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.54)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, fal, ind}]((\text{subj}))}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	\emptyset

b.

batas

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.54)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, des, ind}]((\text{subj}))}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	S

c.

bata

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.54)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, par, ind}]((\text{subj}))}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	\emptyset

d.

batamos

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.54)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, fal, gru}]((\text{subj}))}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	

(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	moS
--------	--------------------------------	--	----------	-----

e. *batais*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$ $\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.54)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$ $\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, des, gru}][(\text{subj})]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	iS

f. *batam*

Sintaxe	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[+\beta]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$ $\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.54)/(3.2)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$ $\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$	$v_{[+\beta]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, par, gru}][(\text{subj})]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	
(3.49)	$\sqrt{\text{bat}}_{[+\beta]}$		a	N

(3.57) a.

parta

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$ $\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.54)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$ $\varphi_{[\text{fal, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, fal, ind}][(\text{subj})]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		a	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		a	\emptyset

b.

partas

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$	$\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[+\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$ $\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.54)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[\text{neut, pres}][(\text{subj})]}$ $\varphi_{[\text{des, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$	$v_{[+\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, des, ind}][(\text{subj})]}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		a	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+\alpha]}$		a	S

c. *parta*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.54)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{par, ind}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[-a]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, par, ind}]((\text{subj}))}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	a	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	a	\emptyset

d. *partamos*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.54)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{fal, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[-a]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, fal, gru}]((\text{subj}))}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	a	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	a	\emptyset

e. *partais*

Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.54)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{des, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[-a]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, des, gru}]((\text{subj}))}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	a	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	a	iS

f. *partam*

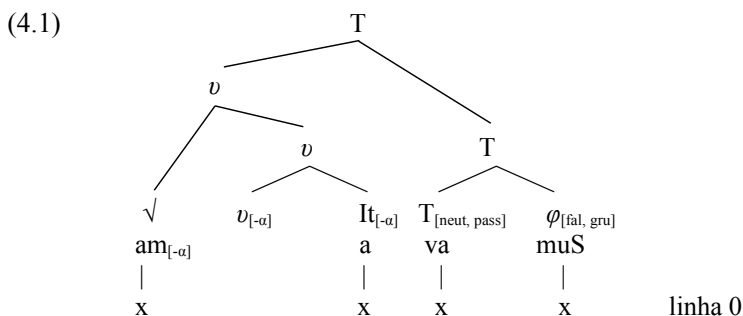
Sintaxe	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[-]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$
(3.2)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$
(3.3)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.4)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[+a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.54)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[-a]}$	$T_{[\text{neut, pres}]((\text{subj}))}$ $\varphi_{[\text{par, gru}]}$
(3.37)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	$v_{[+a]}$ $It_{[-a]}$	$T/\varphi_{[\text{neut, pres, par, gru}]((\text{subj}))}$
(3.7)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	a	
(3.49)	$\sqrt{\text{part}}_{[+a]}$	a	N

Com base nesse sistema, as formas simples e regulares dos mo-

dos indicativo e subjuntivo podem ser geradas: deve ser capaz de prever qualquer verbo, inclusive novos que venham a surgir. Imprescindível é somente o conhecimento a respeito das propriedades intrínsecas do mesmo, isto é, se é $[-\alpha]$, $[\alpha]$ ou $[\beta]$.

4 O padrão acentual dos vocábulos verbais

Coerentemente com os principais trabalhos citados até agora¹, o tratamento a ser dado ao padrão acentual segue os princípios lá propostos: os de Idsardi² e Halle e Idsardi³. Nessa abordagem o acento é encarado como uma forma fonética de marcar certos grupos de elementos linguísticos e para tratar de padrões concretos de acentuação, os autores propõem um novo algoritmo, composto por três dispositivos: “um dispositivo que designa os elementos da sequência passíveis de acentuação; um meio de delimitação dos agrupamentos de elementos; e um marcador para distinguir, em cada agrupamento ou constituinte, o elemento nuclear mais proeminente”⁴. Para a satisfação desses requisitos é preciso, primeiro, representar, por meio de uma sequência abstrata de marcadores, os elementos de uma série de fonemas. Se for tomada para exemplificação a forma “amávamos”, o resultado será algo como (4.1).



Esses marcadores constituem um linha, denominada de “linha 0”. A projeção, ou não, de um marcador na linha 0 é dependente da língua a ser tratada. Daí decorre que há duas sequências paralelas de elementos: uma de fonemas e uma de marcadores abstratos. Essas duas linhas paralelas constituem um plano, e o plano definido pela sequência paralela de fonemas e marcadores abstratos é chamado de “plano métri-

1 *I. e.*, OLTRA MASSUET, 1999; ARREGI, 2000; POMINO, 2008.

2 1992.

3 1995.

4 “A device for designating the elements in the sequence that are capable of bearing stress; a means for delimiting the groupings of the elements; and a marker to distinguish in each grouping or constituent the prominent head-element from the rest.” (HALLE; IDSARDI, 1995, p. 404, tradução nossa).

co”⁵.

A interface entre o plano métrico e as séries de fonemas é implementada por um mecanismo chamado de “projeção”⁶. Sua função é adicionar um elemento à grade métrica, associando-o ao elemento que projeta, como visto ocorrer em (4.1). Todas as línguas dispõem de variantes desse mecanismo. O fato de nem todos os fonemas serem capazes de “carregar” o acento deveria ser recuperado na projeção, de modo a serem projetados somente aqueles fonemas capazes de o fazer. Mas há “elementos na sílaba, além de núcleos, [que] podem ‘carregar’ o acento em algumas línguas. Nessas línguas esses elementos serão projetados na linha 0 por uma versão estendida específica da [projeção de marcadores na linha 0]”⁷.

Na análise do catalão e do espanhol, segmentos que superficialmente são representados como semivogais, por exemplo, a semivogal /j/, da segunda pessoa do plural, projetam uma marca na linha zero, porque, como visto, pressupõem uma vogal [+silábica] subjacente. Como dito até agora o mecanismo prevê a projeção de fonemas, ou elementos silábicos, capazes de figurar em posições acentuadas. As semivogais em catalão, espanhol e português não podem ocorrer numa posição dessas, mas o fato de, nesse contexto, haver uma semivogal superficialmente é resultado da regra fonética. Como esse é também o caso do português, os fonemas que projetam são os núcleos silábicos subjacentes (Cf. já visto em (4.1)). A implementação da projeção é dada em (4.2).

(4.2) *Projeção de marcadores na linha 0*

Projete um elemento na linha 0 para cada núcleo silábico.

Mas só isso não resolve a questão do padrão acentual do sistema verbal simples do português. Não é preciso uma análise muito extensiva para perceber que existem duas posições gerais de proeminência vocabular: o item de vocabulário que realiza o nó It, não importando se esse item está na última (p. ex.: cantei), penúltima (p. ex.: cantava), ou antepenúltima sílaba (p. ex.: cantávamos); ou o último centro silábico do item de vocabulário do radical (p. ex.: canta). É o postulado dessa dico-

5 “Metrical plane.” (HALLE; IDSARDI, 1995, p. 404, tradução nossa).

6 HALLE; IDSARDI, 1992, p. 406.

7 “Elements within syllables other than heads [that] can be stress-bearing in some languages. In such languages such elements will also be projected onto line 0 by a suitably extended version of [the line 0 mark projection].” (HALLE; IDSARDI, 1995, p. 407, tradução nossa).

tomia que fez com que a estrutura interna do presente do subjuntivo fosse aquela do capítulo anterior: observe-se que se a inserção de um item temático for postulada, isto é, /a/, para a primeira conjugação e um item de vocabulário /e/ para o nó T, é no expoente do nó T que o acento estará na primeira e segunda pessoas do plural. Como as possíveis evidências sincrônicas desse processo de inserção e posterior apagamento, *i. e.*, harmonia vocálica na primeira pessoa do singular e toda a derivação, foram reanalisadas no capítulo anterior, de modo que não representam problemas para a abordagem aqui proposta, nada impede que o acento seja associado aos dois constituintes imediatamente anteriores ao nó T, independente de se fusionado ou não. Na verdade, esse, como já comentado, é o principal argumento para a manutenção desse novo tratamento do sistema verbal simples do português.

Certas fronteiras silábicas são, assim, importantes para o mecanismo de acentuação dos vocábulos e, por isso, é preciso que se projetem algumas delas. Para esse fim, são empregados parênteses simples, dispostos segundo diferentes regras entre os marcadores “x”, em que “(” agrupa todos os elementos à sua direita e “)” à sua esquerda. A projeção, ou não, de certas fronteiras é regulada pelo “parâmetro para a projeção de fronteiras silábicas”⁸, dado em (4.3), e é independente da projeção de marcadores realizada por (4.2). O efeito de (4.3) é, pois, a inserção de parênteses entre os marcadores da linha 0 em lugares precisos. As séries de “xs” e parênteses, que contêm informações sobre o agrupamento de elementos em constituintes, sobre a possibilidade de ocupar a posição de núcleo dos diferentes constituintes e, também, sobre os diferentes níveis de proeminência dos elementos constantes da sequência de fonemas, formam o que é chamado de grade métrica.

- (4.3) *Parâmetro para a projeção de fronteiras silábicas*
 Projete a fronteira direita ou esquerda de certas sílabas na linha 0.

Na escolha das margens a serem projetadas, a abordagem de Halle e Idsardi⁹ dá lugar de destaque ao peso silábico. Em português, esse fator parece não ter influência na projeção das fronteiras, da mesma forma que a posição das sílabas: a sílaba mais proeminente pode ser a última, a penúltima ou a antepenúltima. Mas o nó sintático-funcional T,

8 “Syllable Boundary Projection Parameter”. (HALLE; IDSARDI, 1995, p. 407, tradução nossa).

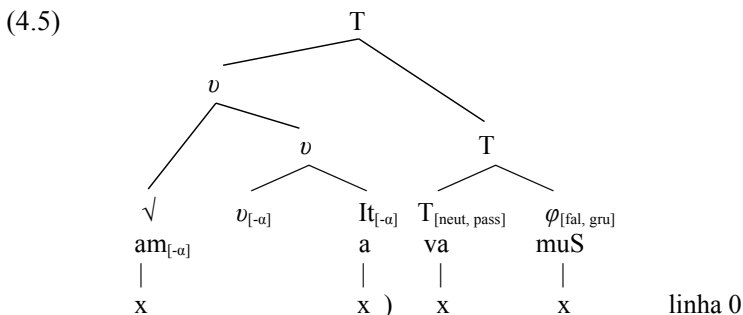
9 1992.

como visto, parece desempenhar um papel decisivo nesse mecanismo, de modo que é preciso que o parâmetro de projeção de fronteiras consiga recuperar esse fenômeno.

Oltra Massuet¹⁰, ao adaptar as regras de marcação de fronteira para o catalão, propõe a marcação de fronteiras na linha 0 a partir da estrutura sintática, de modo a fazer com que o fonema mais proeminente da sequência seja aquele projetado na grade e imediatamente anterior ao nó T. Essa ideia é também implementável no português e a direcionalidade da fronteira projetada é decisiva na inclusão e/ou exclusão dos marcadores projetados em um constituinte, de modo que alguns deles possam ou não ter importância para o mecanismo de acentuação. É exatamente isso que ocorre: o parâmetro de projeção de fronteira silábica, adaptado e dado em (4.4), delimita os marcadores anteriores a T, projetando uma fronteira direita à sua esquerda, fazendo com que as sílabas (no máximo duas em português), que vierem depois dessa marca, não tenham qualquer influência no sistema de acentuação.

- (4.4) *Parâmetro para a projeção de fronteiras silábicas*¹¹
 Projete uma fronteira direita à esquerda de T na linha 0.

O parêntese direito projetado à esquerda de T pode ser visto em (4.5), em que o exemplo (4.1) é retomado.



Algumas das línguas estudadas por Halle e Idsardi¹² dispunham de padrões acentuais fixos, que privilegiavam primeiras ou últimas sílabas de vocábulos. Para dar conta desses fatos, outros dispositivos foram em-

10 1999.

11 Cf. OLTRA MASSUET, 1999; ARREGI, 2000; POMINO, 2008.

12 19895.

pregados, como, por exemplo, o “parâmetro para a marcação da margem”¹³. Já que o português não apresenta características às quais se apliquem tais parâmetros, eles não serão mencionados aqui. Todavia, as

línguas não se limitam só à colocação do acento em elementos próximos da margem ou em elementos com propriedades especiais. As línguas podem, pois, construir conjuntos de constituintes a partir da sequência de elementos métricos. Em todos os casos conhecidos, esses constituintes são binários ou ternários¹⁴.

Como já dito, existem duas posições para o acento do vocábulo verbal simples em português: ou é no item de vocabulário que realiza It ou então no último centro silábico do radical. Essas duas possibilidades são adjacentes e têm, à direita, a margem direita inserida por (4.4). Padrões binários desse tipo, ou semelhantes a ele, podem ser alcançados nas línguas através da implementação do “parâmetro iterativo para a construção de constituintes”¹⁵, (Cf. (4.6)).

(4.6) *Parâmetro para a construção iterativa de constituintes (CIC)*
Insira uma fronteira esquerda ou direita a cada par de elementos.

Esse parâmetro agrupa marcadores em conjuntos de constituintes através do escaneamento na grade e da inserção do parêntese mais adequado. Pode-se dizer, também, que esse parâmetro equivale à aplicação das duas regras de (4.7).

(4.7) CIC: esquerda = $\emptyset \rightarrow (/_xx$ (da direita para a esquerda)
CIC: direita = $\emptyset \rightarrow) /xx_$ (da esquerda para a direita)

Cada uma dessas regras gerará uma série de constituintes binários, quando aplicadas à uma sequência de marcadores, e não têm a opção de construí-los a partir de um número menor de marcadores. Em

13 “Edge-Marking Parameter”. (HALLE; IDSARDI, 1995, p. 408, tradução nossa).

14 “Languages are not limited to placing stresses only on elements near an edge or on elements with special properties. Languages also can construct a train of constituents over the sequence of metrical elements. In all known cases these constituents are either binary or ternary.” (HALLE; IDSARDI, 1995, p. 418, tradução nossa).

15 “Iterative Constituent Construction Parameter” (ICC). (HALLE; IDSARDI, 1995, p. 418, tradução nossa).

português, esse dispositivo delimita exatamente o domínio do acento. Por domínio entende-se aqui o âmbito de alcance e/ou variação da posição de intensidade dos vocábulos verbais: índice temático ou última vogal do radical. A consequência dessa observação é a de que o parâmetro para o português deve ser especificado de acordo com (4.8), abaixo, isto é, à esquerda. No caso de um vocábulo verbal como “amávamos”, retomando (4.5), a projeção no plano métrico seria representada conforme (4.9).

(4.8) *Parâmetro para a construção iterativa de constituintes (CIC)*
Insira uma fronteira esquerda a cada par de elementos.

(4.9)

$\sqrt{\quad}$	$v_{[-\alpha]}$	$It_{[-\alpha]}$	$T_{[neut, pass]}$	$\varphi_{[fal, gru]}$	
am _[-\alpha]		a	va	moS	
x		x	x	x	Projeção: (4.2) linha 0
x		x)	x	x	Projeção: (4.4) linha 0
(x		x)	(x	x	CIC: (4.8) linha 0

A fim de marcar o elemento nuclear em cada constituinte métrico, é sugerido o parâmetro de localização de núcleo (4.10)¹⁶.

(4.10) *Parâmetro para a localização do núcleo*
Projete o elemento mais à direita ou mais à esquerda de cada constituinte na próxima linha da grade.

O parâmetro de localização de núcleo serve de interface interna entre as linhas da grade: para criar outras linhas na grade, é preciso que se projetem mais uma vez determinados elementos, ligados também àqueles elementos já projetados. O parâmetro de localização de núcleo é a única interface interna à grade, de modo que a projeção em cada constituinte se restringe à projeção de um único elemento. Qualquer marcador para além do de *It*, como já visto, não poderá ocupar a posição mais proeminente do vocábulo. Essa é também a situação para aqueles marcadores projetados antes do último centro silábico do radical, uma vez que esses não são controláveis, o que é facilmente observável quando do confronto entre formas como “cantávamos” e “ababadávamos”.

¹⁶ HALLE; IDSARDI, 1995, p. 408.

A sugestão de Oltra Massuet¹⁷ é a de que o catalão, como também o português devido ao CIC, dispõe de núcleo mais à direita (Cf. (4.11)), como interface entre as linhas 0 e 1, tendo como resultado algo como (4.12).

(4.11) *Parâmetro de localização de núcleo*¹⁸

Projete o elemento mais à direita de cada constituinte na próxima linha da grade.

(4.12)

$\sqrt{\text{am}}_{[-\alpha]}$	$v_{[-\alpha]}$	$\text{It}_{[-\alpha]}$	$\text{T}_{[\text{neut, pass}]}$	$\varphi_{[\text{fal, gru}]}$	
		a	va	muS	
x		x	x	x	Projeção: (4.2) linha 0
x		x)	x	x	Projeção: (4.4) linha 0
(x		x)	(x	x	CIC: (4.8) linha 0
		x			Núcleo: (4.11) linha 1

Se a projeção de núcleo for a do marcador mais à esquerda, dois marcadores serão projetados na próxima linha da grade. Isso levaria à não projeção exatamente do elemento mais proeminente da forma “cantávamos”: “á”. Se a projeção do marcador mais à direita for mantida, somente um é projetado: o esperado e mais proeminente (Cf. já (4.12)).

Seria possível questionar a real necessidade do CIC, uma vez que projetam fronteiras na direção oposta à dos núcleos. Ele, no entanto, desempenha um papel fundamental naqueles casos em que a posição tônica não coincide com a do item de vocabulário que realiza It, podendo servir de delimitador e/ou contexto para a atuação de regras, como se verá mais adiante.

Como visto no capítulo três, há dois grupos principais de vocábulos verbais, no que diz respeito às regras atuantes no módulo morfológica: um em que a regra de fusão (3.37) não atua e outro em que sim. No primeiro caso, valem todos os parâmetros e configurações sugeridos até agora para os vocábulos verbais; já nos contextos em que a regra de fusão atua, há uma flutuação da posição mais proeminente, como pode ser observado em (4.13), em que o acento gráfico indica a sílaba de maior intensidade.

17 1999.

18 Cf. OLTRA MASSUET, 1999.

(4.13)	ámo	améi	áme
	ámas	amáste	ámes
	áma	amóu	áme
	amámos	amámos	amémós
	amáis	amástes	améis
	ámam	ámáram	ámem

Atente-se, primeiro, aos presentes do indicativo e do subjuntivo. Nesses tempos, nas formas das primeiras e segundas pessoas do plural, a posição temática é a mais proeminente, nas outras, é a última vogal do radical. Nas formas da primeira e segunda pessoas do plural há, depois do índice temático, um outro elemento silábico, que projeta na grade métrica.

Se (4.2) for adotado como princípio de projeção de marcadores na linha zero, têm-se para as primeiras e segundas pessoas do plural dos presentes do indicativo e do subjuntivo as seguinte grades métricas:

(4.14)	a)	$\sqrt{\quad}$	<i>v</i>	It	T/ φ		
		am		a	muS		
		x		x	x	Projeção: (4.2)	linha 0
		x		x)	x	Projeção: (4.4)	linha 0
		(x		x)	x	CIC: (4.8)	linha 0
				x		Núcleo: (4.11)	linha 1
	b)	$\sqrt{\quad}$	<i>v</i>	It	T/ φ		
		am		a	jS		
		x		x	x	Projeção: (4.2)	linha 0
		x		x)	x	Projeção: (4.4)	linha 0
		(x		x)	x	CIC: (4.8)	linha 0
				x		Núcleo: (4.11)	linha 1
	c)	$\sqrt{\quad}$	<i>v</i>	It	T/ φ		
		am		e	muS		
		x		x	x	Projeção: (4.2)	linha 0
		x		x)	x	Projeção: (4.4)	linha 0
		(x		x)	x	CIC: (4.8)	linha 0
				x		Núcleo: (4.11)	linha 1

d)	$\sqrt{\quad}$	v	It	T/ φ	
	am		e	jS	
	x		x	x	Projeção: (4.2) linha 0
	x		x)	x	Projeção: (4.4) linha 0
	(x		x)	x	CIC: (4.8) linha 0
			x		Núcleo: (4.11) linha 1

As formas da primeira e segunda pessoas do plural estão em total acordo com o padrão geral e, nesses casos, a projeção na grade métrica das vogais subjacentes não afeta o sistema.

Na segunda e terceira pessoas do singular e na terceira pessoa do plural, há uma regra que atua na grade métrica, independente de outras informações que não a da própria grade métrica, de modo a se obterem os padrões acentuais esperados. Essa regra é a apresentada em (4.15).

$$(4.15) \quad x \rightarrow \emptyset \quad / (x_)\# \quad \text{linha 0}$$

Se na linha 0 houver uma sequência de elementos tal que seja igual a “(x x)” e não houver qualquer outro marcador depois dela, ela apaga o último marcador da sequência (Cf. (4.16)). Se o segundo marcador da sequência for apagado, só resta um marcador e esse é, consequentemente, o marcador mais à direita do constituinte formado na linha 0, sendo, portanto projetado na linha um e tornado-se o mais proeminente. O resultado é a forma rizotônica da segunda e terceira pessoas do singular e da terceira pessoa do plural, tanto do presente do indicativo, quanto do presente do subjuntivo.

(4.16) a)	$\sqrt{\quad}$	v	It	T/ φ	
	am		a	S	
	x		x		Projeção: (4.2) linha 0
	x		x)		Projeção: (4.4) linha 0
	(x		x)		CIC: (4.8) linha 0
	(x)		Regra (4.15) linha 0
	x				Núcleo: (4.11) linha 1

b)	$\sqrt{\text{am}}$	v	It a	T/φ \emptyset		
	x		x		Projeção: (4.2)	linha 0
	x		x)		Projeção: (4.4)	linha 0
	(x		x)		CIC: (4.8)	linha 0
	(x)		Regra (4.15)	linha 0
	x				Núcleo: (4.11)	linha 1
c)	$\sqrt{\text{am}}$	v	It a	T/φ N		
	x		x		Projeção: (4.2)	linha 0
	x		x)		Projeção: (4.4)	linha 0
	(x		x)		CIC: (4.8)	linha 0
	(x)		Regra (4.15)	linha 0
	x				Núcleo: (4.11)	linha 1
d)	$\sqrt{\text{am}}$	v	It e	T/φ S		
	x		x		Projeção: (4.2)	linha 0
	x		x)		Projeção: (4.4)	linha 0
	(x		x)		CIC: (4.8)	linha 0
	(x)		Regra (4.15)	linha 0
	x				Núcleo: (4.11)	linha 1
e)	$\sqrt{\text{am}}$	v	It e	T/φ \emptyset		
	x		x		Projeção : (4.2)	linha 0
	x		x)		Projeção : (4.4)	linha 0
	(x		x)		CIC: (4.8)	linha 0
	(x)		Regra (4.15)	linha 0
	x				Núcleo: (4.11)	linha 1

f)	√	v	It	T/φ	
	am		e	N	
	x		x		Projeção: (4.2) linha 0
	x		x)		Projeção: (4.4) linha 0
	(x		x)		CIC: (4.8) linha 0
	(x)		Regra (4.15) linha 0
	x				Núcleo: (4.11) linha 1

O último caso a ser tratado é a primeira pessoa do singular de ambos os tempos. Como visto no capítulo anterior, esse contexto opera diferentemente de acordo com o modo. No presente do subjuntivo a regra (4.15) atua e a forma esperada é gerada sem maiores problemas, como se pode ver em (4.17).

(4.17)	√	v	It	T/φ	
	am		e	Ø	
	x		x		Projeção: (4.2) linha 0
	x		x)		Projeção: (4.4) linha 0
	(x		x)		CIC: (4.8) linha 0
	(x)		Regra (4.15) linha 0
	x				Núcleo: (4.11) linha 1

Mas, como afirmado na subseção 3.3.2, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo há a inserção do índice temático *default*, conforme (4.18).

(4.18)	√	v	It	T/φ	
	am		a	o	
	x		x	x	Projeção: (4.2) linha 0
	x		x)	x	Projeção: (4.4) linha 0
	(x		x)	x	CIC: (4.8) linha 0
			x		Núcleo: (4.11) linha 1

Se ficar como está, o núcleo mais proeminente não é o esperado: /a/ do radical. (4.18) é o resultado geral da inserção vocabular e das respectivas projeções na grade métrica. Contudo, não se deve esquecer que há nesse caso específico uma regra, já apresentada, que apaga o item

de vocabulário que realiza o nó It, quando o item de vocabulário que o segue for /o/. Como o domínio do acento está delimitado e não há nele outro núcleo que possa realizá-lo, o acento só pode ser alocado para o outro núcleo projetante daquele domínio. Devido à presença da fronteira direita à esquerda de T, não há como o acento ser deslocado para a direita, tampouco ir além da última vogal do radical à esquerda. Desse modo, a forma esperada /^lamo/ é gerada.

Os exemplos elencados até agora exemplificam o comportamento do conjunto de verbos da primeira conjugação. No plano métrico a segunda e terceira conjugações têm um comportamento idêntico, embora tenham outros itens lexicais especificados para o nó It nos diferentes tempos.

Além desses contextos, seria possível esperar que a regra (4.15) atuasse, também, em várias pessoas do singular do futuro do subjuntivo, uma vez que também não há nesses casos quaisquer marcadores projetados depois da fronteira inserida à esquerda de T. Isso não ocorre porque nesse tempo os nós T e φ não são fusionados, condição *sine qua non* para a aplicação da regra de apagamento de marcadores da grade.

No pretérito perfeito do indicativo a regra de fusão também atua, mas como se pode depreender de (4.13) e do que foi dito até aqui, a projeção de um marcador na grade métrica, depois da fronteira inserida à esquerda de T, impede a aplicação da regra (4.15). É interessante atentar para o fato de que na terceira pessoa do plural os nós não fusionam e é exatamente isso que faz com que seja inserido um item lexical para T, que também projeta na grade métrica, possibilitando a manutenção do acento no índice temático. Para esse contexto não há qualquer item especificado na lista (3.48), de modo que o item /ra/ é inserido e a forma esperada obtida. Se não fosse assim, a regra (4.15) encontraria, provavelmente, aí um contexto para a sua aplicação, dando origem a um sincretismo com a terceira pessoa do plural do presente do indicativo.

Com esse mecanismo, o acento de todas as formas verbais simples dos modos indicativo e subjuntivo do sistema verbal do português, admitidas como tais nesse trabalho, pode ser previsto.

5 Considerações finais

Trabalhar com o sistema verbal do português é o mesmo que abrir a caixa de Pandora. Durante todo o percurso, sistematicamente, apareceram problemas, como efeitos colaterais das decisões tomadas. Assim, não há como se tratar um aspecto sem levar em consideração outros tantos, uma vez que qualquer alteração tem implicações noutro ponto. Como se viu no começo do texto, Oltra Massuet e as respectivas adaptações de Arregi e Pomino tentaram inovar o modo de tratar os vocábulos verbais, mesmo que isso tenha lhes custado caro: para manter sua proposta de pé, tiveram que ignorar um nó inserido entre T e Agr. O fato de não se ter seguido essa abordagem aqui, não significa que as vogais dos itens de vocabulário inseridos para T não possam ser tratadas como índices temáticos. A questão aí envolvida é a da coerência intrapostulados. Mesmo assim, essa nova maneira de tratar velhos conhecidos abriu portas para interessantes análises e chamou a atenção para um ponto bastante interessante: a necessidade de um melhor estudo dos índices temáticos.

O objetivo do texto apresentado nas páginas anteriores era criar um sistema capaz de gerar as formas dos vocábulos verbais dentro de um modelo que integra sintaxe e morfologia. Para isso foi necessário delimitar muito seu âmbito de atuação, principalmente no que diz respeito à interpretação das propriedades temporais. Contudo, em relação a esse ponto, não se tinham outras pretensões durante o processo de escritura: a ideia era fazer um sistema controlado que funcionasse e, a partir dele, se possam ir fazendo as devidas adaptações para a maior abrangência de contextos possível.

Muitos aspectos foram deixados de fora. Dentre eles estão a demonstração da aplicação dos princípios aos verbos irregulares e a da interação do sistema aqui proposto com a geração da sentença, por exemplo. Mas mesmo nesses dois casos, e por não se postular a visão radical da ausência total de traços fonológicos nas raízes, não é difícil de se prever a formalização a ser dada aos verbos irregulares, ou como T seria inserido na sentença. Não que não se tenha trabalhado sobre esses aspectos, mas essas frentes de trabalho tiveram que ser cortadas por todos os desdobramentos que ensejam, inclusive por sugestão da banca de qualificação do projeto de tese, mesmo que o preço a ser pago seja o do caráter de grande delimitação do escopo que perpassa o texto.

Independente dessas questões, a inter-relação entre a estrutura

dos vocábulos verbais e o algoritmo de acentuação parecem ser de estrema valia, uma vez que as propriedades prosódicas têm, no âmbito do contexto verbal, adquirido cada vez mais importância. Os efeitos dessa relação se refletem nos vários aspectos abordados de modo diferente dos tradicionais livros de morfologia, principalmente, em quatro pontos: o primeiro deles diz respeito ao pretérito imperfeito do indicativo da segunda e terceira conjugações. O que antes era tratado como um morfema modo-temporal individual foi dividido em dois itens de vocabulário, inseridos para nós distintos, devido às regras do algoritmo de acentuação: ou o acento recai na última vogal do radical ou no índice temático. Assim, as regras que antes atuavam nesses vocábulos para a sua correta geração estavam alocadas na fonologia e esses fenômenos passaram a ser tratados na morfologia, sendo a inserção vocabular mera consequência das operações realizadas nesse módulo. Esse movimento de solução de vários aspectos, antes tratados na fonologia, agora, na morfologia, é um reflexo dos postulados da morfologia distribuída: estrutura sintática hierárquica, inserção fonológica tardia e subespecificação de itens. Isso, todavia, não exclui operações fonológicas do sistema, apenas as reduz significativamente através do emprego de um número menor de símbolos.

Também como efeito de restrição de uma regra, a de fusão, a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo pôde ser abordada de modo bastante interessante. Nesse caso, se a regra de fusão não aplicar, só há uma possibilidade para a realização das formas da terceira pessoa do plural nesse tempo: conter um /ra/, em aberto, para a inserção no nó T^0 , uma vez que esse é o item de vocabulário menos especificado da lista para aquele nó.

A análise proposta para o presente do subjuntivo, com certeza, é a que mais destoa de todas as propostas na bibliografia para o sistema verbal do português. Por não se postularem formas derivadas, e por se ter mantido a inserção do índice temático subjacente na primeira pessoa do indicativo, o parâmetro geral de que todos os vocábulos verbais dispõem de um índice temático, refletindo propriedades intrínsecas das raízes, só pode ser analisado nesse tempo como sendo cumprido por meio de uma regra morfológica atuante no módulo morfologia que condiciona a inserção lexical, isto é, pela manipulação dos traços dos nós, os itens inseridos são outros, que não aqueles característicos para as três conjugações. Esse tratamento está coerentemente relacionado ao algoritmo de acentuação que privilegia o índice temático com o centro silábico

mais proeminente. Assim, pelo modo como está configurado o sistema, é possível se preverem também as formas rizotônicas, além de se possibilitar o tratamento de processos como a alternância da vogal do radical sem que se recorra a uma vogal subjacente na posição temática ou se dependa da posição do acento.

Já a análise dada ao futuro do presente e ao futuro do pretérito do indicativo se deveu, principalmente, ao fato de o processo de gramaticalização não se ter cristalizado no português. É sabido que o fenômeno da *tnese* está em franco desuso, mas não raro se encontram textos, como os do direito, por exemplo, em que essa construção é frequente, de modo que não pode ser ignorada. Se é assim, as possibilidades de inserção de material entre um nó sintático-funcional e um índice temático, ou cortar um item de vocabulário para a inserção de material fonológico, é bastante complicado. Por isso, assumiu-se aqui que esses tempos ainda preservam a estrutura da construção perifrástica latina, mesmo que o verbo auxiliar já tenha erodido e se pareça com um sufixo.

O tratamento desses aspectos foi feito de modo a demonstrar que seus comportamentos são motivados como decorrência de postulados gerais, que operam em todo o sistema. Não só os itens de vocabulário foram tratados como subespecificados, mas também as regras, tanto morfológicas quanto fonológicas, atendendo à coerência interna dos postulados.

O resultado geral não foi, então, uma reformulação da tradicional fórmula do vocábulo verbal português (Radical+VT+DMT+DNP), mas, sim, dos expoentes, ou itens de vocabulário (cf. as litas de (5.1), (5.2) e (5.3)), que recobrem aquelas propriedades e suas inter-relações. O vocábulo verbal do português tem, assim, a estrutura geral apresentada em (5.5), sobre a qual podem atuar regras morfológicas e, depois da inserção vocabular, fonológicas (Cf. (5.4)).

(5.1) Lista final de itens de vocabulário para o nó It

- | | | | |
|----|-----|---|--------------------|
| a. | /e/ | ↔ | It _[+β] |
| b. | /i/ | ↔ | It _[+α] |
| c. | /a/ | ↔ | It |

(5.2) Lista final de itens de vocabulário para o nó φ

- | | | | |
|----|--------|---|---------------------------------------|
| a. | /des/ | ↔ | T _{[perf, pres]([subj])} |
| a. | /i/ | ↔ | T/φ _[perf, pres, fal, ind] |
| b. | /SteS/ | ↔ | T/φ _[perf, pres, des, gru] |

sa margem é a que delimita a posição mais à direita que o acento pode ocupar. À esquerda essa posição é alcançada pelo parâmetro de construção iterativa de constituintes, delimitando o âmbito de variação da posição tônica: índice temático ou última vogal do radical. Por meio do parâmetro para a localização do núcleo, o elemento mais à direita é projetado na próxima linha da grade, identificando a sílaba de maior proeminência. Com apenas mais duas regras, contextualmente especificadas, é possível se prever com exatidão também o movimento de deslocamento que dá origem às formas rizotônicas.

O sistema como previsto aqui é só o primeiro passo. Quantos efetivamente serão dados não é sabido, mas que a caminhada será longa está evidente.

6 Referências Bibliográficas

ALCÂNTARA, C. da C. **As classes formais do português e sua constituição: um estudo à luz da morfologia distribuída**. Tese (Doutorado em linguística), P.U.C., Porto Alegre, 2002.

ARONOFF, M. **Morphology by itself**. Stems and Inflectional Classes. Cambridge, Massachusetts: M.I.T. Press, 1994.

ARREGI, K. **How Spanish verb works**. 2000. Disponível em <<http://www.uiuc.edu/~Karlos>>. Acesso em: 01 mar. 2009.

BENVENISTE, É. Mutations of linguistic categories. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.) **Directions for historical linguistics: A symposium**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 83-94.

BYBEE, J. L. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Amsterdam: J. Benjamins, 1985.

CAFEZEIRO, E. M. **A metafonía portuguesa: aspectos sincrônicos e diacrônicos**. Tese (Doutorado em linguística), UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

CHOMSKY, N. A. **O programa minimalista**. Tradução e prefácio: Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.

CINQUE, G. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective**. New York: Oxford University Press, 1999.

COELHO, A. **Theoria da conjugação em latim e português**. Lisboa: Thipographia Universal, 1870.

COMRIE, B. **Tense**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

CORÔA, M. L. M. S. **O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica**. Brasília: Thesaurus Editora, 1985.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

EMBICK, D. Features, Syntax and the Categories in the Latin Perfect. **Linguistic Inquiry**, v. 31, n. 2, p. 185-230, 2000.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed morphology and the syntax-morphology interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. **The Oxford handbook of linguistic interfaces**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 289-324.

FERNANDES, F. **Dicionário gramatical português**. Porto Alegre: Globo, 1955.

FREITAG, R. M. K. Tempo na frase e tempo no texto: as teorias de Reichenbach e de Rojo e Veiga. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. 2, p. 389-413, 2005.

GIORGI, A.; PIANESI, F. **Tense and aspect: from semantics to morphosyntax**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

HALLE, M. Distributed morphology: impoverishment and fission. **M.I.T. working papers in linguistics**, v. 30, p. 425-449, 1997.

HALLE, M.; IDSARDI, W. General properties of stress and metrical structure. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell, 1995. p. 403-443.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In HALE, K.; KEYSER, S. J. (Ed.). **The view from building 20: essays in linguistic in honor of Sylvian Bromberger**. Cambridge, Massachusetts: The M.I.T. Press, 1993.

_____. Some key features of distributed morphology. **M.I.T. working papers in linguistics**, v. 21, p. 275-288, 1994.

HARLEY, H.; RITTER, E. Person and number in pronouns: a feature geometric analysis. **Language**, v. 78, n. 3, 2002.

HAYWARD, R. J. Qafar (East Cushitic). In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. M. **The handbook of morphology**. Oxford: Blackwell, 1998. p. 624-647.

HORNSTEIN, N. **As time goes by: tense and universal grammar**. Cambridge, Massachusetts: The M.I.T. Press, 1990.

IDSARDI, W. **The computation of prosody**. Tese (doutorado em Linguística), M.I.T., Massachusetts, 1992.

IMANISHI, E. C. **O processo de metáfora nos verbos**. Dissertação (Mestrado em linguística), PUC, Campinas, 1975.

MARANTZ, A. A Late Note on Late Insertion. In: YOUNG-SUN KIM; *et al.* (Ed.). **Explorations in Generative Grammar**. Seoul: Hankuk Publishing Co., 1995, p. 396-413.

MATTOSO CAMARA Jr., J. **Estrutura da língua portuguesa**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. **Princípios de Lingüística Geral**: como introdução aos estudos

superiores de língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

_____. **Introdução às línguas indígenas brasileiras.** 3. ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1977.

_____. **Dicionário de lingüística e gramática:** referente à língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 1986.

MONACHESI, P. **The verbal Complex in Romance:** a case study in grammatical interfaces. New York: Oxford University Press, 2005.

MURAVYOVA, I. A. Chukchee (Paleo-Siberian). In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. M. **The handbook of morphology.** Oxford: Blackwell, 1998. p. 521-538.

NOYER, R. **Features, positions and affixes in autonomous morphological structure.** Tese (Doutorado em linguística), M.I.T., Massachusetts, 1992.

OLTRA MASSUET, M. I. On the notion of theme vowel: a new approach to catalan verbal morphology. **M.I.T. Occasional papers in linguistics**, n. 19, 1999.

PENNY, R. **A history of the spanish language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

POMINO, N. **Spanische Verballflexion.** Tübingen: Niemeyer, 2008.

REICHENBACH, H. **Elements of symbolic logic.** New York: Macmillan Co., 1947.

REMBERGER, E. M. **Eigenschaften und Position von Hilfsverben:** eine minimalistische Analyse am Beispiel des Italienischen und Sardischen. Tese (Doutorado em linguística), Freie Universität zu Berlin, Berlin, 2006.

ROBERTS, I.; ROUSSOU, A. **Syntactic change:** a minimal approach to grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SCLIAR-CABRAL, L. **Introdução à linguística.** Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

VICKNER, S. Reichenbach revisited: one, two, or three temporal relations? **Acta linguistica hafniensia**, v. 19, n. 2, p. 81-98, 1985.

VIGÁRIO, M. Pronominal cliticization in European Portuguese: a postlexical operation. **Catalan working papers in linguistics**, n. 7, p. 219-237, 1999.

WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português:** fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

_____. On the notions 'Lexically Related' and 'Head of a Word'. **Linguistic Inquiry**, v. 12, n. 2, p. 245-274, 1981.